

ROMANOS

Introdução

Esboço

Capítulo 1	Capítulo 5	Capítulo 9	Capítulo 13
Capítulo 2	Capítulo 6	Capítulo 10	Capítulo 14
Capítulo 3	Capítulo 7	Capítulo 11	Capítulo 15
Capítulo 4	Capítulo 8	Capítulo 12	Capítulo 16

INTRODUÇÃO

Destinatários Originais. Lucra-se mais na leitura das epístolas do Novo Testamento obtendo-se o maior número de dados possíveis, sobre as pessoas que foram os primeiros destinatários dessas obras. Isto é mais do que certo quanto à carta aos romanos. Embora a maior parte dos primeiros onze capítulos do livro pareça ser bastante universal, nos últimos cinco capítulos, o leitor toma conhecimento de uma comunidade em particular com necessidades particulares. Percebemos então que os ensinamentos contidos nos onze capítulos, embora universais em sua aparência, contêm uma certa ênfase que Paulo achou especialmente necessária dar aos crentes em Roma (uma base justa para o julgamento daqueles que não conhecem a lei judia, o relacionamento dos gentios com Abraão e os patriarcas, e outros).

O apóstolo endereça sua carta aos crentes – "A todos os amados de Deus, que estás em Roma, chamados para serdes santos" (1:7). Em suas cartas às igrejas Paulo costumava colocar a palavra "igreja" na saudação (cons. I Co. 1:2; II Co. 1:1; Gl. 1:2; I Ts. 1:1; II Ts. 1:1) ou a palavra "santo" como título daqueles a quem se dirigia (Ef. 1:1; Fp. 1:1; Cl. 1:2). A saudação aqui é uma variação do segundo dos dois procedimentos. Em Romanos ela não subentende uma organização eclesiástica fortemente unida, e o capítulo 16 dá um quadro de pequenos grupos de crentes em vez de um só grupo grande.

Esses crentes eram predominantemente judeus ou gentios? A resposta deve ser dada à luz do que Romanos declara explicitamente. É verdade que uma grande parte do conteúdo se relaciona com o povo judeu – como Deus lidou com eles no passado, lida com eles no presente e lidará com eles no futuro. Mas os leitores são tratados de um modo que não deixa dúvidas, quanto ao fato de serem predominantemente gentios (veja 1:5, 6; 1:13; 11:13; 15:15, 16). Havia provavelmente cristãos judeus na igreja, mas constituíam a minoria.

Parece-nos pertinente perguntar como a igreja em Roma foi organizada. Infelizmente não existem documentos do primeiro século que nos forneçam a resposta. Algumas sugestões têm sido apresentadas. Já se afirmou que "estrangeiros em Roma, judeus e prosélitos", que testemunharam a vinda do Espírito Santo (Atos 2:10) retornaram à cidade, e organizaram ali um núcleo de crentes. Entretanto, os cristãos, depois do Pentecostes, não se sentiram imediatamente diferentes dos judeus, nem começaram a organizar igrejas locais separadas das sinagogas. Daí, o começo de uma igreja cristã em Roma, logo depois do Pentecoste, não parece provável. Outros crêem que a igreja em Roma foi organizada por missionários da Antioquia (cons. Hans Lietzmann, *The Beginnings of the Christian Church*, trad. Bertram Lee Woolf, págs. 111, 133, 199). Uma vez que Antioquia era um centro missionário, parece certamente plausível. Mas a melhor das sugestões parece que diz que a igreja foi organizada e cresceu com os convertidos por Paulo, Estêvão e outros apóstolos que viajaram à cidade imperial a negócios, ou para se estabelecerem lá.

Quando Pedro e Paulo chegaram a Roma? Quando se comparam as declarações dos Pais da Igreja primitiva com as evidências do Novo Testamento, parece improvável que algum dos apóstolos fosse a Roma antes do ano 60 A.D., isto é, diversos anos depois de escrita a carta aos romanos. Se Pedro estivesse em Roma quando Paulo escreveu esta epístola, Paulo certamente o teria saudado. O desejo que Paulo tinha de há muito de pregar em Roma (Rm. 1:11-13) e sua política de não edificar

sobre os fundamentos lançados por outro homem (15:20) toma improvável, que Pedro fosse a Roma antes da ocasião da carta aos romanos.

Autoria e Data. É quase universal a concordância que Paulo foi o autor desta epístola. Isto se baseia nas declarações dos capítulos 1 e 15, no estilo e argumentação proposta nos capítulos intermediários, e no testamento de todos aqueles de antigamente, que citam a epístola.

As únicas dúvidas quanto à autoria relacionam-se com o capítulo 16 e as doxologias. Em 16:3-16 há uma longa lista de pessoas às quais foram enviadas saudações. Priscila e Áqüila foram mencionados em 10:3-5, mas Atos 18:18, 19 declara que Paulo os deixou em Éfeso. Por causa disso, alguns concluíram que Romanos 16, que contém esses nomes, foi originalmente endereçado por Paulo a Éfeso. Epêneto foi mencionado em 16:5, onde é chamado de um dos primeiros frutos da Ásia (isto é, da Ásia Menor). Disto também dá para concluir que esta parte foi escrita para Éfeso. Mas as evidências não exigem tal conclusão. Priscila e Áqüila viajavam muito. Uma vez que vieram da Itália (Atos 18:2) não seria estranho que para lá retomassem. O fato de Epêneto ser o primeiro convertido da Ásia Menor, não prova que tenha morado lá toda a sua vida. Uma das consistentes práticas de Paulo, nas saudações, era de não mencionar ns nomes dos indivíduos nos lugares onde pessoalmente ministrara (cons. I Co., II Co., I e II Ts., Fp., Ef. [Éfeso e Ásia Menor] e Gl.). Mas em Romanos e Colossenses ele cita nomes de pessoas nas saudações. Nos lugares onde não estivera, ele poderia incluir todos os conhecidos, a fim de estabelecer contato. Ou se fizesse uma seleção, o propósito seria evidente, de modo que ninguém se sentisse negligenciado.

São cinco as doxologias ou bênçãos – 15:13; 15:33; 16:20; 16:24; 16:25-27. Em cada caso, ou Deus ou Cristo são invocados para realizarem algo, para ficarem com os leitores, ou para fornecerem-lhes graça. A primeira (15:13) conclui a seção com uma explanação de Paulo, a respeito da ética cristã, e a necessidade de os cristãos viverem em

harmonia e em entendimento mútuo. A segunda (15:33) termina a seção, na qual Paulo fala de seus planos de viagem e de sua intenção de levar uma coleta a Jerusalém, e pede orações em favor dessa coleta e sua ida a Roma. A terceira (16:20) segue-se a uma advertência contra aqueles cujas atitudes e palavras são contrárias aquilo que foi ensinado. Paulo assegura a seus leitores que Deus, que dá a paz, logo esmagará Satanás sob os seus pés. Enquanto isso, Paulo expressa seu mais profundo desejo, que a graça do Senhor Jesus possa lhes pertencer. A quarta (16:24), não tendo bons manuscritos como prova para sustentá-la, foi omitida em todas as versões modernas com base em um texto grego melhor. A última (16:25-27) é a mais interessante de todas, porque se encontra em diversos lugares nos manuscritos antigos. A família dos textos alexandrinos, e o Manuscrito D da família dos textos orientais, contêm esta doxologia um tanto longa, bem no final do capítulo 16. É aí que deve estar. Alguns outros manuscritos a colocam depois de 14:23. Alguns poucos a colocam depois de 14:23 e em 16:25-27. Um manuscrito, o G, omite esta doxologia completamente. O manuscrito do papiro P⁴⁶, coloca-a depois de 15:33.

Alguns mestres tem tentado mostrar que o conteúdo desta última doxologia, caracteriza-o como tendo sido composto no segundo século, como fórmula litúrgica de conclusão (cons. John Knox, "Romanos", *The Interpreter's Bible*, IX, 365-68). Dr. Hort, há quase um século atrás, comparou cuidadosamente suas frases com frases de cartas paulinas anteriores e posteriores, e descobriu um notável número de semelhanças (F.J. A. Hort, "On the End of the Epistle to the Romans", in *Biblical Essays*, compilado por J.B. Lightfoot, págs. 324-329). Conclui-se daí, que existem boas provas para apoiar a autoria de Paulo nesta doxologia final, além do fato de que, se encontra no final ou perto do final de Romanos.

Mas, por que deveria esta doxologia do final de Romanos, aparecer em diferentes lugares nos diversos manuscritos? Um certo número de fatores podem ter desempenhado o seu papel. Orígenes, no seu

comentário sobre a Epístola aos Romanos, declara que o herético Marcion (que fez seus rasgos de pena entre 138-150 A.D.), cortou o final do livro de Romanos a partir de 14:23. Seguidores de Marcion teriam produzido cópias que paravam nesse ponto. Além disso, os títulos das seções – frases sucintas descrevendo o conteúdo estão ausentes dos dois últimos capítulos, nos dois manuscritos da Vulgata – Codex Amiatinus e Codex Fuldensis. A omissão desses capítulos para o público leitor, teria influenciado a colocação da doxologia. Novamente, Paulo ou os cristãos de Roma, imediatamente após sua morte, podem ter encurtado a epístola, a fim de fazê-la circular pelas outras igrejas. O próprio fato de termos tantos manuscritos antigos da carta aos romanos, permite-nos, perceber algumas dessas divergências e observar o que os melhores manuscritos têm produzido. Quer consideremos os manuscritos da mais alta qualidade (o mais importante) ou a quantidade total, a maior parte deles incluem o livro de Romanos todo, com exceção de 16:24, que indubitavelmente não fazia parte do texto original.

Esta carta foi escrita por Paulo em sua terceira viagem missionária. Uma vez que o apóstolo passou três meses na Grécia (Atos 20:3) e ele recomendava Febe, a diaconisa de Cencréia (porto ocidental de Corinto) que, provavelmente, foi a portadora da carta a Roma, é muito provável que a carta fosse escrita em Corinto. Mas é possível também, que outra cidade grega, Filipos por exemplo, fosse o lugar. As datas da epístola têm se situado entre 53 A.D, a 58 A.D. Os anos de 55 ou 56 parecem ser os mais prováveis.

Ocasão e Propósito da Carta. O apóstolo planejou deixar a Grécia e ir para a Palestina com a coleta que recolhera entre as igrejas gentias. Paulo queda que essa coleta fosse apresentada aos santos pobres de Jerusalém por ele, além dos representantes das igrejas gentias. Ele achava que esse gesto dos gentios demonstraria o amor deles, pelos irmãos cristãos da Palestina, e demonstrada a unidade da igreja. Pretendia ir depois para Roma. De Roma queda ir para à Espanha. Antes

de Paulo virar as costas, por algum tempo, para seus alvos ocidentais, escreveu esta potente carta aos Romanos e a enviou para o ocidente.

Que tipo de carta é a Epístola aos Romanos? Foi escrita para um grupo (ou grupos) de crentes em Roma. O fato de que expressa pensamentos grandes, profundos e sublimes sobre Deus, não invalida a classificação deste livro como carta. Paulo orava pelos leitores incessantemente (1:9, 10) e ansiava por ter comunhão com eles (1:11). Queria que orassem por ele por causa dos perigos que o ameaçavam (15:30-32). Daí, Romanos não é um tratado de doutrina sistemática. Os pensamentos de Paulo sucedem-se logicamente, mas ele certamente não procura apresentar todos seus ensinamentos doutrinários.

Romanos não é também um ensaio polêmico - Cristianismo Paulino contra Cristianismo Judeu. A unidade e a união entre os crentes é central na metáfora da oliveira em Romanos 11. Romanos é uma carta de instruções no que se refere aquelas verdades principais do Evangelho, que Paulo sentia fossem mais necessárias aos que se encontravam em Roma. Uma vez que as necessidades dos gentios eram as mesmas, estivessem em Roma ou em Colossos, a carta tem um toque universal. Romanos é um resumo das verdades fundamentais que Paulo ensinou nas igrejas, onde passou algum tempo proclamando o Evangelho. Um dos motivos porque esta epístola tem uma tão grande influência é que Deus orientou seu servo, a apresentar estes pensamentos soberbos numa carta para que mestres e leigos, igualmente, pudessem se apropriar das verdades que moldaram seu destino eterno.

Desenvolvimento do pensamento. Paulo começa com alguns comentários preliminares preparando o leitor para tudo quanto ele pretende escrever (1:1-17), e assim estabelece uma harmonia excelente entre ele próprio e seus leitores. Depois ele se atira ao assunto da importância da justiça no relacionamento entre o homem com Deus (1:18 – 8:39). Primeiro, destaca originalmente que o homem não é justo, depois cuidadosamente responde a questão: Como um homem se torna justo diante de Deus? Reforça a questão com a discussão de como o

homem justificado diante de Deus, deveria viver. Sendo judeu, Paulo olhava para a humanidade como se fosse dividida em duas classes - judeus e gentios. Como cristão, como olhar para essas duas divisões? Ele responde a pergunta quando examina o plano de Deus para o judeu e para o gentio (9:1 – 11:36). Aqui ele estabelece uma posição distinta para a história da filosofia cristã. Depois, indo para a área da aplicação, dá exortações específicas para os cristãos romanos, quanto a sua aparência, atitudes e práticas (12:1 – 15:13). Concluindo, ele mostra seu interesse profundo pelos crentes romanos (15:14 – 16:27). Eles se encontravam em sua região e ele pretendia visitá-los. Até que isso fosse possível tinha de lhes enviar sudações por carta, admoestando-os e entregando-os a Deus, pois só Ele poderia firmá-los.

Ao estudar Romanos, não devemos nos esquecer do todo, ao qual cada passagem individual pertence. Arrancar uma passagem do seu contexto, sempre é prejudicial; em Romanos, isto pode produzir, uma inversão completa do que Paulo quis dizer.

ESBOÇO

- I. Afirmações introdutórias de Paulo, o apóstolo. 1:1-17.
 - A. Revelação da identidade do escritor. 1:1.
 - B. O Evangelho identificado com Jesus Cristo. 1:2-5.
 - C. Saudações aos leitores. 1:6, 7.
 - D. O interesse de Paulo nos romanos, parte de uma preocupação maior. 1: 8-15.
 - E. Natureza e conteúdo do Evangelho resumidos. 1:16, 17.
- II. Justiça – a chave do relacionamento do homem com Deus. 1:18 – 8:39.
 - A. A justiça é o "status" necessário para o homem se apresentar diante de Deus. 1:18 – 5:21.
 1. O fracasso do homem em alcançar a justiça, 1: 18 - 3 : 20.
 - a. A negligência dos gentios, 1 : 18-32.
 - b. A negligência do homem que julga em contraste com o

-
- justo juízo de Deus. 2:1-16.
 - c. A negligência do judeu. 2:17-29.
 - d. Objeções contra os ensinamentos de Paulo com base na negligência do homem. 3:1-8.
 - e. A negligência de toda a humanidade diante de Deus. 3:9-20.
2. A justiça alcançada pela fé, não por obras legalistas. 3:21-31.
 3. A justiça pela fé na vida de Abraão. 4:1-25.
 - a. Sua justiça alcançada pela fé, não pelas obras. 4:1-8.
 - b. Abraão feito o pai de todos os que crêem pela fé, antes da circuncisão. 4:9-12.
 - c. Realização da promessa pela fé, não pela lei. 4 : 13-16.
 - d. Deus, Senhor da morte, o objeto da fé de ambos, de Abraão e do cristão. 4:17-25.
 4. Centralidade da justiça pela fé nas vidas individuais e na estrutura da história. 5:1-21.
 - a. Efeitos da justiça pela fé sobre os recipientes. 5:1-11.
 - b. Efeitos da desobediência de Adão e da obediência de Cristo. 5:12-21.
- B. A justiça como a maneira do cristão viver diante de Deus. 6 :1 – 8:39.
1. Sofisma sobre o pecar para que a graça abunde. 6: 1-14.
 2. Sofisma sobre o pecar porque os crentes estão sob a graça, não sob a lei. 6:15 – 7:6.
 - a. Fidelidade, fruto, destino. 6:15-23.
 - b. Anulamento e novo alistamento causado pela morte. 7:1-6.
 3. Perguntas que surgem por causa da luta contra o pecado. 7 : 7-25.
 - a. A Lei é pecado? 7:7-12.
 - b. Aquilo que é bom é a causa da morte? 7:13, 14.
 - c. Como pode ser resolvido o conflito interno? 7:15-25.
 4. A vitória através do Espírito ligada ao propósito e ação de

Deus. 8:1-39.

- a. Libertação do pecado e morte pela atividade do Pai, Filho e Espírito. 8:1-4.
- b. A disposição da carne versus a do Espírito. 8 : 5-13.
- c. Orientação e testemunho do Espírito. 8 : 14-17.
- d. A consumação da redenção esperada pela criação e crentes igualmente. 8:18 -25 .
- e. O ministério intercessor do Espírito. 8:26, 27.
- f. O propósito de Deus para aqueles que o amam. 8:28-30.
- g. Triunfo dos crentes sobre toda oposição. 8:31-39.

III. Israel e os gentios no plano de Deus. 9:1 – 11:36.

A. A preocupação de Paulo por Israel, o seu povo. 9: 1-5.

B. Deus é livre, justo e soberano em seu relacionamento com Israel e com todos os homens 9:6-29.

1. A escolha que Deus fez de Isaque e não dos outros filhos de Abraão. 9:6-9.
2. A escolha que Deus fez de Jacó e não de Esaú. 9:10-13.
3. A misericórdia de Deus para com Israel e o endurecimento de Faraó. 9:14-18.
4. O controle de Deus sobre os vasos da ira e da misericórdia. 9:19-24.
5. O testemunho de Deus em Oséias e Isaías numa extensão e limitação da sua obra salvadora. 9:25-29.

C. O fracasso de Israel e o sucesso dos gentios. 9:30 – 10:21.

1. Os gentios obtiveram o que Israel perdeu. 9:30-33.
2. A justiça de Deus ignorada por Israel. 10:1-3.
3. Relação entre a justiça da fé e o objeto da fé. 10:4-15.
4. As Boas novas rejeitadas. 10:16-21.

D. A situação de Israel no tempo de Paulo. 11:1-10.

E. A perspectiva de Israel para o futuro. 11:11-36.

1. Estágio de bênção da queda de Israel e sua plenitude. 11:11-15.

2. Os gentios individualmente não têm do que se vangloriar. 11:16-21.
 3. A bondade e a severidade de Deus expostas por sua reação à crença e a incredulidade. 11:22-24.
 4. Salvação para o povo de Israel. 11:25 -27.
 5. A misericórdia de Deus exaltada por sua ação na história. 11:28-32.
 6. A excelência e a glória de Deus - a Fonte, o Sustentador e o Alvo de todas as coisas. 11:33-36.
- IV. A atitude e a conduta que se espera dos cristãos em Roma. 12:1 – 15:13.
- A. Consagração de corpo e mente. 12:1, 2.
 - B. A humildade no uso dos dons divinos. 12:3-8.
 - C. Características da personalidade a serem exemplificadas. 12:9-21.
 - D. Submissão à autoridade do governo deve ser acompanhada de um modo de vida dedicado e honesto. 13:1-14.
 - E. Tolerância necessária para com as consciências fortes e fracas. 14:1 – 15:13.
 1. Diferenças de opinião sobre o alimento ou dias especiais, 14:1-6.
 2. O juízo é do Senhor, não dos irmãos. 14:7-12.
 3. Remoção de pedras de tropeço. 14:13-23.
 4. Os fortes devem ajudar os fracos e não agradarem-se a si mesmos. 15:1-3.
 5. Glória dada a Deus pela paciência, consolação e harmonia. 15:4-6.
 6. O ministério de Cristo tanto a judeus como a gentios. 15 : 7-13.
- V. Itens de interesse pessoal e cuidado pelos leitores. 15:14 – 16:27.
- A. Os motivos de Paulo escrever ousadamente a leitores

- maduros. 15:14-16.
- B. Confirmação sobrenatural da obra missionária pioneira de Paulo. 15:17-21.
 - C. Planos de viagem: Jerusalém, Roma, Espanha. 15:22-29.
 - D. Pedidos específicos de oração. 15:30-33.
 - E. Recomendação de Febe. 16:1, 2.
 - F. Saudações particulares a pessoas e grupos. 16:3-16.
 - G. O caráter perigoso daqueles que ensinam falsa doutrina. 16:17-20.
 - H. Saudações dos companheiros de Paulo em Corinto. 16:21-23.
 - I. Confirmação dos crentes pelo Deus soberano da história. 16:25-27.

COMENTÁRIO

Romanos 1

I. Declarações Introdutórias de Paulo, o Apóstolo. 1:1-17.

A extensão da introdução prova que Paulo dava grande importância a esta carta. Observe o espírito de dedicação que permeia estas linhas introdutórias. Observe também como ele passa rapidamente de um pensamento para outro.

A. Revelação da identidade do escritor. 1:1.

1. A palavra que foi traduzida servo significa realmente **escravo**. Para Paulo, esta expressão significava que ele pertencia a Jesus Cristo. Ele era propriedade de Cristo, e, como tal, tinha uma tarefa divina para realizar. Sua chamada para ser apóstolo veio-lhe claramente em Damasco (Atos 9:15, 16; 22:14, 15; 26:16-18). Ele fora **separado para o evangelho de Deus**. Em Gálatas, Paulo remonta esta chamada à ocasião do seu nascimento (Gl. 1:15), mas aqui em Romanos, ele destaca o

propósito de sua separação: para o **evangelho** que Deus criou. Paulo tinha um Mestre divino, um cargo divino e uma mensagem divina.

B. O evangelho identificado com Jesus Cristo. 1:2-5.

Nestes versículos o Evangelho é considerado em duas dimensões – a histórica e a pessoal.

2. Historicamente, Deus proclamou este evangelho **outrora**, por meio de agentes especiais, os **profetas**. O registro do que proclamaram encontra-se nas **Santas Escrituras**. Esta última é uma designação técnica para todas as partes da Escritura, a Escritura como um todo.

3. O evangelho de Deus é sobre Seu Filho. Em primeiro lugar Paulo destaca Sua humanidade: **segundo a carne, veio da descendência de Davi**. Eis aí em destaque o Seu nascimento. **Tornou-se** homem.

4. Logo a seguir destaca a qualidade de ser Filho de Deus: **Designado Filho de Deus com poder ... pela ressurreição dos mortos**. Em todos os exemplos onde Paulo usa a palavra "mortos" depois da palavra "ressurreição", a palavra grega para "mortos" está no plural. Algumas vezes ele declara explicitamente uma ressurreição de **pessoas** (cons. I Co. 15:12, 13, 21, 42). Mas aqui em Rm. 1:4 e também em Atos 26:23 ele se refere à ressurreição de Jesus Cristo. Todavia o termo "mortos" está no plural. Portanto, na ressurreição desta pessoa, está implícita a ressurreição de todos os que ressuscitarão por meio dEle. Mas, em Rm, 1:4, Paulo se refere explicitamente à vitória de Cristo sobre a morte (cons. 6:9). O uso do plural aqui é um toque do estilo do escritor.

Segundo o Espírito de santidade. A ressurreição dos mortos era um fato proclamado pelos cristãos. Mas a poderosa declaração de Jesus como Filho de Deus, decorrente de Sua ressurreição, foi obra do Espírito Santo para iluminação do pleno significado do fato histórico. Alguns mestres consideram o "Espírito de santificação" como uma forma mais forte de "Espírito Santo" (veja Arndt, *hagiosyne*, pág. 10). Outros acham que a frase se refere ao espírito humano de Cristo, que se caracterizava pela grande santidade – "quanto ao (seu) Espírito de santificação" (veja

Sanday e Headlam, ICC, pág. 9; cons. Arndt, *pneuma*, 2, pág. 681). Outros ainda igualam "santificação" aqui com a Deidade ou Deus. Mas o Espírito de Deus, de acordo com esse ponto de vista, não é o Espírito Santo, mas o Princípio Criador Vivente, Deus operando nos negócios humanos (veja Otto Procksh, TWNT, I, 116: "A Divindade de Cristo toma-se clara por causa da ressurreição na qual a nova criação mostra-se de acordo com o Princípio da . . . Divindade"). **Veio** (1:3; AV, foi feito) declara a origem. **Designado** é a designação daquilo que é. Portanto o humano e o divino estão em contraste nesses dois versículos.

Deve-se decidir se a frase **espírito de santidade** (*pneuma hagiosynes*, Espírito de Santidade, Princípio Criativo da Divindade), modifica a declaração, ou descreve a pessoa de Cristo, ou transmite a idéia da atividade de Deus no mundo. A primeira interpretação, que certamente parece ser a melhor, pede a tradução, "Espírito de Santidade".

5. Paulo recebeu **graça** e o seu **apostolado** através do Filho. A frase, **por amor do seu nome**, deveria estar ligada ao apostolado – um apostolado *por causa do seu nome*.

C. Saudações aos leitores. 1:6, 7.

6,7. Estes versículos esclarecem que os "romanos" a quem se dirige a carta são gentios. Duas vezes Paulo destaca o fato de que foram **chamados**. Foram chamados para serem **santos**. A idéia por trás da palavra "santo" não é a de alguém completamente separado dos outros, mas de alguém que é *consagrado a Deus*. O impacto que um grupo de crentes consagrados ou dedicados a Deus, sobre a sociedade, não deve ser desprezado.

As palavras **graça** e **paz** representam uma fórmula cristã de saudação em cartas (veja Rm. 1:7; I Co. 1:3; II Co. 1:2; Gl. 1:3; Ef. 1:2; Fp. 1:2; Cl. 1:2; I Ts. 1:1; II Ts. 1:2; Tt. 1:4; Fm. 3; I Pe. 1:2; II Pe. 1:2; I Tm. 1:2; II Tm. 1:2; II Jo. 3). **Graça** (*Káris*) foi usada aqui em lugar de uma expressão grega comum, *Kairein*, que significa "saudações". **Paz** tem um paralelo hebraico e aramaico, *shalom*, que tem a complexa idéia

de prosperidade, boa saúde e sucesso. Mas estas saudações cristãs destacam o que Deus fez nas vidas dos crentes. Todavia o, estudante deve sempre lembrar que esta é uma fórmula de saudação - não uma referência independente à graça e paz. A frase deve ser tomada como um todo: **Graça . . . e paz ... de Deus nosso Pai, e do Senhor Jesus Cristo.**

D. O interesse de Paulo pelos romanos faz parte de uma preocupação maior. 1: 8-15.

Paulo conta a seus leitores o desejo que tem há muito de visitá-los. Tal visita, ele acha, seria boa não só aos romanos, mas para ele também. Roma, com sua população híbrida, sintetizava os vários tipos de pessoas a quem o apóstolo devia uma obrigação.

8. Dou graças a meu Deus. A freqüência da ação de graças nos começos das epístolas de Paulo é um testemunho da intimidade que Paulo tinha com Deus, e de seu ponto de vista alegre (*eukaristeo*, "dar graças": Rm. 1:8; I Co. 1:4; Ef. 1:16; Cl. 1:3; I Ts. 1:2; II Ts. 1:3; Fm. 4; *eukaristeo eko*, "sentir-se grato: I Tm. 1:12; II Tm. 1:3). Observe que tanto as graças como as petições são dirigidas a Deus **mediante Jesus Cristo**. O objeto da ação de graças foi especificamente declarado.

9. Observe aqui o destaque dado ao aspecto interior do serviço – **a quem sirvo em meu espírito**. Deus, que conhece o homem interior, poderia dar testemunho do interesse de Paulo pelos romanos.

10. Além de mencionar os romanos freqüentemente em suas orações, o apóstolo também sempre orava sobre a sua ida até eles. Aqui se vê que, embora Paulo sinceramente orasse para estar na vontade de Deus em relação a este assunto, não tinha certeza, quando escreveu, se era ou não da **vontade de Deus** que fosse a Roma. Eis aqui suas próprias palavras: **Em todas as minhas orações, suplicando que nalgum tempo . . . se me ofereça boa ocasião de visitar-vos.** Deus não lhe dissera "Não"; por isso Paulo continuou orando.

11. O **dom espiritual** era o que Paulo desejava comunicar aos romanos para fortalecimento deles. Não era algum dom especial, como

aqueles que Paulo alista em Rm. 12:6-8, mas antes um conhecimento crescente das diversas verdades de Deus, que os capacitaria a serem cristãos melhores.

12. Encorajamento ou consolo seria recebido por Paulo como também por seus leitores, se pudesse visitá-los. Mesmo esse grande evangelista, que talvez jamais foi igualado em estatura espiritual, declara francamente que precisava do consolo que vem da comunhão cristã. Por isso não nos atrevemos subestimar a importância da comunhão cristã no crescimento cristão. A fé mútua é o fato simples de que tanto Paulo como seus leitores eram cristãos. Observe como os pronomes tomam essa fé pessoal – **vossa e minha**.

13. A última frase deste versículo deveria ser ligada ao verbo "propor". **Eu propus ir ter convosco . . . , para conseguir igualmente entre vós algum fruto.** Os leitores em Roma eram gentios, e Paulo esperava ter os mesmos resultados, quando lhes pregasse, que tivera ao visitar outros gentios.

14, 15. O apóstolo se considerava devedor daqueles que falavam o grego e daqueles que não o falavam (**bárbaros**). Esta é uma divisão da humanidade em grupos lingüístico-culturais. O segundo par de contrastes de 1:14 trata da erudição e consecução intelectual.

Sábios são os que têm um intelecto educado. **Ignorantes** são aqueles que revelam a sua tolice pelo que fazem. Representantes de todas essas classes encontravam-se em Roma. Com todos Paulo se sentia impelido a prolongar as boas novas. Por isso ele fala da sua ansiedade em **anunciar o evangelho** ali. É importante notar que ele esperava alcançar todas essas classes pregando aos crentes romanos – **a vós outros em Roma**. Vemos, portanto, que embora o Cristianismo encontre seu maior número de adeptos entre os membros das classes mais baixas da sociedade (cons. I Co. 1:26-29), há uma urgência constrangedora em alcançar todas as classes de homens.

E. Resumo da Natureza e Conteúdo do Evangelho. 1:16, 17.

Nestes versículos encontramos três fatores: 1) A atitude de Paulo para com o Evangelho; 2) a natureza do Evangelho; e 3) o conteúdo do Evangelho. Estes versículos indicam que as boas novas da fé cristã, não são um sistema de filosofia ou código de ética.

16. Contrastando com uma série de pensamentos abstratos, o Evangelho ou as boas novas são dinâmicas. Paulo não se envergonha do Evangelho. E a frase **de Cristo** (ERC.) não se encontra nos melhores manuscritos. Paulo não se envergonha do Evangelho porque estas boas novas são o poder de Deus, cujo propósito e alvo são a realização da libertação ou salvação. Um homem obtém tal salvação quando a sua constante reação individual diante do Evangelho é a confiança e crença – **de todo aquele que crê.**

A palavra grega *pisteuo* é uma palavra profunda. A crença no conteúdo do Evangelho é apenas parte do seu significado. Acima disso, significa confiança ou entrega pessoal, ao ponto de alguém se entregar a uma outra pessoa. Embora a crença envolva a aceitação de uma verdade ou uma série de verdades, esta reação não é meramente concordância intelectual, mas antes um envolvimento sincero na verdade aceita. Crer em Cristo é entregar-se-Lhe. Confiar em Cristo é envolver-se totalmente nas verdades eternas ensinadas por Ele e a respeito dEle no N.T. Tal envolvimento total produz sinceridade moral, uma dedicação e uma consagração visível em todos os aspectos da vida. Observe que embora a salvação aqui mencionada seja aos judeus primeiro, os gentios experimentam a mesma salvação.

17. No Evangelho a justiça está revelada, a qual Deus concede, produz, imputa. O restante de Romanos conta-nos mais sobre o que está envolvido nesta justiça. Aqui Paulo destaca que a justiça é **de fé em fé.** Esta justiça (que Deus cria) vem ao cristão apenas por causa da fé. Conforme o crente vai cada vez mais se tornando consciente de tudo quanto significa a justiça de Deus, deve entregar-se ainda mais, se quer receber a justiça de Deus.

A ordem das palavras na última parte do versículo é esta: *o justo pela fé viverá*. Aqui se vê o perigo de se seguir a ordem das palavras gregas muito literalmente. Pode dar a entender, que um homem sendo justo de algum outro modo, não viveria, mesmo se cumprisse as exigências de ser justo! A fé está em primeiro lugar, por causa da ênfase em se mostrar que ela é essencial para o homem ser justo.

O grego *dikaios*, **justo**, também pode ser traduzido para reto ou honesto; daí a tradução: **o justo (reto, honesto) viverá por fé**. Será que o viver descreve a seqüência temporal da vida imediatamente à frente ou refere-se só à vida eterna? Bauer no vocábulo traduzido e editado por Arndt e Gingrich afirma que "a linha divisória entre o presente e o futuro às vezes não existe, ou pelo menos, não é discernível" (Arndt, *zao*, 2. b. pág. 337). Ele traduziria esta frase assim: *aquele que é justo pela fé terá vida*. Como é grandioso o papel da fé para a justificação do homem, na vida que ora vive e na vida que está por vir !

II. A Justiça - A Chave do Relacionamento entre o Homem e Deus.

1:18 – 8:39

Aqui Paulo luta corpo a corpo com os grandes temas da vida. Como pode um homem ser justo diante de Deus? Como um homem é afetado pela atitude de Adão e de Cristo? Como deve viver um homem que é justo? Como pode ele viver desse modo?

A. A justiça é o "status" necessário para o homem se apresentar diante de Deus. 1:18 – 5:21.

Os homens precisam da justiça. Esta necessidade se fundamenta na natureza e essência de Deus.

1) O Fracasso do Homem em Obter Justiça. 1:18 – 3:20.

O motivo porque a justiça é tão importante está no fato do homem não possuí-la. Primeiro, ele precisa tomar consciência de que não a tem.

Através dos tempos, têm havido aqueles que sentiram que Deus tem de ser agradado com o caráter deles. Nestes capítulos, Paulo continua mostrando a frivolidade de tal ponto de vista.

a) O Fracasso dos Gentios. 1:18-32.

18. A justiça e a ira de Deus, ambas expressam a atitude divina para com o homem. A justiça é a resposta de Deus para a fé ou confiança, a ira é a sua reação contra a **impiedade** e **injustiça**. Ambas manifestou claramente a resposta de Deus. O que faz um homem ímpio ou justo? Ele **detém** ou *suprime* a **verdade** (particípio presente) na esfera da injustiça na qual ele vive. Ele quer evitar a verdade sobre o que ele é, e sobre o que está fazendo. Por isso totalmente tenta desvencilhar-se da verdade.

19. A verdade vem ao homem em sua esfera de injustiça. **Porquanto o que de Deus se pode conhecer.** Aqui está a declaração de que Deus é conhecível. Manifesto entre eles. Isto também se poderia traduzir da seguinte forma: manifesta-se-lhes (Arndt, *phaneros*, pág. 860; *en*, IV, 4. a, pág. 260) ou *manifesta-se entre eles*. O contexto, sem dúvida, favorece as duas últimas traduções. Por que Deus é passível de conhecimento? Ele age. Deus **manifestou** ou *revelou* (*mostrou*) o que dEle mesmo pode ser conhecido pelos homens. Esta revelação é uma auto-revelação, que Deus pode pôr em prática como Ele deseja.

20. Os atributos invisíveis de Deus. Esta frase se refere à natureza e atributos invisíveis de Deus.

Desde o princípio do mundo . . . claramente se reconhecem. Aqui Paulo faz uma ousada afirmação. Desde o tempo em que Deus criou o mundo, seus atributos invisíveis – as características que o declaram ser Deus – são claramente percebidas. Por quem e como são claramente percebidas? . . . **sendo percebido por meio das coisas que foram criadas.** *Nas* é uma tradução melhor do que *pelas* (E.R.C.). Os invisíveis atributos de Deus são compreendidos pelos homens que podem se ocupar de reflexões e conhecimento racional. Qual é a base para o seu conhecimento? **Das coisas que foram criadas** (*poiema*). A

palavra *poiema* significa "que está feito", "obra" ou "criação". Bauer traduz: *nas coisas que foram criadas* (Arndt, *kathorao*, pág. 393), ou *pelas coisas que ele criou* (Arndt, *poiema*, pág. 689). O substantivo está no plural. No grego clássico usava-se o plural referindo-se à obras, poemas, ficção, feitos ou atos – isto é, qualquer coisa feita (LSJ. pág. 1429). A palavra *poiema* encontra-se trinta vezes na LXX. Exceto uma vez, traduz a palavra hebraica *ma'aseh*, "feito" ou "obra". Na exceção foi traduzida do hebreu *po'al*, "ato", "feito" ou "obra". Portanto, está claro que as coisas que Deus criou, diz-se que testificam de sua natureza invisível.

Que aspecto da natureza invisível de Deus elas testificam? Paulo é específico – **o seu eterno poder**. Na citação, se vê o poder eterno ou perpétuo de Deus. Na mesma proporção em que se desenvolve a perícia do homem na exploração do espaço e na análise da estrutura do átomo, assim, também, deveria crescer sua consciência do poder de Deus.

A sua própria divindade. O Criador que demonstrou tão ilimitado poder é o Ser supremo com o qual os homens têm de ajustar contas. Observando suas obras, os homens se confrontam com o Deus vivo. Como resultado, ficam **indesculpáveis**.

21-23. Paulo enumera as coisas que os homens colocaram no lugar do Deus vivo. Que trágica lista de substituições!

Porquanto, tendo conhecido a Deus. Eis aí, homens que se deparam face a face com as obras de Deus e com o próprio Deus, de modo que o conheceram. Mas eles não reagiram a este conhecimento como deveriam. Eles não o **glorificaram** (louvaram, honraram, magnificaram) como Deus; nem lhe deram graças. Este fracasso mostra qual deveria ser o fim principal do homem: glorificar o Senhor pelo que Ele é, e dar-Lhe graças pelo que Ele tem feito. Os pensamentos desses gentios voltaram-se para coisas sem valor.

Obscurecendo-lhes o coração insensato. Rejeitar a Deus, afastar-se da luz, produz trevas naturalmente. Estas trevas penetram em seu ser interior – a mente, o raciocínio, as emoções, etc. Na sua idolatria, isto é,

em sua citação de substitutos para o ser de Deus, eles realmente pensavam que eram sábios. Pensamentos indignos logo produzem objetos indignos de adoração.

24-25. Os versículos 24, 26, 28 todos repetem a mesma frase solene: **Deus entregou.** O Senhor entrega os homens às conseqüências daquilo que eles escolheram para si mesmos. Quando os homens escolhem um modo maligno de viver, também escolhem as conseqüências que essa maneira de vida produz. Esta é a prova que Deus estabeleceu um universo moral.

Concupiscências (desejos) **de seus próprios corações** (ou, que seus corações produziram, v. 24). A palavra traduzida para concupiscência, pode se referir a "desejos", tanto bons como maus. Aqui, obviamente, refere-se a desejos maus. A tradução "concupiscência" dá a idéia de sensualidade, que se encaixa no contexto da impureza. Observe que Deus entrega os homens àquelas coisas que eles desejam. Como resultado seus corpos se desonraram entre si. A idolatria consiste na adoração e no culto prestado à criatura (v. 25); na sensualidade o homem adora e serve a si mesmo.

26, 27. A impureza sempre gera mais impureza. Aqui está um juízo, divino no qual Deus entregou os gentios **a paixões infames.** As mulheres são acusadas de perversão sexual no versículo 26 e os homens no versículo 27. Paulo usa linguagem direta, para condenar a perversão do sexo fora do seu justo lugar, dentro do relacionamento conjugal. Ele considera a união dos sexos no casamento como relacionamento natural (**modo natural**). Mas ali as mulheres trocaram as relações naturais do sexo, por aquelas que são contrárias à natureza. Os homens fizeram a mesma coisa. Paulo descreve a depravação e degradação do homem inflamado com desejo sensual uns pelos outros. A isto se segue a nota do juízo. **Recebendo em si mesmos a merecida punição do seu erro.** Paulo não penetra nos detalhes sobre qual seria exatamente a natureza do juízo – as conseqüências psicológicas e físicas. Mas a natureza da penalidade diz-se que corresponde à enormidade do pecado.

28-32. Aqueles que não parecem se encaixar no conhecimento de Deus, Ele os entregou a um sentimento perverso. A palavra grega tem estes significados: "baixo", "desqualificado", "indigno", "incapaz de ser aprovado" ou "desaprovado". Eis aí, uma mente que não tem um ponto estável sobre o qual se edifica a harmonia interior. Tal mente pode produzir só aquelas coisas **inconvenientes**, (*que não convém*) ou *aquelas coisas que são indignas*. A lista dos versículos 29-31 mostra que tal mente está em desarmonia com ela mesma, e com os seus próximos. A anarquia e o caos vêm de uma mente que retira Deus do seu conhecimento. Em alguns bons manuscritos não se encontra a palavra *fornicação* (AV, v. 29).

Difamadores são aqueles que falam mal dos outros, ou seja os fofoqueiros. **Caluniadores** são os que procuram arruinar ou difamar o caráter dos outros – difamadores. O homem que arruína a reputação de outras pessoas, ele mesmo se torna repulsivo.

Observe a desagradável combinação apresentada no versículo 31: **Insensatos, pérfidos, sem afeição natural. Sem misericórdia** não se encontra nos bons e antigos manuscritos. Lembre-se de que as pessoas aqui descritas tiveram oportunidade de conhecer os atributos de Deus. Mais ainda, elas sabiam que a morte era a penalidade para o mal. Mesmo assim, além de pecarem com prazer, também aplaudem os outros que pecam. Seu pecado alcançou um ponto onde elas recebem uma satisfação vicária no pecado dos outros.

Romanos 2

b) O Fracasso do Homem Que Julga em Contraste com o Justo Juízo de Deus. 2:1-16.

O homem que Paulo considera julgando não foi dito se é judeu ou gentio. Ao que parece, Paulo tinha o judeu em mente, uma vez que o homem que julga, experimentou a bondade e a paciência de Deus de maneira especial. A recompensa do Senhor para cada pessoa será de acordo com as obras dela – não de acordo com os seus próprios

privilégios. Deus julgará com justiça, quer um homem viva sob a lei Mosaica ou longe dela.

1-4. A palavra **judgas** (*krinon*) ocorre três vezes no versículo 1 (E.R.C.). Tem aqui o significado de fazer juízo desfavorável, criticando ou censurando. O homem que é indesculpável é aquele que tem grande capacidade de crítica, mas não autodisciplina.

O juízo de Deus é... contra os que praticam tais cousas. Tais cousas. As ações do crítico são idênticas às ações daqueles que ele critica. O catálogo de pecados em Romanos 1 é positivamente inclusivo. Inveja, murmuração e contenda são consideradas faltas nos outros, mas o crítico desculpa essas coisas nele mesmo, como se fosse "um justo senso de necessidade", "uma simples declaração de fato", ou "uma corajosa posição ao lado da verdade".

Paulo apela para a consciência do homem: **Pensas que te livrarás do juízo de Deus?** (isto é, à sentença pronunciada por Ele?) A tradução **desprezas** (v. 4) pode ser uma tradução forte demais para *kataphroneo*, em relação ao contexto. Parece que seria melhor traduzir assim: *Ou será que alimentas idéias erradas a respeito da* (Arndt, pág. 421) bondade, paciência e longanimidade de Deus? A palavra **arrependimento** envolve muito mais do que o abandono de uma prática antiga. Envolve o começo de uma nova vida religiosa e moral (veja Arndt, págs. 513, 514). Uma vez que a bondade de Deus não traz castigo imediato, não se deve crer que o Senhor seja indiferente ao pecado. Longe disso! Por causa de sua bondade divina, Ele quer levar os homens por um novo caminho de vida. Ter idéias erradas a respeito disso é descansar numa falsa complacência. O juízo de Deus é certo.

5-11. O Todo-Poderoso examina a conduta do homem e o julga de acordo com ela. Um homem cujo coração é duro e impenitente, armazena a ira de Deus contra ele. **A ira . . . de Deus** armazenada nos céus é o mais trágico estoque que um homem poderia acumular para si. Observe a nota sobre o juízo individual no versículo 6. Qual é a

disposição ou perspectiva daqueles que buscam a glória, a honra e a imortalidade?

Perseverando em fazer o bem (v. 7), caracteriza a perspectiva daqueles que buscam os alvos enumerados. O resultado é que recebem vida eterna do Juiz. Aqueles que por causa da contenda são desobedientes à verdade e obedecem à injustiça, recebem a ira e o juízo. As obras são sempre o ponto central do quadro neotestamentário do juízo. São indicação externa de uma confiança ou entrega interior da pessoa. O Senhor, é claro, olha para ambos, o interior e o exterior. Mas a atividade exterior revela a convicção interior. É preciso apenas que se compare a forma do verbo em 2:9 – **que faz o mal** (constantemente) – com a do verbo em 2:10 – **que pratica o bem** (constantemente) para se ver que as atitudes revelam as convicções (ou a falta delas). Isto não significa que aqueles que fazem o bem constantemente têm um pleno conhecimento de Deus. Mas sem uma confiança em Deus, a qual exige algum conhecimento, os homens não serão capazes de executar constantemente e com determinação aquilo que Deus diz que é bom.

12-16. Uma vez que em Deus não existe parcialidade, como Ele vai lidar com aqueles que pecara sem a lei e aqueles que pecam debaixo da lei? A resposta se encontra nas frases – **perecerão e serão julgados** (v. 12). Tanto os que vivem debaixo da lei como aqueles que vivem sem a lei foram declarados pecadores. O tempo aoristo aqui (pecaram) acentua uma ação completa. Resume todos os pecados da pessoa cometidos durante a sua vida. Por causa do total desses pecados, os homens que não tiveram a oportunidade de viver debaixo da lei mosaica, **perecerão**. Do mesmo modo, por causa do total dos seus pecados, aqueles que viveram debaixo da lei **serão julgados**. Embora uma linguagem diferente fosse usada para descrever o juízo de Deus, este juízo é certo e justamente dispensado, quer a lei mosaica exerça alguma parte no juízo, quer não. Até onde o juízo está envolvido, o que conta é a situação, não a tomada de consciência deste ou daquele estado. **Os que praticam a lei hão de ser justificados**, isto é, *serão absolvidos, serão declarados justos*.

A esta altura surge uma pergunta profunda: Os praticantes da Lei se limitam àqueles que conhecem e praticam a lei mosaica? Em 2:14 Paulo responde "Não" à pergunta e explica a razão. Os gentios que não têm a lei mosaica, **procedem por natureza de conformidade com a lei**. A expressão **natureza** (*physei*) tem sido interpretada com o significado de "seguindo a ordem natural das coisas" (veja Hans Lietzmann, *Der Brief und die Romer, também Handbuch zuni Neuen Testament*. Digressão sobre Rm. 2:14-16). Mas o contexto aqui não tem a mesma ênfase de 1:20. Por isso parece muito melhor aceitar que **natureza** significa "instintivamente". O que está envolvido neste tipo de resposta? Quando os gentios praticara instintivamente os requisitos da Lei, eles **os fazem de conformidade com a lei** (2:14). Eles exibem **a norma da lei gravada nos seus corações**. Esses gentios têm uma norma e padrão interior colocada por Deus em seus corações. Esse padrão interior é a base tanto para a reação de suas consciências quanto do seu raciocínio. **A consciência** (v. 15) é uma reação intelectual automática a um determinado padrão. Contrastando, *raciocínio* envolve reflexão. Os **pensamentos** resultantes de tal reflexão, representam um julgamento ponderado, em contraste à reação intelectual e automática da consciência. As consciências de muitas pessoas associadas produzem um testemunho mútuo. Do mesmo modo os julgamentos de valores combinados do grupo são difundidos. As decisões resultantes, às vezes reprovam as pessoas do grupo, e às vezes falam em sua defesa. Embora Paulo não descreva todo o conteúdo desse padrão interior, ele assegura que existe. Sabemos que tanto a consciência quanto a razão podem decidir que certa atitude é ruim e outra atitude é boa. Os gentios, quando corretamente reagem diante desse padrão, não ficara completamente sem lei. São praticantes obedientes da lei que Deus coloca em seus corações. Seda melhor ligar o 2:16 ao 2:13: "Os praticantes da lei serão justificados . . . no dia em que Deus julgar os segredos dos homens".

Esta passagem dá alguma luz sobre o destino eterno daqueles que nunca ouviram o Evangelho. Como Deus lidará com essas pessoas no dia

do juízo? Estes versículos parecem indicar que Ele observará suas ações tal como observará as ações daqueles que conhecem a Lei, e aqueles que ouviram o Evangelho, e que Ele julgará todos de acordo com tais observações. Então, a obediência a este padrão interno não anula o princípio da salvação pela fé? Não. A fé é essencial para aqueles que obedecem ao padrão interno e para aqueles que obedecem à Lei ou ao Evangelho. Mas quão mais rico e mais completo se torna o nosso conhecimento de Deus, a medida que for revelado através do seu Filho!

A busca da **glória, honra e incorruptibilidade** (v. 7) não passariam de egoísmo. Mas a busca dessas coisas com a determinação de fazer o que é bom (v. 7) significa que aquele que busca está cômico de um padrão de bondade. Se este padrão fosse uma simples abstração, como seria difícil perseverar na bondade.

Mas se o padrão é o próprio Deus – ainda que imperfeitamente percebido (e quem de nós percebe Deus perfeitamente?), a fé ou a submissão a Ele estabelecerá as bases para a perseverança constante naquilo que é bom. Por que, então deveríamos levar impacientemente o Evangelho àqueles que nunca ouviram? Antes de tudo, porque Deus no-lo ordenou (Mt. 28:19, 20; Atos 1:8). Segundo, é essencial, pois Deus quer que cada pessoa seja confrontada com o conhecimento de Deus (Is. 11:9; Hc. 2:14; Is. 45:5, 6; 52:10; 66:18, 19; II Ts. 1: 8) e tenha oportunidade de se lhe entregar e de ampliar o conhecimento dEle (Jo. 14:7; 17:3; II Co. 2:14; Tt. 1:16; I Jo. 2:3-6; 5:19, 20; Fp. 3:8-10; II Pe. 3:18). Finalmente, é essencial por causa do que Cristo é – o clímax da revelação de Deus (Hb. 1:1 , 2).

Uma vez que Cristo é a suprema revelação de Deus, e uma vez que o N.T. é o registro que confronta os homens com Cristo, outros métodos de revelação divina devem ser considerados apenas fragmentários. Isto é especialmente verdade no que se refere aos dois métodos discutidos em Romanos 1; 2: (1) o testemunho das coisas que foram criadas (1:20); 2) o padrão interno colocado nos corações (2:14, 15). Todavia, eles são

canais divinamente escolhidos, cuja existência e função Paulo convida seus leitores a considerar seriamente.

c) O Fracasso dos Judeus. 2:17-29.

Aqui Paulo descreve vividamente as oportunidades dos judeus, e destaca como até mesmo essas não levaram os judeus a uma vida de obediência e comunhão com Deus.

17-20. O fracasso do judeu tornou-se mais conspícuo por causa dos seus privilégios e sua fé. Ele *repousava* na lei. Ele se gloriava (orgulhava-se) em Deus. Ele conhecia a vontade de Deus. **Aprovas as coisas excelentes** (ou aquelas que são essenciais). Ele podia fazer a vontade de Deus porque fora oralmente instruído na Lei. Ouvira os rabinos discutindo os pontos cruciais. Por causa de tais antecedentes, o judeu tinha confiança. Ele podia ajudar e instruir os demais, porque ele tinha certeza de que tinha a forma da ciência e da verdade na Lei (v. 20).

21-24. Paulo insiste na derrota dos judeus, perguntando-lhes se suas atitudes estão de acordo com os seus ensinamentos (2:21, 22). **Tu, pois, que ensinas a outrem não te ensinas a ti mesmo?** (v. 21) Por que, é claro, que o faz. Nas outras três perguntas: *Furtas? Adulteras? Roubas os templos?* Paulo não diz que tipo de resposta espera. Mas ele destaca que o judeu, transgredindo a Lei da qual tanto se orgulha, desonra a Deus – Aquele que deu a Lei. O nome de Deus é blasfemado entre os gentios por causa da maneira de agir dos judeus. A última frase – **como está escrito** – não se refere a alguma passagem do V.T. em particular que fala dos pecados dos judeus como causa da blasfêmia contra o nome de Deus. Antes, Paulo parece ter juntado Is. 52:5 e Ez. 36:21-23.

25-29. Aqui o apóstolo aponta para o que ele considera um verdadeiro judeu. Ele mostra que o gentio que guarda (a palavra *ohyllasso* também pode ser traduzida para *observa*, ou *segue*) **os preceitos da lei** (v. 26) é um verdadeiro judeu. O rito da circuncisão só declara que um homem é judeu se este praticar a Lei. Para um judeu, tornar-se transgressor da Lei é, realmente, diante de Deus, tornar-se

incircunciso. Além de um gentio ser um verdadeiro judeu, se observar os preceitos da Lei, ele, que é fisicamente incircunciso, se assentará para julgar o judeu que tem as qualificações físicas, mas nenhuma obediência (v. 27). Esta é uma declaração de Paulo, não uma pergunta. No versículo 27 Paulo destaca que o judeu que será julgado pelo gentio, é aquele judeu que é transgressor da Lei, **não obstante a letra e a circuncisão** (cons. *dia*, Arndt, III, 1, c, pág. 179). Eis aí a tragédia daquele que tem uma lei escrita objetiva, e o sinal exterior da aliança de Deus com o seu povo, mas que no entanto nunca se apropriou da realidade. Numa última palavra ao judeu, Paulo destaca que não é o exterior, mas a condição interior do coração que toma um homem verdadeiramente judeu, isto é, filho de Deus (v. 29). A verdadeira circuncisão é uma espécie de circuncisão do coração (cons. Lv. 26:41; Dt. 10:16; 30: 6; Jr. 4:4; 9:26; Atos 7:51). Esta verdadeira circuncisão não está na esfera da legalidade - um código escuto - mas antes na esfera do espírito, isto é, na área da vontade.

Romanos 3

d) Objeções aos Ensinamentos de Paulo sobre o Fracasso do Homem. 3:1-8.

Paulo fala principalmente das objeções oriundas dos judeus. Mas a idéia de que a justiça de Deus é exaltada pelo pecado do homem, vem de qualquer oponente dos ensinamentos paulinos.

1-4. Qual é a **vantagem** do judeu? Qual a **utilidade** da circuncisão? Essas perguntas parecem extraídas da experiência de Paulo na pregação do Evangelho. A resposta de Paulo é: "Muita, em toda maneira" (v. 2). Ele faz seu interrogante se lembrar que aos judeus foram confiados os **oráculos de Deus**. No grego clássico a palavra *logion* ("oracle") usa-se principalmente em relação às frases curtas pronunciadas por alguma divindade. (Arndt, pág. 477). Em Atos 7:38 a palavra é usada falando-se das revelações que vieram a Moisés. Em Hb. 5:12 é usada em relação com os elementos iniciais pertencentes aos oráculos ou palavras de Deus.

A passagem em Hebreus refere-se a um todo coletivo. Pedro diz que se alguém falar, tendo recebido graça, deve falar os oráculos .ou palavras de Deus (I Pe. 4:11). Em Rm. 3:2 o destaque foi dado às promessas de Deus, aos judeus. Em todos os contextos os "oráculos" envolvem proclamação oral, e referem-se à voz viva de Deus e às verdades que Deus falou aos homens. Deus confiou essas verdades aos judeus durante longos períodos de tempo. Os judeus as colecionaram, e elas foram *registradas* no V.T. Mas a palavra *logion* propriamente dita destaca o pronunciamento particular de Deus. O fato de que todos esses pronunciamentos vieram aos judeus foi certamente para vantagem deles.

Paulo começa o versículo 3 com uma pergunta: **E daí? Qual é pois a situação?** Os judeus tinham essas verdades divinas vitais. Mas como reagiram?

Se alguns não creram, a incredulidade deles virá desfazer a fidelidade de Deus? De maneira nenhuma. Paulo responde rapidamente (*longe disso*). A palavra **alguns** não significa, necessariamente, uma pequena parte. O contraste está entre "parte" e "todo". Além de Deus ser fiel, Ele também é verdadeiro. Para reforço de suas palavras o apóstolo cita Sl. 51:4: "De maneira que serás tido por justo no teu falar e puro no teu julgar". Deus é fiel, verdadeiro e vitorioso, embora os judeus na grande maioria, tenham se tornado infiéis.

5-8. A tradução de *synistemi* para **recomenda** não é satisfatória. A palavra realmente significa **demonstra** ou **traz a lume**. Se a nossa injustiça – a do judeu e gentio – demonstra a justiça de Deus, então que diremos?

Porventura será Deus injusto por aplicar a sua ira? Paulo nos diz que está falando sob o ponto de vista humano. Então ele replica, **De maneira nenhuma** (v. 6). Paulo é tão conciso no começo do versículo 6 que o peso de sua resposta se perde. **Certo que não**, se o Senhor não trazer o castigo da ira, **como julgará Deus o mundo?** O fato de que a justiça divina brilha fortemente contra as trevas do cenário da injustiça do homem, nada tem a ver com a justiça do Senhor no juízo e na

condenação que devem vir. Deus tem de julgar, condenar e punir porque é um ser santo. Sendo um ser santo *tem* de lidar com qualquer violação da santidade. Paulo assegura aqui que *deve*, sem entrar no por quê.

No versículo 7 ele coloca a objeção de seu interpelador em uma forma um pouco diferente. **E, se por causa da muna mentira fica em relevo a verdade de Deus para a sua glória (cons. *perisseuo*, Arndt, pág. 656), por que sou eu ainda condenado como pecador?** Antes examinou o argumento de que a justiça de Deus sobressai contra o cenário do pecado humano. Aqui ele ataca o argumento de que a verdade de Deus torna-se mais clara, quando em contraste com a falsidade do homem.

A esta altura, Paulo menciona a caricatura corrente dos seus ensinamentos referentes à salvação pela graça: **Pratiquemos males, para que venham bens** (v. 8). Para aqueles que respondem assim, o único comentário de Paulo é: **A condenação destes é justa.** Estes dois argumentos falsos baseiam-se sobre a idéia de que o Senhor precisa do pecado a fim de demonstrar que Ele é Deus. Ele não precisa nada disso. Sendo Deus, na presença do pecado demonstrará quem Ele é. Mas como é muito mais glorioso ver o que, e quem Ele é na esfera da eterna comunhão com Ele, do que no banimento de Sua presença, com todas as conseqüências provenientes.

e) O Fracasso de Toda a Humanidade Diante de Deus. 3:9-20.

Paulo conclui que este ensinamento concorda com o V.T. e a função da Lei, que é despertar a consciência do pecado.

9. Que se conclui? Deveria ser desenvolvido em: *O que devemos, pois, concluir?* Antes de tirar esta conclusão, Paulo faz mais uma pergunta. Se esta pergunta – **Temos nós qualquer vantagem?** relaciona-se aos judeus com os quais Paulo esteve lidando na primeira parte do capítulo 3, o verbo *proekometha* tem de ser traduzido: **Temos nós** (os judeus) qualquer vantagem? Isto é, nós os judeus estamos em posição pior do que os gentios? Ao que Paulo responde, **de forma**

nenhuma. Mas se a pergunta refere-se a todo o argumento começado em 1:18, então tomando *proekometha* na voz média, a tradução seria: *Podemos nós (os leitores) manter algo diante de nós para proteção?* O verbo *proeko* no meio significa "manter diante de alguém" (veja LSJ, pág. 1479). A pergunta então seria: Temos nós, em nós mesmos, algo que nos proteja contra a ira de Deus? Paulo responde: **De forma nenhuma, pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do pecado.** O pecador não tem meios em si mesmo de lidar com o pecado. Ele está **debaixo do pecado**, isto é, debaixo do poder, governo, comando, controle do pecado. Ele precisa de ajuda de fora. Seus próprios recursos não podem libertá-lo.

10-18. Nestes versículos Paulo cita um número de passagens do V.T.: 3:10-12 do Sl. 14:1-3; 3:13 a, b do Sl. 5:9; 3:13 c do Sl. 140:3; 3:14 do Sl. 10:7; 3:15-17 de Is. 59:7, 8; 3:18 do Sl. 36:1. O apóstolo não cita do texto hebraico mas da versão grega do V.T., a Septuaginta (LXX). Às vezes ele a cita exatamente; outras, parafraseia ou abrevia; ocasionalmente ele se sente bastante livre para manipular as palavras (veja Sanday e Headlam, *The Epistle to the Romans*, ICC, págs. 77-79). Mas o pensamento do V.T. é adequadamente comunicado. Todas essas citações são dos Salmos com exceção de uma passagem – Is. 59:7. Em seu contexto original nem todos esses versículos destacam a universalidade do pecado. O primeiro (Sl. 14:1-3) sim. Os três seguintes (Sl. 5:9; 140:3; 10:7) tratam da condição, atitude e conduta dos maus. A passagem de Isaías (59:7, 8) trata da injustiça de Israel. O Salmo 36:1 apresenta a falta de respeito do homem mau para com Deus. Essa coleção de citações do V.T., portanto, ilustra as diversas formas do pecado, as indesejáveis características dos pecadores, o efeito de suas ações e a atitude deles para com Deus. É o mesmo quadro que Paulo estivera pintando.

19,20. Tudo (todas as coisas) **que a lei diz.** A palavra **lei** aqui deve se referir às diversas citações que Paulo acabou de fazer. Uma vez que foram extraídas dos Salmos, com exceção da passagem de Isaías, Paulo

aqui não se refere à lei mosaica. Essas citações vieram dos "Escritos" e dos "Profetas" – as duas maiores divisões do V.T. – indicando que Paulo chama de lei a todo o V.T. Uma vez que o V.T. fala *aos que estão debaixo da lei* (Arndt, en, 5, d., pág. 259). Isto inclui tanto judeus como gentios – qualquer um que leva a sério a mensagem do V.T. O ensinamento do V.T. é tal que **para que se cale toda boca** – não tem defesa a apresentar – **e todo o mundo seja culpável perante Deus**. No versículo 20 Paulo parece retornar ao conceito mais estreito e mais freqüente da lei - a lei mosaica. Pelas obras que a lei mosaica prescrevia, *ninguém será justificado*. Paulo demonstrou o fracasso de ambos, judeu e gentio. Portanto, o veredito de não absolvição é uma importante parte do quadro.

Se a Lei e o que ela prescreve não produz absolvição, o que é que produz? **Pela lei vem o pleno conhecimento** (cons. Arndt, *epignosis*, pág. 291) **do pecado**. A palavra **pecado** está no singular. A Lei faz o homem cômescio dos efeitos de sua natureza, caráter ou ser. Em virtude do que ele é, o homem age como age. A Lei torna o homem cômescio que ele não é o que deve ser. Levar o homem a reconhecê-lo é uma grande tarefa. Uma vez que Paulo atribui à Lei essa tarefa, ele certamente não desmerece a lei.

2) A Justificação se Obtém pela Fé Não pelas Obras da Lei. 3:21-31.

Se um homem fracassou na obtenção da justificação, e se a justificação é necessária diante de Deus, então como pode o homem obter essa justificação? Como Deus pode ser justo quando Ele absolve um homem e o declara justo? Paulo acabou de tornar o problema mais agudo provando que todos os homens são pecadores. Assim, se Deus declara todo homem justificado, está declarando que o injusto é justo. A resposta de Paulo mostra a sabedoria e o envolvimento de Deus na questão do pecado humano.

21. A justiça de Deus. Paulo quer dizer a justiça concedida por Deus. Essa justiça é **sem lei** no sentido de que não é uma justiça merecida ou adquirida pela guarda da Lei. Sem a Lei a justiça de Deus **se manifestou**. Eis aí a justiça enviada por Deus e revelada por Deus. Embora distinta de qualquer justiça buscada pela guarda da Lei, ela é **testemunhada pela lei e pelos profetas**. A última frase significa todo o V.T. (Mt. 5:17; 7:12; 11:13; 22:40; Lc. 16:16; Atos 13:15; 24:14; 28:23). Que Deus possa aceitar a fé por justiça não é pensamento estranho ao V.T. (veja Rm. 4).

22-24. Se a justiça é concedida, a quem ela é concedida? Esta justiça é realizada através da causa eficiente – a fé, que tem por seu objetivo, Cristo. É uma justiça **sobre todos os que crêem**. O particípio presente toma claro que este é um compromisso com Cristo para toda a vida, comprovado na reação diária da confiança (veja 1:16). A única coisa exigida é a confiança e apenas confiança.

Não há distinção entre judeu e gentio no que se refere ao pecado (3:23). **Pois todos pecaram** (veja 2:12). Este pecado refere-se ao envolvimento de todos os homens – tanto judeus como gentios – em transgressão. O tempo coloca junto as transgressões pessoais em um todo coletivo.

Todos os homens manifestam seu envolvimento no afastamento de Adão do que era justo, *carecendo continuamente da glória de Deus*. **Carecem** significa estar carecendo ou em falta. Do que é que o homem carece ou tem falta?

A **glória de Deus** inclui o esplendor ou radiância de Deus – a manifestação externa do que Deus é. Majestade e Sublimidade também fazem parte da glória de Deus. Majestade envolve poder. Sublimidade envolve uma posição superior e elevada – daquele que é supremo. A glória de Deus, todavia, não é apenas para ser *vista* por aqueles que crêem (Jo. 11:40), mas é para ser *aceita* ou *fazer parte* daqueles que crêem (II Co. 3:18) e é o seu destino (I Ts. 2:12; II Ts. 2:14). Ela não é apenas atribuída a Deus pela grande multidão celeste por causa de sua

vitória sobre o pecado (Ap. 19:1), mas também caracteriza a Cidade Santa, o eterno lugar de habitação de Deus com o seu povo (Ap. 21:11, 23). Os homens estão sempre carecendo da glória de Deus porque a prática contínua do pecado nega tudo o que a glória de Deus significa.

A justiça de Deus que foi revelada, e a qual Deus concede a todos aqueles que estão crendo ou confiando significa que eles estão *absolvidos* ou **justificados gratuitamente** (Rm. 3:24).

Como pode ser? É por meio da **graça de Deus**. Deus está favoravelmente disposto a fazê-lo, não por causa de algum mérito nos homens, mas porque Ele é gracioso e resolveu manifestar a Sua graça para com os homens. Mas pode Deus fazê-lo simplesmente por uma decisão de Sua vontade, sem qualquer ação objetiva de Sua parte? Paulo responderia "não". Portanto, ele acrescenta a frase, **redenção que há em Cristo Jesus**. O homem pode ser absolvido (justificado) porque Deus agiu. Ele providenciou a **redenção**. Originalmente a palavra significa *tornar a comprar* um escravo ou cativo, *libertando-o* pelo pagamento de um resgate (Arndt, *apolytrosis*, pág. 95). Aqui a redenção se refere à libertação providenciada por Cristo, libertação do pecado e suas conseqüências. Esta redenção ou libertação é em **Cristo Jesus**. Estar em Cristo é pertencer-Lhe e ser uma parte de tudo o que Ele tem feito e realizado por meio de Sua obra redentora. Paulo agora prossegue mostrando exatamente o que esta obra envolveu.

25,26. Esta obra é uma transação objetiva, um ato particular de Deus que envolveu a pessoa do Seu Filho. Foi um ato necessário. A necessidade não foi imposta a Deus de fora, pois então Ele não seda Deus. Foi-Lhe imposta no Seu interior, em virtude de Sua própria natureza. **A Quem (Cristo Jesus) Deus propôs, no seu sangue, como propiciação.** Aqui Paulo reúne Deus e Cristo, a obra realizada, e a reação do homem diante desta obra. Deus expôs Cristo publicamente como meio de propiciação em ou pelo Seu sangue. A morte de Cristo foi um fato que deve ser observado por todos. Mas o aspecto propiciatório – esse que propiciou o pecado – foi o de desistir de Sua vida. Isto se vê no

fato de que o Seu sangue foi derramado. Esses detalhes não foram apresentados para despertar simpatia, mas para mostrar a realidade desta morte. Deus foi o ofertante. Cristo foi o sacrifício. O pecado humano foi coberto, isto é, apagado para sempre. Todavia para esta propiciação se tornar efetiva na vida da pessoa, é preciso que haja fé. A fé ou confiança está em Deus, em primeiro lugar, mas também envolve o que Ele fez. Ele tomou o pecado em Seu próprio ser (II Co. 5:21), lidou com ele ali objetivamente, e assim fazendo, teve **em vista a manifestação da sua justiça**. Mas será que Deus **deixou impunes os pecados anteriormente cometidos**, isto é, antes da morte de Cristo? A morte de Cristo, objetiva e pública no Calvário, prova que o Senhor não deixou impunes esses pecadores. Sabemos que Ele estava ali resolvendo o problema do pecado humano – os pecados do passado da humanidade e também os que estavam sendo praticados no presente, e aqueles ainda a serem cometidos – porque ele o declarou através dos Seus apóstolos e profetas. Esses pecados do passado foram cometidos **na sua tolerância** (Rm. 3:25). O Senhor não se esqueceu desses pecados, embora não os resolvesse imediatamente. A ação de Deus na cruz foi mais do que uma autovindicação à vista da história humana do passado. Ela foi também **a manifestação da sua justiça no tempo presente** (3:26). O Senhor tem de ser justo agora quando declara justificado aquele que crê em Jesus. Ele não passou uma lei dizendo, que aquele que crê em Jesus, seria declarado justificado simplesmente porque Ele o disse. Antes, Ele agiu. O Pai, o Filho e o Espírito Santo entraram na arena do pecado humano. O Todo-Poderoso colocou a base sobre a qual poderia perdoar o pecado, e sobre a qual declara os pecadores justificados, ainda assim permanecendo justo.

27-31. Agora Paulo prossegue com os resultados da obra salvadora de Deus em Cristo na cruz. Ele sustenta que a **jactância** está **excluída**. Como? **Por que lei?** Por que tipo de sistema, princípio, código, ou norma poderia a jactância ficar excluída? **Das obras?** Oh, não. Tal sistema engendra o orgulho. Antes, é pela **lei da fé**. Uma vida

centralizada nas obras é uma vida centralizada no ego. Mas a lei ou código da fé produz uma vida centralizada em Deus. O Cristianismo está sendo considerado aqui como uma nova lei – um código de vida com a fé no seu centro. Esta idéia da palavra **lei** se encontra em Rm. 3:27; 8:2; Tg. 1:25; 2:8, 9; 2:12.

A essência da **lei da fé** é que **o homem é justificado pela fé, independentemente das obras da lei** (Rm. 3:28). O Senhor é aquele que declara os homens justificados. Ele é o Deus, tanto de judeus como de gentios (v. 29). Ele declara que os judeus são justificados *por causa da (ek) fé*, e os gentios **mediante a (diá) fé**. Nos dois exemplos a fé é a causa da declaração de Deus. Assim ambos, judeu e gentio, encontram aceitação com Deus da mesma maneira - através de uma submissão pessoal a Ele, uma confiança pessoal nEle. Este fato não significa que a Lei seja anulada. Antes, **confirmamos a lei**, ou *estabelecemos*. Ela é confirmada no seu papel de tornar os homens cômnicos do pecado (v. 20). A lei confronta os homens não apenas com o seu próprio pecado, mas também com o Doador da Lei. Quando os homens confiam em Deus, o Doador da Lei, estão exatamente no lugar onde a lei tinha a intenção de colocá-los.

Romanos 4

3) A Justificação pela Fé na Vida de Abraão. 4:1-25 .

A argumentação de Paulo de que somos justificados pela fé, não é algo novo. O objeto da fé para Paulo era Cristo. A explícita apresentação da fé em Cristo como meio de justificação, torna a nova aliança uma aliança eterna. Mas a velha aliança já trazia em si o princípio da justificação pela fé. Quem melhor do que Abraão serviria, por exemplo? Ele foi o pai do povo judeu. Por isso Paulo examina cuidadosamente a sua vida.

a) Sua Justificação Obtida pela Fé, não pelas Obras. 4:1-8.

1. Paulo representa um judeu fazendo a pergunta: **Que pois, diremos ter alcançado Abraão, nosso pai segundo a carne?** Essas

perguntas que Paulo freqüentemente apresenta, provavelmente lhe eram feitas nas suas viagens de cidade em cidade.

2. Vamos aceitar por um instante que Abraão fosse justificado pelas obras; ele poderia então jactar-se. Sua jactância, entretanto, não seria em Deus, mas nele mesmo.

3. O testemunho das Escrituras é a autoridade final para resolver qualquer ponto em discussão. Abraão cria ou confiava em Deus. A crença ou confiança, **isso lhe foi imputado para justiça.** (Arndt, *dikaio syne*, 3, pág. 196; *eis* 8 b., pág. 229). Aqui Paulo está citando Gênesis 15:6.

4,5. Ora, ao que trabalha, o salário não é considerado como favor, e, sim como dívida. Salário vencido não tem ligação alguma com doação. **Mas ao que não trabalha, porém crê naquele que justifica ao ímpio, a sua fé file é atribuída como justiça.** Aqui, em poucas palavras, está resumida a doutrina paulina da justificação pela fé. Confiança constante ou entrega a Deus é o primeiro e único requisito do homem, que é justificado. Para os judeus isso era um escândalo de proporções não desprezíveis. Não podiam aceitar que Deus pudesse absolver um homem culpado, ímpio. Duas coisas eram desprezadas pelos judeus que se opunham a isto, como se fosse um libelo contra a essência de Deus. Primeiro, os judeus rejeitavam Jesus como Messias, e, portanto, eles menosprezavam a transação redentora que envolvia Deus e Cristo. Segundo, falharam em compreender o significado da crença ou confiança da parte daquele que era ímpio. Tal confiança mostra que o homem já não é mais um indivíduo sem Deus, mas antes uma pessoa que se entregou a tudo o que Deus é, a tudo o que Deus fez, e a tudo o que Deus fará.

6-8. Davi também fala de como é bem-aventurado (feliz) o homem **a quem Deus atribui justiça independentemente das obras.** Com isto confirma a afirmação anterior feita sobre Abraão. Na citação de Sl. 32:1, 2, fica claro que a justificação creditada a um homem, é colocada em sua conta. Descreve-se essa mesma pessoa tendo perdoados seus feitos

ilegais e cobertos os seus pecados. O Senhor não coloca o pecado em sua conta. Em lugar de um débito que jamais conseguiria pagar, ele recebe a justificação em sua conta, justificação essa que nunca mereceu. Como pode um homem ser justificado diante de Deus? Deus concede a Sua justiça àqueles que confiam nEle (Fp. 3:9). O V.T. afirma que Deus o faz. O N.T. mostra mais claramente como Ele o faz.

b) Abraão Feito Pai de Todos Aqueles que Crêem pela Sua Fé Anterior à Circuncisão. 4:9-12.

Se o caso de Abraão é uma ação judicial que põe à prova a constitucionalidade da lei, como a sua fé se relaciona com o rito da circuncisão? Ele foi o primeiro a participar desse rito, e este se tornou o sinal da aliança de Deus com o Seu povo. Com toda certeza essa pergunta era feita em toda discussão que Paulo tivesse com os judeus.

9,10. O apóstolo insiste que o crédito da fé para a justificação teve o seu lugar antes da circuncisão de Abraão. Na verdade, a circuncisão é considerada nas Escrituras como **o sinal da circuncisão como selo da justiça da fé** (v. 11). Conclui-se que a circuncisão foi um sinal dado a Abraão da justificação, que Deus lhe concedia por causa de sua confiança. Uma vez que a fé e a concessão da justificação ocorrem antes da circuncisão, Abraão é o pai dos gentios que, crêem, mas que não têm este símbolo religioso. A ordem no caso de Abraão – fé e depois o crédito da justificação – torna inequivocamente claro que a justiça pode ser computada aos gentios que crêem, O fato da circuncisão ser um sinal de justificação concedida a Abraão por causa de sua fé, faz de Abraão também o pai dos judeus, os quais – como ele – receberam a circuncisão, exerceram a fé, obtiveram a justificação concedida por Deus, e consideram a circuncisão como o sinal desta fé e justificação.

12. Observe que Abraão não é o pai (num sentido espiritual e vital) daqueles que só têm o sinal externo; mas, antes, ele é o pai daqueles que andam na fé, que ele teve antes de receber qualquer sinal exterior. Os judeus deviam andar nas pegadas de Abraão, o homem da fé, não nas

pegadas de alguém que legalistamente realizasse um rito que Deus tivesse ordenado.

c) Realização da Promessa Realizada pela Fé, não pela Lei. 4:13-16.

Paulo assevera que a promessa foi dada a Abraão ou sua semente, **não por intermédio da lei**. Que promessa Paulo tem em mente? É a promessa de que ele, Abraão, **havia de ser herdeiro do mundo**. Esta linhagem exata não se encontra no V.T., mas certamente Paulo fala aqui de Abraão como o pai de uma grande descendência (Gn. 15:5,6; 22:15-18). A grande quantidade da sua semente – como as estrelas do céu e a areia ao longo da praia (Gn. 22:17) – era entendida pelos judeus como se referindo apenas aos seus descendentes físicos. Mas em Rm. 4:11 Paulo diz que Abraão é o pai daqueles que crêem entre os gentios - "aqueles que crêem estando na incircuncisão". Por isso Abraão é o herdeiro do mundo, porque ele é o pai dos crentes. Esta promessa é **mediante a justiça da fé**. É claro que a fé realmente não concede a justiça. Deus a concede com base na fé.

14. E se nós presumirmos que aqueles que são da Lei são herdeiros? **Anula-se a fé e cancela-se a promessa**. Sempre que a escolha recai sobre a fé ou a lei, então a escolha da lei (legalismo) como base da herança do mundo e maneira de agradar a Deus, significa abandonar a fé e a promessa que nela se baseia.

15. A lei suscita a ira. Ela o faz estabelecendo um padrão divino de conduta. Os homens que ignoram esse padrão e fazem o que querem, colocam-se diretamente sob a ira de Deus.

Mas onde não há lei, também não há transgressão. Ninguém normalmente seria acusado de excesso de velocidade, se o estado não tiver um limite de velocidade, e se não houver sinais de limite colocados ao longo da estrada, e se não houver nada que pareça irrazoável e impróprio naquele que está dirigindo. A palavra **transgressão**

(*parabasis*) refere-se a uma infração, uma violação de ordem específica. O papel da Lei, então, é o de esclarecer o que Deus exige dos homens.

16. Essa é a razão por que (a promessa) **provém da fé.** A promessa tem sua fonte na fé a fim de que todos saibam, que o conteúdo da promessa é um favor, não coisa merecida, que venha em retribuição de algo. Mais ainda, a promessa é garantida para **toda a descendência.** Paulo esclarece que a posteridade não deve ser restringida àqueles que viveram sob a Lei. Antes, a posteridade refere-se 'aqueles que, tal como Abraão, crêem em Deus – aqueles que participam da fé de Abraão. Se esta é a definição da palavra **descendência**, então **Abraão** é realmente **pai de todos nós.**

d) Deus, o Senhor da Morte, o Objeto da Fé para Abraão e o Cristão 4:17-25.

Nesta parte o leitor vê o Deus em Quem Abraão creu. Também fica sabendo que obstáculos e dificuldades Abraão venceu por causa de sua firme confiança. Ambos, Abraão e o Cristão, partilham da mesma convicção: Deus dá vida aos mortos.

17. Um ano antes de Isaque nascer, Deus reapareceu a Abraão, reenfatizando Sua aliança com ele, dizendo que seria o pai de muitas nações, e mudando o seu nome de Abrão para Abraão (Gn. 17:1-5). O apóstolo cita a frase, **Por pai de muitas nações te constituí.** Paulo descreve Abraão, no momento em que esta declaração foi feita, **perante aquele (Deus) no qual creu.** Duas coisas importantes foram ditas sobre o Deus em Quem Abraão creu: 1) Ele **vivifica os mortos.** Abraão experimentou este poder no nascimento de Isaque (cons. Rm. 4:19). Paulo estava pensando no Pai especialmente como Aquele que ressuscitou Cristo (cons. v. 24). 2) **chama à existência as coisas que não existem.** Este é o poder do Senhor para criar. Também poderia ser traduzido assim: *Deus cria o que não existe como se existisse.* Nenhum mortal pode compreender o poder criativo de Deus. A criação dos objetos animados e inanimados e a sua conservação é a atividade de

Deus. A natureza dos objetos pode ser discutida – mente, matéria, energia – mas o porquê e como de sua existência, só pode ser exatamente conhecido até onde o Senhor revela.

18. Conhecendo Abraão um Deus assim, ele era capaz de crer, **em esperando contra a esperança**. Sua fé foi dirigida para o propósito e alvo de ser o pai de muitas nações.

19. Havia dois grandes obstáculos na consecução do seu alvo. Ele era fisicamente incapaz de gerar um filho. Sua esposa Sara era fisicamente incapaz de conceber e dar à luz. Mas ele **sem enfraquecer na fé, embora levasse em conta o seu próprio corpo** (*considerando-o*) **amortecido** (v. 19). *Ele não considerou o seu próprio corpo já morto*. Mas esta negativa não é sustentada pelos melhores manuscritos. Portanto, Paulo descreve Abraão enfrentando a dificuldade. Ele tinha cerca de cem anos de idade. Ele considerou mais a morte do ventre de Sara.

20. Não duvidou da promessa de Deus, por incredulidade. A palavra que foi traduzida para "duvidou" (*diakrino*) poderia ser também "oscilou". Para o patriarca, não havia incerteza por causa de incredulidade. Em face desses obstáculos, Abraão **se fortaleceu na fé** ou confiança. Observe aqui os efeitos da crença e descrença. A incredulidade põe a pessoa em discordância com ela mesma; a crença produz força para enfrentar o obstáculo. Abraão deu glória a Deus conforme foi fortalecido.

21. Ele estava convencido de que **o que ele** (Deus) . . . **prometera**, era capaz de realizar. O verbo "prometer" está no perfeito. Isto significa que Abraão estava na posse da promessa, tão grande era sua convicção de que a promessa se realizaria.

22. Este era o tipo de fé creditado a Abraão como justiça.

24. O crédito da fé como justiça, não foi só para o benefício de Abraão. O registro deste fato foi **por nossa causa**. A justiça será computaria àqueles que crêem **naquele que ressuscitou dentre os mortos a Jesus, nosso Senhor**. Há uma diferença entre Abraão e o

Cristão. Abraão creu ou confiou em Deus (v. 3). O Cristão confia no mesmo Deus, mas agora Ele é conhecido como o Deus que ressuscitou Jesus Cristo dos mortos (v. 24). Nisto o Senhor revelou-se agindo em benefício do homem de um modo todo especial.

25. O centro de sua ação é Cristo, **o qual foi entregue por nossas transgressões.** O verbo "entregar" está na voz passiva, significando que foi Deus que o entregou (cons. 8:32). A mesma palavra foi usada com Judas e sua traição. Mas embora Judas fosse o instrumento humano, que entregou Cristo aos soldados, e embora o pecado de Judas fosse muito grande, era propósito de Deus que Cristo fosse entregue nas mãos dos pecadores. (A palavra "entregou", *paradidomi*, é usada em diversos contextos interessantes. Para um estudo dessa palavra veja F. Buchsel, TWNT, II, 171.175; Karl Barth, *Church Dogmatics*, Vol. II, Parte 2, *The Doctrine of God*, págs. 480-494).

Quando vemos que "nossas" transgressões exigiram que Cristo fosse condenado à morte, a morte de Jesus aparece numa luz diferente. Um observador neutro poderia concluir que Cristo morreu e ressuscitou. Mas alguém que se entregou a Deus diz: "Jesus foi entregue por causa das *minhas* transgressões". O pronome plural nossas mostra a identificação de Paulo com seus leitores romanos.

Ressuscitou por causa da nossa justificação. O verbo está novamente na passiva. Deus ressuscitou Cristo dos mortos. Aqui se diz que a ressurreição foi essencial para sermos justificados. A ressurreição assinalou não somente a vitória de Cristo sobre a morte mas também sua vida testifica que Ele completou a obra redentora que foi planejada por Deus (a obra para a qual Ele se tornou homem), e que Ele vive para rogar pela causa daqueles que crêem nEle e na Sua obra redentora.

Romanos 5

4) A Centralidade da Justificação pela Fé nas Vidas Individuais e na Estrutura da História. 5:1-21.

Na primeira parte deste capítulo, Paulo examina o significado da justificação pela fé para os crentes. O que eles têm? O que eles deveriam fazer? Como Deus se relaciona com eles e qual é o seu futuro? Depois ele volta para uma comparação dos efeitos do afastamento de Deus, por parte de Adão, com os efeitos da obra reconciliatória de Cristo. A importância da justificação na última metade do capítulo foi esclarecida pela repetição do termo em 5:17, 18,19,21.

a) Os Efeitos da Justificação pela Fé sobre os Recipientes. 5:1-11.

1. O particípio fala da ação que foi realizada. **Justificados, pois, mediante a fé.** Este tem sido o tema desde 3:21 até 4:25. Partindo deste tema, seguem-se certas condições e reações.

As principais formas verbais em 5:1, 2, 3 podem ser traduzidas: "Temos paz ... nos gloriamos ...". Ou esses verbos podem ser traduzidos como exortações: "Desfrutemos da paz que temos ... gloriemo-nos na esperança ... gloriemo-nos nas aflições ..." Os verbos estão todos no tempo presente, e expressam atividade constante. A **paz** que um crente tem é a **paz com Deus**. Este é um estado objetivo para aquele que é declarado justificado. Ele é **por meio de nosso Senhor Jesus Cristo**. A obra redentora de Cristo forneceu uma expiação, uma cobertura para o pecado daquele que foi declarado justificado pela fé. Esse tal foi reconciliado com Deus. Portanto a hostilidade e animosidade entre Deus e os crentes já se foi. Em lugar disso há uma bendita paz.

2a. Há uma comunhão – **por intermédio de quem obtivemos igualmente acesso**. A maravilha de ser declarado justificado consiste neste acesso aberto à presença de Deus. *Prosagoge* pode ser traduzido por "aproximação", "acesso" ou "introdução" (veja LSJ, pág, 1500). Mas a idéia de "introdução" vai de mãos dadas com "acesso" ou "aproximação". Alguém que vai falar com um rei precisa de ambas as vias de acesso – o direito de ir e uma introdução – a devida apresentação. O direito de acesso é fundamental, a introdução mais uma questão de protocolo. Portanto o destaque aqui tem de ser dado ao **acesso**. O acesso

é a **esta graça na qual estamos firmes. Esta graça** é o favor não merecido de Deus, que declara justificados aqueles que colocaram a sua confiança em Jesus.

2b. A tradução gloriemo-nos na esperança deixa de esclarecer ao leitor que o mesmo verbo foi usado aqui, e em 5:3 – "nos gloriamos nas tribulações". Portanto 5:2 realmente significa: *E nos gloriemo-nos na esperança da glória que Deus há ele manifestar ou exhibir.* A esperança exerce parte vital na vida dos crentes, pois ela se relaciona com tudo o que Deus tem prometido fazer por eles em Cristo.

3,4. Mas esta esperança se torna mais clara na pressão que dia à dia exerce na vida. O crente se gloria nas tribulações, porque sabe que elas produzirão uma visão mais clara do que está à frente – esperança contendo convicção. A ordem destes versículos é significativa – **tribulação, perseverança, experiência, e então esperança.** As provações despertam a paciência. A paciência produz o caráter. E o resultado disso tudo é a esperança.

5. Ora, a esperança não confunde. Mesmo se a esperança se centraliza na futura ação de Deus (8:24, 25), ela tem uma importante possessão presente – **o amor de Deus é derramado em nossos corações pelo Espírito Santo, que nos foi outorgado.** A abundância deste amor no coração dos homens justificados, e o seu alcance, Cristo diz ser a qualidade distintiva dos cristãos (Jo. 13:34, 35). Este amor, derramado em nossos corações, com a esperança que não desaponta, tem o seu exemplo supremo no amor de Deus por nos (Rm. 5:6-8).

6. Realmente, **quando nós ainda éramos fracos** (fraqueza mortal), (Cristo) **morreu a seu tempo pelos ímpios.** Raros são os exemplos de uma pessoa morrendo por um homem justo. Que alguém possa se aventurar a morrer *por* um homem bom, por causa do impacto de sua vida, é muito plausível. Mas, que Deus demonstrada o seu amor *por* nós em Cristo, morrendo por nós enquanto éramos ainda pecadores, não é apenas espantoso, mas quase incrível. Quatro vezes nesta seção ocorre a preposição *hyper* (vs. 6, 7, 8). Ela tem um sentido tão amplo que

nenhuma palavra pode transmiti-la. Ela realmente envolve em uma só unidade as idéias de "em benefício de", "em favor de" e "em lugar de". Se estas idéias forem colocadas dentro da palavra "por", então todo o significado da morte de Cristo "por" nós começa a despontar.

9. Mas Paulo rapidamente muda o cenário do nosso anterior estado de pecadores para o **agora**. Se Deus nos amava quando éramos pecadores, se Cristo morreu por nós então, muito mais agora, tendo sido declarados justificados por Seu sangue, seremos salvos através dEle (Cristo) da futuro ira de Deus. Observe que a base para a justificação é o sangue de Cristo. Esta futura salvação é do castigo da ira de Deus, do qual se fala em II Ts. 1:9, "eterna destruição, banidos da face do Senhor e da glória do seu poder".

10. Os que agora estão justificados, diz-se, que foram reconciliados com Deus, **quando inimigos**. A base dessa reconciliação ficou explicitamente declarada – **mediante a morte de seu Filho**. Fomos reconciliados por Sua morte enquanto ainda éramos inimigos. Sendo isto verdade, conclui o apóstolo, muito mais verdade é que **seremos salvos pela sua vida**. Em outro lugar, Paulo destaca que aquele que é ligado ao Senhor é um espírito com Ele (I Co. 6:17), isto é, participa da vida ressurreta e poder espiritual de Cristo. Ele também diz: "Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então vós também sereis manifestados com ele, em glória" (Cl. 3:4). Seremos salvos pela vida de Cristo porque participamos desta vida. Pertencemos a Cristo. O escritor aos Hebreus destaca que Cristo vive para interceder por nós (Hb. 7:25). A vida intercessória de Cristo na glória, tem um desempenho vital na salvação dos crentes. Mas o contexto aqui parece destacar a participação dos crentes na morte e vida ressurreta de Cristo. Os crentes serão salvos (futuro) pela sua presente e futura participação na vida de Cristo.

11. Jactar-se ou gloriar-se em Deus, ato esse por meio do qual o crente afirma sua devoção a Deus, é feito através do Senhor Jesus Cristo. Através dEle **acabamos agora de receber a reconciliação**. Deus é Aquele que age na reconciliação (II Co. 5:18, 19), e os homens diz-se

que são reconciliados (Rm. 5:10; II Co. 5:20), isto é, Deus age sobre eles. Assim, os crentes, diz-se, recebem reconciliação. São os recipientes de um relacionamento de paz e harmonia realizado por Deus.

b) Os Efeitos da Desobediência de Adão e da Obediência de Cristo. 5:12-21.

Esta é uma das passagens mais difíceis do livro de Romanos, porque Paulo é tão conciso. A aparente repetição, é apenas por causa de freqüente menção de Adão e Cristo – e aqueles que foram influenciados por suas ações. Na verdade, Paulo desenvolve seu argumento com todo o cuidado. Ele usa o argumento *a fortiori* (mais conclusivamente, com razões mais fortes): Se o pecado de Adão resultou nisso, quanto mais a obra redentora de Cristo fará. Embora a obra redentora de Cristo seja muito mais potente do que a transgressão de Adão, como mostra o apóstolo, isto não significa que todos os homens serão salvos. Pois os homens, para reinar em vida, devem **receber** a abundância da graça e a justiça que Deus põe à disposição deles (v. 17)..

12-14. A Universalidade do Pecado e da Morte.

12. Por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte. O homem é Adão. O tempo do verbo indica uma entrada histórica distinta. **Mundo** refere-se à humanidade (uso comum da palavra em Romanos (cons. 1:8; 3:6; 3:19; 5:12, 13).

A morte passou a todos os homens porque todos pecaram. A morte física sobreveio a todos os homens, mas não porque estivessem todos no processo do pecado individual. Todos os homens pecaram (com exceção das criancinhas que morrem na infância) experimentalmente. Mas Paulo não está falando sobre isso aqui. O pecado de **todos** centraliza-se no de **um só homem**, Adão. **Porque todos pecaram.** Paulo declara que todos os homens pecaram quando Adão pecou, mas ele não explica *como*. Todavia muito se tem escrito sobre a questão do *como*.

O conceito paulino da solidariedade racial, parece ser uma universalização do conceito hebreu da solidariedade da família. Uma

figura trágica da solidariedade familiar vê-se em Josué 7:16-26, quando Acã foi descoberto ser a causa da derrota de Israel em Ai. Apropriara-se de despojos de Jericó, contrariando ordem específica do Senhor (Js. 6:17, 18). Acã não acusou ninguém mais – "Eu vi . . . cobicei-os e tomei-os" (Js. 7:21). Mas na administração do castigo, não foi somente Acã, mas também toda sua propriedade, seus filhos, suas filhas, seus bois, seus jumentos, suas ovelhas, sua tenda, foram destruídos. Tudo o que tinha ligação com Acã foi erradicado de Israel.

Outro exemplo de solidariedade familiar encontra-se no incidente de Abraão, pagando dízimos a Melquisedeque (Gn. 14:18-20). O escritor aos Hebreus diz que Levi deu dízimos a Melquisedeque, embora não nascesse antes de aproximadamente 200 anos mais tarde. Ele diz que Levi estava ainda nos lombos de seu pai, quando este se encontrou com Melquisedeque (7, 9, 10). No mesmo sentido, Adão era o indivíduo e a raça. Sua posteridade é considerada agindo com ele porque é a *sua* descendência. Como filhos de Adão constituem a raça *de Adão*.

13. Dos tempos de Adão até os da lei mosaica, o pecado estava no mundo. Estava presente nos atos dos homens e na sua natureza (isto é, no princípio da rebeldia que se encontrava neles).

Mas o pecado não é levado em conta quando não há lei. Adão foi acusado do seu pecado e do pecado de sua descendência, porque ele quebrou uma ordem explicitamente dada por Deus. Os homens, de Adão até Moisés, sem tais leis explícitas, não poderiam ser acusados do pecado na forma em que Adão foi. Eles não tinham estatutos definidos e específicos, como os que foram mais tarde dados na lei mosaica.

14. Mas esses homens participaram dos efeitos do pecado de Adão, porque a morte reinou de Adão a Moisés, **mesmo sobre aqueles que não pecaram à semelhança da transgressão de Adão.** Olhando para esses homens do ponto de vista da solidariedade humana, Paulo vê os homens de Adão a Moisés, todos envolvidos no pecado inicial de Adão e suas conseqüências. Aqueles, neste grupo, que não pecaram quebrando uma ordem especificamente dada, também morreram. Adão foi chamado

neste versículo de **o qual prefigura aquele que havia de vir**. Paulo não está dizendo, que não houveram ordens dadas por Deus conhecidas pelos homens entre Adão e a Lei (cons. Gn. 26:5). Ele afirma que uma ausência de um código legal – de uma norma divinamente concedida – afeta a maneira como o pecado é colocado contra os homens.

15-17. Resultados Contrastantes de Diversas Atitudes. Paulo destaca as diferenças entre Adão e Cristo.

15. A transgressão de **um** (Adão) contrasta-se como a graça de Deus e o dom na esfera da graça que um homem, Cristo, concede.

Morreram muitos por causa da transgressão de Adão. Uma vez que a morte passou a todos os homens (v. 12), está claro que a expressão **muitos** refere-se a "todos os homens".

Muito mais. A graça de Deus e o dom que está na esfera da graça, que Cristo concede afluíu para muitos. "Os muitos" é o mesmo grupo que foi afetado pela transgressão de Adão, e conseqüentemente morreram. A graça de Deus e o dom na esfera da graça de Cristo abundou para todos os homens. O dom é a justificação (veja v. 17). O ato de Adão trouxe a morte. A graça divina abunda para aqueles que foram afetados pelo ato de Adão.

16. O veredito da condenação proveniente da transgressão, contrasta com o dom gracioso que veio à existência por causa das muitas transgressões.

Porque o julgamento derivou de uma só ofensa, para a condenação. O juízo (veredito) refere-se à sentença de Deus. A palavra **condenação** envolve idéias de "castigo" e "ruína". Perguntamos: a quê? A resposta é, ao castigo e à ruína. A seriedade desta condenação não pode ser exagerada.

Mas a graça transcorre de muitas ofensas, para a justificação. O resultado da transgressão de Adão foi a condenação. Muitas transgressões produziram a operação do gratuito dom de Deus, e o seu resultado ou alvo é a absolvição. Como deve ser poderoso este dom gratuito quando dirigido para tal fim!

17. O reino da morte, por causa da transgressão de um, contrasta com o reino da vida – uma parte daqueles que recebem a abundância da graça e o dom da justiça.

Por meio de um só, reinou a morte. Adão transgrediu o mandamento de Deus, que dizia, que não devia comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn. 2:17). Esta ordem foi um teste da obediência do homem a Deus. Com a entrada do pecado na experiência do homem, a morte também entrou. A morte passou a reinar. Reinava de maneira suprema. A atitude de Adão provocou o reino da morte.

Muito mais. Eis aí novamente a ação de um homem; mas desta vez é a ação de um homem simplesmente em resposta ao que Deus fez.

Os que receberam a abundância da graça, e do dom da justiça. Vemos aqui o homem obrigado a tomar uma atitude para com a ação de Deus. A abundância da graça relaciona-se com tudo o que Deus realizou e prometeu fazer em Cristo. O dom foi definido aqui como a **justiça**. É a justiça concedida por Deus com base na fé (Rm. 1:17; 3:21, 22, 26; 5:17, 21; 9:30; 10:3). Aqueles que estão recebendo o favor abundante de Deus para com os que estão em Cristo, e a justificação que Ele concede, **reinarão em vida por meio de um só, a saber, Jesus Cristo**. Por causa da obra de um só homem, Jesus Cristo, a morte não reina mais, mas os homens **reinarão em vida por meio de um só**. Por que não são tantos, os que reinam em vida, quantos os que estavam sob o reino da morte? Porque a abundância da graça e o dom da justiça, foram rejeitados por um número maior do que os que os receberam.

18,19. Todos os homens foram afetados pela transgressão (de Adão) e o ato da justiça (a morte expiatória de Cristo e a Sua ressurreição). **Pois** (como resultado então). Paulo está pronto para resumir o seu argumento brevemente.

Assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens. O sujeito aqui, o juízo, tem de ser suprido do versículo 16. O verbo **veio** é uma tradução satisfatória do verbo grego *egeneto*, que deveria ser fornecido.

Assim também por um só ato de justiça veio a graça sobre todos os homens para justificação que dá vida. Em relação a **um só ato de justiça** veja Arndt, *dikaioma*, 2, pág, 197. Romanos 4:25 dá evidência de que Paulo considerava a morte e a ressurreição de Cristo como um todo unificado. O sujeito, **a graça** (*dom gratuito*), deve ser procurado em 5:16. Esta graça vem a todos os homens *com o propósito de* (para) **justificação que dá vida** (veja Arndt, *dikaiosis*, pág, 197). Em ambas as partes deste versículo, ocorre a mesma frase – **todos os homens**. Por meio de uma transgressão o veredito ou sentença de juízo veio **sobre todos os homens**. Da mesma maneira, por meio de um só ato de justiça veio o dom gratuito da redenção (veja Arndt, *karisma*, 1, pág. 887) **sobre todos os homens** com o propósito da absolvição que produz vida. Paulo declara que o efeito do ato de justiça de Cristo, estende-se exatamente até onde se estendeu o efeito da transgressão de Adão.

19. Como pela desobediência de um só homem muitos se tornaram pecadores, assim também por meio da obediência de um só muitos se tornarão justos. A desobediência de Adão contrasta com a obediência de Cristo. No versículo precedente Paulo emprega o vocabulário e a estrutura de um tribunal de justiça – condenação de um lado e absolvição de outro. Ele conserva esta linguagem legal também neste versículo. O verbo *kathistemi*, traduzido como se **tornarão**, faz parte dessa linguagem legal. Em que sentido **os muitos se tornaram pecadores** e em que sentido **os muitos se tornarão justos**? A linguagem legal sugere o seguinte significado: "apontar" "colocar na categoria de", "constituir", "estabelecer". Por causa da desobediência de Adão, **os muitos** foram apontados por Deus como sendo pecadores. Foram colocados na categoria de, e constituídos pecadores. Por causa da obediência de Cristo, **os muitos** serão apontados como justos. O verbo está no futuro porque Paulo estava pensando na futura geração de crentes, que confiando em Cristo seriam declarados justos. Teria o apóstolo mudado o alcance dos **muitos** em cada lado desta comparação? Não, porque ele está mostrando em que categoria Deus coloca os

homens quando ele os encara em termos do efeito *real* da desobediência de Adão, e do efeito *potencial* da obediência de Cristo. Paulo não está ensinando, como em 5:17, que todos os homens serão salvos. Mas no versículo 19, ele declara que, a obediência de Cristo abrange todos aqueles afetados pela desobediência de Adão.

20,21. *O Reino do Pecado Versus o Reino da Graça.* Aqui Paulo conclui a argumentação que começou em 5:12 sobre a pergunta: Qual dos dois é o mais poderoso – o pecado ou a graça?.

20. O escritor nos faz lembrar que embora a justificação pela fé seja o ponto central da história humana, a Lei tem um lugar importante. A Lei veio **para que avultasse a ofensa** (aumentasse, multiplicasse). **Mas, onde abundou o pecado.** As palavras ofensa e pecado foram ambas personificadas aqui, fazendo do mal um inimigo distinto e não uma mera abstração. **Superabundou a graça.** Ou, *esteve presente em abundância ainda maior.* A graça é muito mais poderosa que o pecado. Todavia quando os crentes vêem o tremendo poder do pecado, esquecem-se desta verdade.

21. Como o pecado reinou pela morte, a graça abundou **para que reinasse. . . pela justiça.** O pecado está relacionado com a morte neste versículo, assim como no versículo 5:12. A graça reina através da justiça que Deus concede. O fato de que a justiça de Cristo foi concedida àqueles que crêem, significa que, além de serem declarados justos, pertencem também ao reino e ao triunfo da graça.

Para vida eterna, mediante Jesus Cristo nosso Senhor. A graça reina com um alvo em vista – a vida eterna. A vida eterna é uma qualidade de vida; é viver segundo a vida de Deus e para Deus. Os crentes, agora, têm esta vida. Mas vida eterna significa, além de viver por Deus e para Ele, viver em um ambiente que Ele tornou perfeito - livre de todo pecado. Portanto a vida eterna é o destino do crente, como também a realidade imediata. Como esta vida será alcançada? Por meio de uma pessoa – **mediante Jesus Cristo nosso Senhor.**

B. A Justiça, Maneira de Vida Cristã Diante de Deus. 6:1 - 8:39.

Até aqui Paulo tem destacado que Deus é justo e reto (cons. 3:26) e que Ele concede a justiça àqueles que crêem (cons. 3:22). Diante da pergunta como os homens se tornam justos diante de Deus, ele replicou: "Não pelas obras mas pela confiança em Deus" (cons. 4:1-8). Mas aquele que tem a justiça, que Deus concede, deve viver uma vida justa. Paulo agora demonstra o que isto significa. Primeiro, ele elimina algumas idéias erradas sobre o seu ensinamento sobre a graça. A seguir, ele demonstra que na luta contra o pecado, o crente não deve condenar a lei. Depois ele descreve o pecado como um tirano poderoso, que não pode ser derrotado só pelos esforços humanos. Paulo conclui esta parte apontando como obter a vitória.

Romanos 6**1) O Sofisma de Que o Pecado Faz Abundar a Graça 6:1-14.**

1. Já que a graça é tão poderosa, não poderia um homem permanecer no pecado e ainda assim experimentar o poder da graça libertadora?

2. A resposta de Paulo é enfática. **De modo nenhum.** Aquele que confia em Cristo identifica-se com o Senhor Jesus na Sua morte. **Nós, os que para ele morremos?** O versículo 10 esclarece que Paulo, aqui está falando da morte de Cristo. Mas ele usa a primeira pessoa do plural – **Nós** morremos para o pecado. É uma experiência do passado. Sendo assim, como poderíamos ainda viver no pecado quando já morremos para ele?

3-5. Tendo dito que o crente morreu com Cristo, Paulo refere-se agora à ordenança do batismo. Aqui o apóstolo segue seu familiar padrão de declarar a verdade e depois ilustrá-la.

3. **Todos os que fomos batizados em Cristo Jesus fomos batizados na sua morte?** A frase "serem batizados em" (*baptizein eis*) também pode ser traduzida para *foram batizados com respeito a*. É usado no sentido de ser batizado com respeito ao nome de alguém (cons. At.

8:16; 19:5; I Co. 1:13, 15; Mt. 28:19; veja Arndt, *baptizo*, pág, 131). A ordenança do batismo está sendo focalizada com respeito à morte de Cristo – seu significado e resultado. Mas Paulo aqui aponta para as implicações do batismo no que se refere à maneira de viver dos romanos.

4. Fomos, pois, sepultados com ele na morte pelo batismo.

"Fomos sepultados junto" destaca a realidade da morte de Cristo. Cristo morreu, e o crente realmente morreu com Ele. **Como Cristo foi ressuscitado dentre os mortos pela glória do Pai.** Esta é uma cláusula comparativa. A ressurreição concedeu ao Senhor Jesus uma nova maneira de vida. De modo semelhante nós também deveríamos andar **em novidade de vida.** Já que fomos identificados com Cristo na Sua morte, somos identificados com Ele na Sua ressurreição. Para o Salvador, a ressurreição significou nova maneira de vida. Somos sepultados com Cristo para que nós, como Ele, possamos *viver em novidade de vida.* A tradução *andar em novidade* de vida traz em si o viver diário na costumeira rotina da vida.

5. Se fomos unidos com ele na semelhança da sua morte (MM, pág. 598), **certamente o seremos também na semelhança da sua ressurreição.** A palavra **semelhança** foi usada em relação a duas palavras na tradução deste versículo em português – **morte e ressurreição.** Embora apareça uma única vez no texto original, está claro que Paulo tinha a intenção de aplicá-la a ambas, morte e ressurreição. Alguns têm desejado acrescentar "com ele" ao versículo – "Se fomos plantados juntamente com ele na semelhança". Mas sua morte e ressurreição torna claro, não obstante, que Cristo é a figura central do versículo. A expressão com ele não se encontra no texto, e sem ela o sentido já é bom. A ênfase do versículo recai sobre a palavra **semelhança** (*homoioima*). Pecar na semelhança da transgressão de Adão (5:14) significa pecar do mesmo modo, isto é, desobedecer uma ordem específica. Não significa pecar o mesmo pecado. Portanto a palavra pode ter os significados de "representação", "cópia", "fac-símile" e "reprodução". (Para um excelente exame da palavra e as diversas

interpretações dadas neste contexto, veja Johannes Schneider, TWNT, V, 191195). Uma vez que os crentes tiveram uma morte como a de Cristo, certamente terão uma ressurreição igual. Isto não significa que terão uma ressurreição idêntica a de Cristo; antes, terão uma ressurreição como a dEle. No batismo os crentes são ligados à representação de Sua morte. Ser ligado à semelhança da ressurreição de Cristo é uma esperança futura da qual eles têm certeza. Ambos os fatos (batismo e ressurreição) apontam para um modo de vida transformado, entre estes dois eventos - o andar em novidade de vida.

Nos versículos 6-10, como no versículo 2, Paulo aponta o acontecimento histórico da morte de Cristo.

Nosso velho homem. O homem velho ou não regenerado, antes de ser renovado, mudado, transformado. Este homem não regenerado, foi crucificado com Cristo **para que o corpo do pecado seja destruído.** O corpo aqui foi destacado por causa do papel que exerce na execução dos desejos pecaminosos do homem. *Para que não sirvamos o pecado como escravos.* O pecado aqui foi personificado. Como tirano, ele mantém os homens presos em abjeta escravidão.

Porquanto quem morreu, justificado está do pecado. Uma pessoa morta não pode atuar nos acontecimentos diários da vida. Alguém que morreu para o pecado não reage ao padrão da vida do pecado.

8. Se já morremos com Cristo. Nosso morrer com Cristo é a base de nossa crença em que seremos ressuscitados com Ele.

9. A morte de Cristo foi em relação ao pecado. Sua vitória sobre a morte é permanente. Isto aconteceu uma vez por todas.

10. Desde o momento de sua morte Ele vive somente para Deus, isto é, para o lucro e glória de Deus. E Ele viveu somente para Deus antes da Sua morte. Mas quando Jesus realizou a Sua obra redentora, que se centralizou em Sua morte, Sua vida para Deus recebeu uma nova aparência. Ele resolveu a questão do pecado de uma vez para sempre. Ele conquistou a morte. Com o pecado e a morte derrotados, pôde viver para Deus tendo estas experiências por trás dEle.

Tudo isto teve certas conseqüências para os crentes (6:11-14).

11. Devemos nos considerar mortos para o pecado, mas vivos para Deus (*prossequir nos considerando*). O fato de que devemos prossequir nos considerando mortos para o pecado, mostra que a possibilidade do pecado está sempre presente. Mas o nosso considerar é mais do que negativo. Devemos nos reconhecer vivos (constantemente vivendo) para Deus. A frase **em vosso corpo mortal** equivale ao **vos** (v. 13). **Porque o pecado não terá domínio sobre vós**, isto é, sobre vossas pessoas, para obedecerdes aos seus desejos malignos. Se estamos em Cristo, temos o poder de destronar o pecado em nossas vidas. Se um crente permite que o pecado reine, ele obedece aos desejos malignos que o pecado gera.

13. Nem ofereçais cada um os membros do seu corpo ao pecado como instrumentos de iniquidade. Quando o pecado, o tirano, reina nos corações dos homens, os pecadores livremente oferecem suas mãos, pés, olhos e mente para a causa da injustiça. Em lugar dessa constante dedicação para o mal, Paulo insiste: **oferecei-vos a Deus . . . , e os vossos membros . . . como instrumentos de justiça.** Por que deveríamos nos apresentar a Deus? Porque aqueles que estão em Cristo vivem como ressuscitados dentre os mortos. Nós morremos com Cristo. Vemos, portanto, a vida sob uma nova perspectiva. Dedicamo-nos a Deus. O ego, é claro, inclui cada membro ou parte do nosso ser e cada atividade em que possamos estar ocupados. Tudo aquilo que forma a personalidade humana, ou estará servindo ativamente à justiça, ou estará servindo ativamente à injustiça. Em qual serviço os nossos membros estão ocupados?

14. A abundância da graça é de natureza tal que o pecado não terá domínio sobre os crentes. Não estamos **debaixo da lei** mas **da graça**. Aqueles que estão em Cristo não estão sob o regime da lei mosaica para obtenção da salvação. Estamos sob a graça de Deus e de Cristo. Todo o V.T. – a Lei, os Profetas e os Escritos (os Salmos, por exemplo) – certamente revelam o pecado (Rm. 3:20; 5:20) quando compreendidos à

luz dos ensinamentos de Cristo, e dos apóstolos depois da morte e ressurreição dEle. O V.T, também ensina as grandes verdades cristãs sobre Deus. Paulo encarava Cristo e seus ensinamentos como sendo a própria lei. "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (Gl. 6:2). "Aos sem lei, (eu me fiz) como se eu mesmo o fosse sem lei (para os gentios como gentio), **não estando sem lei para com Deus, mas debaixo da lei de Cristo, para ganhar os que vivem fora do regime da lei.** (os gentios)" (I Co. 9:21).

2) O Sofisma de que se deve pecar, porque os crentes estão debaixo da graça, e não da lei. 6:15 – 7:6.

Quando estamos sob a graça, temos um novo proprietário. Este fato muda toda a conduta -do crente. Nosso "status" sob a graça é como o de uma mulher casada com outro homem depois da morte do marido. Envolve toda uma nova maneira de vida. Assim, por analogia, Paulo mostra que estar sob a graça, não permite nunca que o crente seja indiferente ao pecado.

a) Fidelidade, Fruto, Destino. 6:15-23. Aqui Paulo apela para o que seus leitores já conhecem. Ele os faz lembrar de suas vidas passadas e do fruto que produziam. Ele lhes fala do resultado de sua nova dedicação. Ele apresenta o contraste dos resultados eternos das duas diferentes formas de fidelidade.

15. Poderia um homem cometer um pecado porque não está sob a lei, mas sob a graça? Paulo replica: **De modo nenhum.**

16. Ele faz seus leitores se lembrar de que são escravos daquele a quem eles mesmos se entregaram. Se eles se entregam ao pecado, o resultado é a morte. Se eles se tomam escravos da obediência a Deus, o resultado é a justiça. A entrega é encarada aqui como um processo constante de submissão.

17. Eram antigamente escravos do pecado. Houve então um rompimento dessa escravidão. **Viestes a obedecer de coração à forma de doutrina a que fostes entregues.** O padrão de ensinamentos é o

Cristianismo, é claro. Eles foram entregues para o aprendizado do seu conteúdo. Eles reagiram obedecendo – uma obediência que vinha das profundezas do seu ser. Isto provocou mudança decisiva. Foram libertados do pecado. Tornaram-se escravos da justiça. Ambos, o pecado e a justiça, foram personificados, e esta figura de linguagem – ser escravo do pecado ou da justiça - ajuda-nos a compreender exatamente o que está se discutindo.

19. Falo como homem, por causa da fraqueza da vossa carne.

Paulo diz que esta analogia humana é necessária por causa do discernimento deficiente daqueles, que facilmente se tornam instrumentos do pecado. O homem sob o controle do pecado está "na carne". Antigamente os leitores de Paulo apresentavam os seus membros como escravos da impureza, cometendo um pecado após o outro. Isto comprovava sua constante devoção à diversas formas de impiedade.

Assim ofereci agora os vossos membros para servirem à justiça para a santificação. Com o mesmo abandono com o qual os homens dedicam-se ao mal, deveriam agora apresentar seus membros como escravos da justiça. O resultado é *consagração* ou **santificação**. Consagração a quem? A Deus. Santidade é o produto da consagração a Deus.

20. Paulo afirma, que quando os leitores pertenciam ao pecado, eles certamente não tinham a justiça por senhor.

21. Que resultados colhestes? Quando vocês eram escravos do pecado, que fruto vocês produziam? Vocês produziam o tipo de fruto **de que agora vos envergonhais**. Os pecadores produzem mau fruto (veja Mt. 7: 16-20). **O fim delas é morte** (dessas coisas). Paulo aqui se refere à morte eterna (veja Arndt, *thanatos*, 2, b, pág. 352; Rm. 1:32; 6:16, 21, 23; 7:5; II Co. 2:16; 7:10; II Tm. 1:10; Hb. 2:14b; I Jo. 5:16; Ap. 2:11; 20:6, 15; 21:8).

22. Estar livre do pecado significa ser escravo de Deus. O fruto imediatamente produzido é a consagração. O resultado final de se pertencer a Deus é a vida eterna.

23. Porque o salário do pecado (pelos serviços que se lhe prestam) **é a morte.** Paulo aqui muda ligeiramente a sua analogia. O pecado paga solário àqueles que trabalhara para ele. O salário pago é a morte.

Mas o dom gratuito de Deus é a vida eterna em Cristo Jesus nosso Senhor. O dom gratuito da libertação do pecado oferecido por Deus, a transformação de todo o ser do pecador, é a vida eterna. Vida eterna é um novo tipo de vida. O pecador o considera um favor não merecido. Este tipo de vida, esta qualidade de existência, encontra-se em uma só pessoa – em **Jesus Cristo**. A última frase – **nosso Senhor** – é a maneira de Paulo dizer, que o Senhor nos pertence como nós lhe pertencemos. Nós o fizemos nosso Senhor por ato de entrega. Seu senhorio se estende à maneira de nosso comportamento.

Romanos 7

b) Cancelamento e Novo Alistamento Causado pela Morte. 7: 1-6.

1. A lei, diz o apóstolo, **tem domínio sobre o homem, toda a sua vida.** Paulo apresenta este axioma tanto por causa da ilustração que vai usar, como para mostrar que esta é a natureza da lei. Seus requisitos permanecem em vigor enquanto alguém vive sob o regime da lei.

2. A mulher casada está ligada pela lei ao marido, enquanto ele vive. No primeiro versículo Paulo diz que ele está falando aos que conhecem a lei. Uma vez que a maioria dos romanos eram gentios, a lei aqui não é a lei mosaica em particular, mas simplesmente o princípio legal de que uma mulher casada está ligada ao seu marido. Tratando deste mandamento em particular, Paulo certamente o faz à luz de sua bagagem judia dentro da lei mosaica. **Se o mesmo morrer, desobrigada ficará da lei conjugal.** A morte traz a anulação de todo o relacionamento anterior do seu casamento.

3. Será considerada adúltera se vivendo ainda o marido, unir-se com outro homem. A tradução "se for de" (cons. Arndt, *ginomai*, II, 3, pág, 159) tem o sentido implícito de *se for casada com*. Mas, depois da

morte do seu marido, ela pode tornar a se casar sem que seja acusada de adultério. A esposa que ficou viúva, está livre para casar-se com outro.

4. Quando Paulo aplica a ilustração ao relacionamento de um indivíduo com a Lei e com Cristo, é o indivíduo que morre (o crente que morre com Cristo) e fica livre da Lei e livre para pertencer a Cristo. Vós morrestes relativamente à lei, por meio do corpo de Cristo. A expressão por meio do corpo de Cristo refere-se à identificação do crente com Cristo em sua morte física. Em 6:6 Paulo já disse que a pessoa não regenerada foi crucificada com Cristo. Esta morte privou a Lei do seu poder sobre nós e teve por fim o nosso pertencer a outro – **aquele que ressuscitou dentre os mortos**. Eis aí um novo alistamento. Agora pertencemos a Cristo, para que possamos produzir frutos para Deus. Traduzir a frase; *eis to genesthai humas hetero*, para "para que sejais de (casados com) outro", está absolutamente certa. Faz parte da analogia de Paulo e concorda com o uso que faz da comparação com o casamento em outra passagem (II Co. 11:2; Ef. 5:25, 29).

5. Estar na **carne** significa estar sob o controle e domínio do pecado. **As paixões pecaminosas**, as quais a Lei tornou conspícuas, lembrando aos homens os padrões divinos, **operavam** constantemente **em nossos membros**. Dominados por essas paixões, os homens produziam fruto para a morte. A morte aqui está personificada. Significa morte eterna (veja 6:21).

6. **Agora, porém, libertados da lei**. A Lei não tinha poder para remover as paixões dos pecados. Livres da lei, equivalente aqui a estar livre da carne.

Estamos mortos para aquilo a que estávamos sujeitos (pela Lei). Sob a Lei, o crente morre com Cristo. Ele morre às exigências da Lei que reclamam a condenação. Paulo fala desta morte para a Lei em Gl. 2:19. Ficar livre da lei produz um novo relacionamento com uma nova atitude. O relacionamento é o de ser escravo constante de Deus. Isto significa que devemos servir a Deus, completamente cômicos de que Lhe pertencemos. Ele nos possui porque Ele nos redimiu.

Servimos em novidade de espírito e não na caducidade da letra.

Ou melhor, em novidade de Espírito que contrasta com o velho código legal. Em vez de um legalismo que dá força aos estatutos, há um espírito de amor e dedicação.

3) Perguntas que Surgiram por causa da Luta Contra o Pecado. 7:7-25.

Aqui Paulo desvenda suas próprias lutas íntimas. Ele não o relata como se fosse uma parte interessante de sua autobiografia, mas porque sabe que seus leitores têm as mesmas lutas. Paulo controlado pelo pecado fazia coisas que o Paulo controlado por Deus não queria fazer. Paulo controlado pelo pecado não era o seu verdadeiro ego, mas o falso. Apesar disso, era o mesmo ego. Paulo era culpado quando era controlado pelo pecado e santo quando controlado por Deus. Na qualidade de judeu ele conhecia a vontade de Deus (Fp. 3:6; Atos 22:3; 26:4, 5). Até onde executava a vontade de Deus, era controlado por Deus. Isto não fazia dele um crente em Cristo ou cristão. Mas tornava-o cômico da luta entre fazer o que é certo, e fazer o que é errado. Quando se tornou cristão, a luta se intensificou. Todo o crente, cômico da justiça que Deus concede, e da justiça como meio de vida cristã, pode dizer ao ler esta passagem, "Esta é a minha experiência". Paulo também se coloca representativamente para aquelas pessoas judias – o povo da Lei – que passaram da atitude de complacência sob a Lei, para a condição de preocupação com as lutas profundas, que tiveram lugar, e então para a posição de serenidade e vitória em Cristo.

a) A Lei é pecado? 7:7-12.

7. Se, ao se tornar cristão, um homem é libertado ou isentado da Lei, isso significa que a Lei tem algo de errado? Paulo responde: **De modo nenhum.** A Lei lhe mostrou (e mostra-nos também) exatamente o que o pecado é. Por exemplo, Paulo diz: **Eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça se a lei não dissesse: Não cobiçarás.** O anseio pelo mal toma-se

visível quando o mandamento declara: Esta coisa má está proibida. Então o pecador a deseja.

8. O apóstolo conta como o pecado considerou o mandamento, **tomando ocasião**, despertou nele toda a **concupiscência** (pelo que estava proibido). **Sem lei está morto o pecado.** Paulo não diz que sem a lei não se comete pecado. Ele diz que sem a lei o pecado não nos é aparente. É preciso o nível de um carpinteiro para nos mostrar como uma tábua é torta.

9. Outrora, sem lei, eu vivia; mas, sobreindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri. O apóstolo aqui fala de sua própria consciência do pecado. Quando era rapaz, o conteúdo da Lei não o alcançava. Ele não entendia o verdadeiro propósito da lei. Esta falta de entendimento não se limita às crianças. Um adulto, como o jovem e fico doutor da lei pode declarar confiantemente: "Todas estas coisas tenho guardado (*observado*) desde a minha mocidade" (Mc. 10:20; cons. Mt. 19:20; Lc. 18:21). **10.** Mas houve um dia na vida de Paulo quando o mandamento específico, "Você (sing.) não deve desejar o que está proibido", acertou-o em cheio. Paulo tomou consciência do pecado, e ficou sabendo que estava espiritualmente morto. Este mandamento específico ("Não cobiçarás") além de tornar claro que é pecado desejar o que está proibido, também lhe disse como deveria viver. Fê-lo lembrar que não estava vivendo da maneira certa.

11. O pecado o enganara. Compreendendo o mandamento, a extensão da mentira do pecado tornou-se-lhe clara. O mandamento fez Paulo ver que o pecado operara a sua morte. Primeiro o pecado *engana*, depois *mata*. Esta ordem mostra como o pecado é astuto e qual o seu objetivo – a ruína eterna dos indivíduos.

b) Aquilo que é bom é a causa da morte? 7:13, 14.

Paulo faz esta pergunta a respeito de si mesmo. E responde enfaticamente: **De modo nenhum.** Deus colocou as coisas de tal maneira que o pecado produz a morte através daquilo que é bom.

O pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte; a fim de que pelo mandamento se mostrasse sobremaneira maligno. Sendo o homem pecador, ele não crê que o pecado seja realmente o que é. A Lei lhe mostra claramente o que é, e o que pretende fazer.

Tanto os leitores como o escritor sabiam que **a lei é espiritual** (cheia do Espírito divino). (Veja Arndt, *pneumatikos*, pág. 685). A palavra *pneumatikos* também pode ser traduzida para *pertence ou corresponde ao Espírito* (divino). (Ibid.). Eis aí o grande tributo de Paulo prestado à Lei. Ela é induzida ou cheia do Espírito de Deus. Paulo condena a lei em um único ponto – legalismo. Ele se opõe ao ponto de vista, que considera a lei como um penhor da certeza de que somos de Deus – pelo qual Deus é obrigado a fazer isto ou aquilo pelo homem (por exemplo, salvá-lo), só porque o homem obedeceu a certas regras. Em contraste com a Lei, a qual está cheia ou é induzida pelo Espírito de Deus, Paulo se vê pertencente à carne. Ele é aquele que está vendido à escravidão do pecado. O apóstolo certamente não quis dizer que era inteiramente carnal (veja vs. 16, 18, 22). Ele quis dizer que sabia o que era estar sob o domínio do pecado. A batalha de Paulo não era constituída de alguns poucos conflitos isolados, mas uma guerra contínua.

c) Como resolver este conflito interno? 7:15-25.

Nesta parte o escritor pinta vividamente a luta interna de sua própria alma. Ele usa algumas expressões para descrever sua própria pessoa servindo ao ego ou ao pecado. Usa outras para descrevê-lo servindo a Deus. O conflito surge porque ele quer servir a Deus, mas descobre-se servindo ao ego e ao pecado.

15. Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir. Não sei o que está acontecendo comigo. É a declaração de alguém que está desconcertado. Mas ele não ignora o que está errado. O problema é vencer o erro. **Pois não faço o que prefiro, e, sim o que detesto.**

16. Eis aqui uma pessoa que tem conhecimento. Ele declara que consente **com a lei, que é boa**, quando diz que odeia suas atitudes que são contrárias à lei. Portanto, não é o verdadeiro ego de Paulo que pratica o mal, mas o pecado que habita nele (v. 17). Aqui o escritor identifica seu verdadeiro ser com o "Eu" (ego). Quando ele diz que é o pecado que pratica o mal, Paulo não está esquivando-se à responsabilidade, mas simplesmente reconhecendo que é o pecado que torna falso o seu ego.

18. Eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum. A frase em mim e na minha carne descreve Paulo sob o controle do pecado. A ausência do bem na esfera da carne é outra maneira de dizer que o óleo e a água não se misturam. Onde a carne tem poder, a vontade de fazer o bem torna-se ineficiente. **O querer o bem está em mim; não, porém, o efetuá-lo.** Paulo quis dizer que estava no processo de querer, mas não de fazer.

19. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço. Paulo sentia que não fazia progressos na prática do bem. Mas na área do mal ele tinha consciência de suas atividades.

20. Sendo isto verdade, novamente ele conclui, como no verso 17, que não é mais o **Eu** que o faz, mas **o pecado que habita em mim.**

21. Por isso o escritor conclui: "ao fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim". Seu desejo de fazer o bem tem um vigoroso oponente que ele chama de a lei ou *o princípio*. Aqui o pecado é chamado de lei ou princípio por causa da regularidade de sua ação.

22. Para encorajamento Paulo declara: **Tenho prazer** (veja Arndt, *synedomai*, pág. 797) na lei de Deus, no tocante ao homem interior. Eis aí a reação íntima de Paulo diante da lei de Deus, filho de Deus que é. A frase "o homem interior" só aparece três vezes nos escritos paulinos – Rm. 7:22; II Co. 4:16; Ef. 3:16. Na segunda e terceira destas passagens, Paulo fala da renovação do homem interior e do fortalecimento do homem interior. Aqui em Rm. 7:22 encontra-se uma atitude espiritualmente sadia diante da lei de Deus.

23. Ao mesmo tempo, Paulo via uma **outra lei nos seus membros**. Seu verdadeiro ego, o homem interior, concordava com a lei de Deus. Mas outra lei (a lei do pecado) mantinha o "eu" cativo, como um prisioneiro. Mas antes de fazer *de Paulo um prisioneiro, a lei do pecado batalha* contra a lei do seu entendimento. Esta lei do seu entendimento, com o homem interior, representava o verdadeiro ego de Paulo controlado pelo ser de Deus. Paulo diz, que o seu verdadeiro ego foi aprisionado pela lei do pecado em seus membros. Se Paulo parasse aqui, ele estaria discordando de sua declaração em 6:14. Mas ele não parou. Ele afirma que o pecado em seus membros é uma força poderosa (e ninguém deveria tentar negar este fato).

24. O pensamento de que o pecado podia mantê-lo prisioneiro levou-o a exclamar: **Desventurado homem que sou! quem me livrará do como desta morte?** O corpo é o cenário desta luta. O pecado vivo nos membros produz a morte espiritual do corpo, e o homem se torna cômico de que precisa de ajuda externa. Paulo grita não por libertação do corpo como tal, mas pela libertação do corpo caracterizado pela morte espiritual – o fazer daquilo que é mau em oposição ao seu desejo de fazer o que é bom.

25. Graças a Deus por Jesus Cristo nosso Senhor. Emocionado demais, o apóstolo não dá uma resposta direta a sua pergunta. Ele apresenta Aquele a quem devemos agradecer, enfatizando que é o Libertador. A declaração completa deveria ser: "Graças sejam dadas a Deus; o livramento vem por meio de Jesus Cristo nosso Senhor". Em Romanos 8 ele fala mais de seu livramento. Mas aqui ele simplesmente resume o argumento de 7:7-25. Com o seu *entendimento* ou **mente** ele constantemente serve à lei de Deus. Mas com a sua carne (o ego controlado pelo pecado) ele serve ao **princípio** do pecado.

As expressões seguintes caracterizam Paulo sob o controle do pecado: "o pecado que habita em mim" (vs. 17, 20); "a lei" (v. 21); "nos meus membros outra lei" (v. 23); "lei do pecado que está nos meus membros" (v. 23); "em mim, isto é, na minha carne" (v. 18); "segundo a

carne" (v. 25). As expressões seguintes designam Paulo sob o controle de Deus: "eu" enfático com o pronome expresso (vs, 17, 20); "ao homem interior" (v. 22); "a lei da minha mente" (v. 23); "com a mente" (v. 25).

Romanos 8

4) Vitória Através do Espírito Relacionada com o Propósito e Ação de Deus. 8:1-39.

Ninguém pode compreender o significado da vitória, até que saiba quem é o oponente, e que tipo de luta está envolvida. Em Romanos 8 Paulo mostra o que Deus fez para conceder ao cristão a vitória sobre o pecado. Ele destaca o que Deus está fazendo agora e o que o crente deve fazer. Ele examina o propósito de Deus e a crise sentida por ambos, a criação e o crente. Ele enfatiza a relação do Espírito com o crente e a inter-relação do Espírito com Cristo e o Pai. Ele pinta um quadro glorioso do destino daqueles que ama a Deus e mostra que nada pode separá-los do amor de Deus. Quando um crente se ocupa de si mesmo, não pode levantar-se acima de Rm. 7:25. Quando vê o que Deus fez e está fazendo por ele, deve reagir com a linguagem de 8:37-39.

a) Livramento do Pecado e Morte pela Atividade do Pai, do Filho e do Espírito. 8:1-4.

1. Agora, pois, retrocede ao último versículo de 7:25. Uma vez que a libertação vem por meio de Jesus Cristo não existe nenhuma **condenação** (que envolva castigo ou destino eterno) **há para os que estão em Cristo Jesus.** Aqueles que estão em Cristo não são condenados, porque Cristo foi condenado em lugar deles. Não haverá nenhum castigo para eles, porque Cristo levou esse castigo.

2. Mas o que dizer desta luta com o pecado que Paulo está comentando? **Porque a lei,** isto é, o Espírito da vida, em Cristo Jesus, **te livrou da lei,** isto é, **do pecado e da morte.** Tanto o Espírito como o pecado e a morte são chamados de **lei** por causa da constância de sua influência e ação.

3. A **Lei** aqui refere-se à Lei Mosaica, e o leitor vê que Deus fez o que a Lei não podia fazer. A Lei estava face a face com *uma impossibilidade*. Ela receitava um tipo de vida aos homens que estavam na **carne**, o qual não eram capazes de seguir. Legalistamente, deviam aparentar que o faziam, mas jamais conseguiriam preencher os termos de tudo o que Deus exigia. Deus enviou o Seu Filho **em semelhança de carne pecaminosa**. A palavra **semelhança** é importante, pois significa que Cristo veio em carne como a nossa, e foi um homem real, mas não pecador. Esta é a diferença entre Cristo e aqueles que Ele veio salvar: Ele estava livre do pecado tanto pela natureza, quanto pela sua ação. **Deus condenou o pecado na carne**. O contexto favorece a tradução *na sua carne*, mas ela pode ser traduzida **na carne**. Aqui a palavra **carne** refere-se à verdadeira humanidade de Cristo.

4. Neste versículo **carne** refere-se aos homens que estão vivendo sob o controle do pecado. O pecado como força rebelde contra Deus foi condenado na carne de Cristo. Deus pronunciou a condenação do pecado na carne de Cristo a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós que não andamos (*vivemos*) **segundo a carne, mas segundo o Espírito**. A palavra traduzida para **preceito** está no singular. Significa toda a justiça de Deus. Deus resolveu a questão do pecado na morte do seu Filho, para que os que estão em Cristo, pudessem entender a completa justiça de Deus conforme expressa na Lei. Aqueles que percebem este propósito de Deus vivem de acordo com o Espírito, não de acordo com a carne.

b) A Disposição da Carne Versus a do Espírito. 8:5-13.

5. Em 8:4 o quadro é daqueles que *vivem* segundo a carne ou o Espírito. Aqui o destaque foi dado àqueles que *estão* de acordo com a carne ou o Espírito. Num grupo estão aqueles que se ocuparam com todos os particulares de uma vida pecadora. No outro grupo estão aqueles que se ocupam com tudo o que pertence à vida sob a direção e o poder do Espírito.

6. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do Espírito, para a vida e paz. A carne – o princípio de rebeldia dentro do homem – produz um certo padrão e modo de pensar. Do mesmo modo, o Espírito Santo também produz um certo padrão e modo de pensar. A tradução, **pendor**, destaca a direção e o ponto de vista da mente. *Morte espiritual* equivale à inclinação da carne. **Vida e paz** equivale à inclinação do Espírito.

7,8. A inclinação da carne é hostil a Deus, não querendo se sujeitar à sua lei. Pessoas com tal natureza não podem agradar a Deus.

Nos versículos 9-11 o apóstolo mostra o que faz a diferença entre aqueles que estão na carne e os que estão no Espírito.

9. Seus leitores estão "no Espírito". Ele presume que **o Espírito de Deus habita** neles. O **se é de fato** dá uma falsa impressão. Na verdade, o escritor não deixa dúvidas na sua declaração. Se alguém não tem **o Espírito de Cristo**, não pertence a Cristo. Aqueles que pertencem a Cristo têm o Espírito Santo. O fato do Espírito ser chamado de Espírito de Deus e depois Espírito de Cristo, mostra que o Pai e o Filho estão relacionados com o Espírito da mesma forma.

10. Além de se dizer que o Espírito habita nos crentes – **vós**, Cristo também está neles. Para o crente, ter o Espírito de Cristo dentro de si, é ter o próprio Cristo (cons. 8:16, 17). Paulo fala da realidade de Deus na vida de um cristão. Embora cheio de Deus sob este aspecto, ele diz, **o corpo na verdade, está morto por causa do pecado, mas o espírito é vida por causa da justiça.** Aqui o termo **corpo** significa o homem sob o controle do pecado – a idéia comumente expressa em "carne". O falso ego está morto ou inútil por causa do pecado. Este ego não pode produzir algo para Deus. Mas o espírito – o verdadeiro ego – está vivo por causa da justiça que Deus concede. É claro que não existem dois egos separados. Quando o ego se toma falso, age de acordo com a carne. Quando o ego é verdadeiro, age de acordo com o Espírito.

11. A presença do Espírito de Deus nos crentes garante que Deus, que ressuscitou Cristo dos mortos, revivificará os corpos mortais dos

crentes **por meio do seu Espírito que . . . habita** neles. O papel do Espírito Santo na ressurreição dos crentes é um tema que tem sido negligenciado. Um corpo mortal é um corpo sujeito à morte. Um corpo revivificado pelo Espírito Santo torna-se imortal. A transição da mortalidade para a imortalidade é obra do Espírito.

12. Os crentes estão no Espírito, e o Espírito habita neles. Através dEle receberão corpos glorificados. Estes fatos levaram a uma certa conclusão. **Assim, pois, irmãos, somos devedores, não à carne como se constrangidos a viver segundo a carne** (veja Arndt, *opheiletes*, 2b, pág. 603).

13. Presumindo que estão vivendo de acordo com a carne, Paulo diz aos seus leitores que vão morrer. Esta é uma morte espiritual. Mas presumindo que pelo Espírito condenam à morte os feitos maus (cons. Cl. 3:9) do corpo, viverão. Os dois "ses" em 8:13 presumem a realidade da coisa declarada. As conclusões seguem-se logicamente. Sua solenidade corresponde à seriedade da ação nas cláusulas com os "ses". Uma vez que a morte espiritual aqui foi encarada como o clímax – o banimento final da presença de Deus – a vida, à que se refere, deve ser a vida glorificada que está à espera do crente.

c) Orientação e Testemunho do Espírito. 8:14-17.

14. Filhos de Deus são definidos como aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus. O Espírito lidera. O verbo está no tempo presente e na voz passiva - **todos os que são guiados** (conf. Arndt, *ago*, 3, pág. 14).

15. As frases, **espírito de escravidão** e **espírito de adoção** são paralelas. Uma tradução melhor seria: *O estado de espírito que pertence à escravidão e o estado de espírito que pertence à adoção*. O resultado do primeiro é o medo; o resultado do outro é a capacidade de orar e dirigir-se a Deus como Pai. A palavra **Aba** é um termo aramaico colocado em letras gregas e transliterado para o português. Significa "Pai". A reunião de ambos, judeu e grego (gentios), em Cristo, vê-se nessas palavras introdutórias de vocativo em oração.

16. O Espírito Santo dá testemunho **com o nosso espírito** de que somos filhos de Deus. Isto significa na verdade que o Espírito dá testemunho com nosso ego (veja I Co. 16:18; Gl. 6:18; Fp. 4:23). Este testemunho relaciona-se a cada aspecto de nossa personalidade, que participa da estrutura de nosso ego. O testemunho do Espírito é para a pessoa.

17. Observa-se que os crentes são **herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo**. Somos herdeiros de tudo que Deus tem para nos oferecer, o que significa que somos co-herdeiros em Cristo, a quem o Pai entregou todas as coisas. Mas, para sermos co-herdeiros com Cristo, significa que temos também de participar dos sofrimentos de Cristo. O tempo está no presente: **se com ele sofremos**. O sofrimento é o papel que Deus deu a Cristo para desempenhar (Lc. 24:26, 46; Atos 17:3; 26:23; Hb. 2:9, 10). É também uma experiência que Deus tem ordenado aos crentes em Cristo (Mt. 10:38; 16:24; 20:22; I Ts. 3:3; II Ts. 1:4, 5; II Co. 1:5; Cl. 1:24; II Tm. 3:12; I Pe. 1:6; 4:12). Aqueles que são participantes com Cristo no sofrimento, também serão participantes da sua herança na glória (Rm. 8:17): A experiência do sofrimento precede a experiência da glória.

d) A Consumação da Redenção Aguardada pela Criação e Crentes Iguamente. 8:18-25.

Como se deve encarar os sofrimentos do presente?

18. Eles devem ser encarados à luz da **glória por vir a ser revelada em nós**. Os sofrimentos não devem ser comparados com a vinda da glória, pois não são de modo nenhum iguais em intensidade ou valor.

19. Além da glória que será revelada aos crentes, estes também serão revelados. Paulo diz que este acontecimento é **ardente expectativa da criação**. Esta palavra **criação** (E.R.C., criatura, no v. 22) que se encontra em 8:19-22 refere-se a toda a criação de Deus abaixo do nível humano, personificada aqui para esclarecer as tensões e deslocamentos encontrados na criação, por causa do pecado. O pecado trouxe a

distorção não só no relacionamento do homem com Deus, mas em todo o universo em que ele vive.

20. Pois a criação está sujeita à vaidade (frustração) não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou. Tufões, furacões, terremotos, secas, enchentes são apenas algumas evidências do desequilíbrio da natureza. Paulo diz que a natureza foi reduzida a esse estado por Deus. Embora o Senhor tenha feito assim, Ele o fez **na esperança**, isto é, com uma esperança definida num dia futuro quando a frustração será removida.

21. A própria criação será redimida do cativeiro da corrupção. Deus prometeu que essa mesma criação que foi escravizada pela deterioração e corrupção, será libertada dessa condição. Sua nova condição está descrita como **a liberdade da glória dos filhos de Deus**.

22. Como isto é diferente da presente situação – para ambos, a criação e os filhos de Deus. A criação geme e agoniza com os homens que habitam a terra.

23. Não apenas a criação, mas também os crentes que têm **as primícias do Espírito** gemem dentro de si mesmos. **As primícias** aqui podem ser as bênçãos e mudanças que o Espírito já tem produzido nas vidas dos crentes. Ou pode ser que o próprio Espírito seja considerado as primícias (cons. II Co. 1:22; Ef. 1:14). À luz do contexto, a primeira interpretação parece a melhor. Os *gemidos* do crente nada tem a ver com murmuração. Antes, é o suspirar de cada um em particular, por ter de viver em um mundo pecador.

A adoção pela qual o crente espera refere-se à **redenção do nosso corpo**, sua libertação do pecado e da limitação, cuja pressão estamos constantemente sentindo, enquanto temos nossos corpos mortais.

24. Porque na esperança fomos salvos. A esperança para a qual Deus nos salvou é a libertação do corpo sob a pressão do pecado, e do estado de limitação mortal na qual aguardamos o dia quando, vestidos de imortalidade, veremos a Deus. O que é esperança? Paulo diz que é a confiante expectativa das bênçãos prometidas, ainda não presentes, nem

vistas. Esta esperança não é o desejo de ter alguma coisa boa demais para ser verdade e improvável de acontecer. O objeto ou a bênção esperada (aqui, a redenção do corpo) é real e distinto, mas ainda não presente.

25. Mas, se esperamos o que não vemos, com (*diá*; veja Arndt, III, 1, c, pág, 179) **paciência** (ou *fortitude*) **o aguardamos**. O corpo redimido será um corpo glorificado, livre de todo pecado. Com tal esperança diante dele, o crente aguarda sua realização com fortitude.

e) Ministério Intercessório do Espírito. 8:26, 27.

26. Semelhantemente, o Espírito ajuda nossa fraqueza. A fraqueza mencionada é a nossa incapacidade de analisar situações e orar inteligentemente sobre elas. Sabemos que esta é a fraqueza mencionada por causa da frase seguinte. Dá-se que o Espírito **intercede por nós sobremaneira com gemidos inexprimíveis** (veja *alaletos*, Arndt, pág. 34). Às vezes não conseguimos orar porque as palavras não podem expressar a necessidade que sentimos. A ação do Espírito **com gemidos inexprimíveis** mostra como Deus penetra em nossa experiência através do Seu Espírito.

27. Deus Pai que investiga os corações (dos homens) **sabe qual é a mente do Espírito**. Deus conhece toda a reação do Espírito a qualquer situação ou questão. A intercessão que Ele faz em favor dos santos é **segundo a vontade de Deus**. Estas palavras certamente declaram que a comunicação do pensamento e conhecimento de cada um é partilhada por dois membros da Divindade - Pai e Espírito (isto é, o Espírito Santo).

f) Propósito de Deus para Aqueles que O Amam. 8:28-30.

28. Paulo começa com um axioma básico: **Sabemos**. Depois ele declara esta verdade: **Todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus**. Paulo coloca a frase "aqueles que amam a Deus" primeiro, para que não haja dúvidas sobre os que estão envolvidos nas "cousas que cooperam para o bem". Essas coisas. são para aqueles que

continuamente expressam amor a Deus tanto por meio de atitude quanto por atos. Mais adiante eles são definidos como **aqueles que são chamados segundo o propósito** (plano ou decreto). A chamada e a eleição são colocados lado a lado em II Ts. 2:13, 14; II Pe. 1:10. A chamada pode ser focalizada sobre o destino eterno (II Ts. 2:14) ou sobre a vida terrena de liberdade e santidade (Gl. 5:13; I Ts. 4:7).

29. Aos que de antemão conheceu. Paulo aqui está pensando em um grupo – composto de indivíduos certamente – mas, não obstante, um grupo de indivíduos que constituem um todo incorporado. Isto é idêntico ao procedimento do apóstolo em Ef. 1:4, onde ele diz : Como também nos (plural) elegeru nEle (isto é, em Cristo). Cristo é o Eleito ou Escolhido (veja Lc. 9:35; 23:35; I Pe. 2:4, 6); e os crentes - aqueles que pertencem a Deus - são eleitos ou escolhidos nEle (isto é, em Cristo). A expressão **de antemão conheceu** tem como seu ingrediente básico o conhecimento. Este grupo de indivíduos, os membros desse todo incorporado, são dantes conhecidos, em que sentido? São dantes conhecidos, tendo lugar distinto no plano ou propósito de Deus (Rm. 8:28). Eles têm um papel a executar no plano divino. Qual é o seu destino? **Aos que de antemão conheceu, também os predestinou para serem conformes à imagem de seu Filho** (v. 29). A decisão de Deus aqui, é que aqueles que compõem este grupo sejam semelhantes a Seu Filho em forma e aparência. O número não é pequeno. Deus decidiu isto dantes para que o Seu Filho pudesse ser o **primogênito entre muitos irmãos**. O termo **primogênito** significa o mais alto em hierarquia ou posição. Que Cristo é supremo ou primeiro, Paulo esclarece em Cl. 1:18; "E ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as cousas ter a primazia". A supremacia é sobre e entre muitos irmãos - aqueles que recebem a abundância da graça e o dom da justiça (Rm. 5:17) O posto de Cristo como primogênito, mostra que Ele é o cabeça exaltado da nova humanidade – como o segundo Adão (Rm. 5:12-21; I Co. 15:22). A força desta parte (Rm. 8:28-30) foi colocada sobre a ação de Deus – Seu plano e a realização do Seu plano.

30. Os verbos: **chamou, justificou e glorificou** relacionam-se com o plano (eterno conselho de Deus) e a execução do Seu propósito. Tendo Deus um plano, ou propósito – resumir todas as coisas, reuni-las em Cristo, as coisas do céu e da terra (Ef. 1:10, 11), Ele é capaz de operar conjuntamente para o bem daqueles que O amam. A ênfase que Paulo dá aqui está no que Deus faz pelos muitos irmãos. A única resposta humana mencionada é o amor a Deus.

g) O Triunfo dos Crentes sobre Toda Oposição. 8:31-39.

31,32. Agora Paulo começa a destacar as implicações do seu ensinamento. Deus envolveu-se no dilema do homem, a fim de realizar o Seu plano. Ele **entregou seu próprio Filho por todos nós**. Cristo foi entregue para benefício nosso, em nosso favor e em nosso lugar. Deus não podia poupar Seu Filho e executar o Seu plano de redenção. Por isso Ele o entregou à morte para que pudéssemos ser redimidos. Paulo tira certas conclusões dessa ação divina. Com Cristo **Ele nos dará graciosamente todas as cousas**, embora possamos não tê-las todas agora.

33,34. Ninguém pode acusar os escolhidos ou eleitos de Deus, nem condená-los, porque Deus e Cristo participaram nesta ação divina da entrega de Cristo.

35,36. Obstáculos formidáveis não podem nos separar do amor que Cristo nos dispensa. Essas dificuldades são: **tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo ou espada** (isto é, a morte violenta). O apóstolo cita Sl. 44:22 para mostrar quais as dificuldades que o povo de Deus tem de enfrentar.

37. Sua conclusão é que em todas essas dificuldades, **somos mais do que vencedores, por meio daquele que nos amou**. O significado aqui é o seguinte: "Estamos no processo de alcançar a vitória". Nas pressões externas da vida podemos obter a vitória por meio dAquele que nos amou. Estamos vencendo, não através de nossa própria força ou talento, mas por meio de Cristo.

38,39. Paulo alarga as experiências, as personalidades, e as coisas que o crente tem de enfrentar: **morte** ou **vida**, **anjos** ou **principados**, a **altura** ou a **profundidade**, ou **qualquer outra criatura**. Depois declara enfaticamente que **nenhuma** dessas coisas poderão nos separar do autor que Deus manifesta, este amor que está em Cristo Jesus, nosso Senhor. O poder do autor de Deus é um tema que nunca poderá ser exaurido.

III. Israel e os Gentios no Plano de Deus. 9:1 – 11:36.

Paulo considera o plano de Deus em relação às duas divisões da humanidade, que ele via, na qualidade de judeu – Israel ou o povo judeu e os gentios.

Romanos 9

A. Preocupação de Paulo para com Seu Próprio Povo, Israel. 9:1-5.

1,2. Este capítulo começa com uma coleção de provas de que Paulo sentia **grande tristeza e incessante dor** no coração com referência ao seu próprio povo. Eis aqui a prova: ele fala a verdade em Cristo; ele não está mentindo; sua consciência testifica por ele na presença do Espírito Santo. O apóstolo dizia isso porque sabia como os judeus o difamavam (veja, por exemplo, Atos 21:28 um acontecimento depois que ele escreveu aos romanos, mas que indica como os judeus se sentiam).

3. Paulo sentia tão profundamente por causa do seu povo, que aqui ele emprega a linguagem de um desejo inatingível (imperfeito potencial em grego): **Eu mesmo desejaria ser anátema separado de Cristo, por amor de meus irmãos, meus compatriotas segundo a carne**. A linguagem aqui, parece a de Moisés, quando ele intercedeu junto a Deus para que o riscasse do Seu livro (Êx. 32:31,32). Paulo faz agora uma lista das bênçãos que pertencem aos seus compatriotas.

4. Eram israelitas possuidores da **adoção** – isto é, um povo do próprio Deus (cons. Is. 43:20, 21). Eles tinham a **glória**. Esta tanto pode ser a glória de serem o povo de Deus, como a glória de Deus que

aparecia no meio do Seu povo (Êx. 24:16, 17). **As alianças** está no plural, porque Deus falou ao Seu povo sobre a Sua aliança com eles em muitas ocasiões. Poderia também ser traduzido para *decretos ou penhores*. A **legislação** também lhes pertencia, isto é, a lei de Moisés, e o **culto**, ou a *adoração a Deus* – o ritual do Tabernáculo e do Templo. Eles tinham as promessas divinas, especialmente as promessas messiânicas.

5. Os pais – Abraão, Isaque, e Jacó – também lhes pertenciam. Mas a bênção mais importante era que Cristo, quanto à carne, vinha dos compatriotas de Paulo, os israelitas. Mas esse (Cristo), que humanamente veio de Israel, foi muito mais do que um israelita; Ele era **sobre todos, Deus bendito para todo o sempre**. (Para prova de que esta última cláusula se refere a Cristo, veja Sanday e Headlam, *Epistle to the Romans*, ICC, págs. 232-238). Conhecendo o lugar exaltado de Cristo, a aflição de Paulo por causa da cegueira de seu povo apenas aumentava. Eles tinham recusado esse Messias. Essas linhas não são doxologia feita a Deus, pois isto não se encaixa na linha do pensamento. Antes, a expressão mostra como .Cristo é exaltado, o que se encaixa na linha do pensamento perfeitamente.

B. Deus é Livre, Justo e Soberano no Seu Trato com Israel e com Todos os Homens. 9:6-29.

De 9:6 até o fim do capítulo 11 Paulo discute a profunda pergunta: *Como rejeitaria Deus o seu povo eleito?* Ele destaca até que ponto o povo foi rejeitado, porque foi rejeitado, a existência de um remanescente, e que planos Deus tem para o futuro de Israel, Seu povo. Em 9:6-29 o escritor responde a um argumento dos seus oponentes judeus que era o seguinte: "Temos a circuncisão por sinal (cons. Gn. 17:7-14) de que somos o povo eleito de Deus. Membros do povo eleito de Deus não perecerão. Portanto, nós não pereceremos". Evidências rabínicas provam que esta era a atitude da maioria dos judeus no tempo de Paulo. Hermann L.Strack e Paul Billerbeck prepararam um *Commentary on the New Testament* no qual reuniram paralelos do Talmude e do Midrashim que

lançam luz sobre o N.T. No Vol. IV, Parte 2, devotaram uma dissertação inteira (nº 31) ao assunto do Sheol, Geena (lugar de castigo) e ao Jardim Celestial do Éden (Paraíso). As citações abaixo incluem títulos de tratados de escritos rabínicos, da qual foram extraídas as idéias sobre esses lugares, como também indicam a localização no Strack Bilerbeck.

O Rabi Levi disse: No futuro (do outro lado – o que os gregos chamam de mundo dos espíritos) Abraão está assentado à entrada do Geena e ele não permite que os israelitas circuncidados entrem ali (isto é, no Geena). [Midrash Rabba Gênesis, 48 (30a, 49) SBK, IV, ii, pág. 1066]

Nesse mesmo contexto faz-se a pergunta: O que acontecerá àqueles que pecam excessivamente? A resposta é: Retornam ao estado da incircuncisão quando entram no Geena. A citação seguinte trata da questão do que acontece depois da morte a um israelita.

Quando um Israelita penetra em sua casa eterna (sepultura), um anjo está assentado do outro lado do jardim do Éden, que recebe cada filho de Israel que está circuncidado, com o propósito de introduzi-lo no jardim celestial do Éden (paraíso). (Midrash Tanchum, Sade, waw, 145^a, 35; SBK, IV, Parte ii, pág. 1066)

Novamente surge a pergunta: E os israelitas que adoram ídolos? Tal como acima a resposta é: Retornarão ao estado de incircuncisão no Geena. Eis aqui uma citação que encara os israelitas como um grupo:

Todos os israelitas circuncidados entram no jardim celestial do Éden (paraíso). (Midrash Tanchum, Sade, waw, 145a, 32; SBK, IV, Parte ii, pág,1067)

Está claro destas citações, que a maior parte dos judeus cria e ensinava que todos os israelitas circuncidados, que morreram estão no paraíso e que não há nenhum circuncidado no Geena.

Diante da declaração que o Senhor não poderia rejeitar o Seu povo eleito, Paulo em primeiro lugar replica enfatizando a liberdade divina, Sua justiça e soberania. Deus *age* livremente, *age* com justiça, e age soberanamente porque Ele é livre, justo e soberano no Seu ser eterno.

1) Deus Escolheu Isaque em lugar dos Outros Filhos de Abraão. 9:6-9.

6. Não pensemos que a palavra de Deus haja falhado. O presente estado dos judeus não indica que a promessa divina tenha sido rescindida. Nem todos os que descendem de Israel são realmente o Israel. As promessas do Senhor em qualquer período da história, podem envolver ativamente quantos dentre o Seu povo Ele decidir.

7. No caso dos filhos de Abraão, Deus fez uma escolha. **Em** (por meio de) **Isaque será chamada a tua descendência** (cons. *Kaleo*, Arndt, 1. a, pág. 400).

8. Aqui se faz uma distinção entre os filhos da carne, que nasceram de Hagar e Quetura (Gn. 16:1-16; 25:1-4) e Isaque, nascido segundo a promessa. **Isto é, estes filhos de Deus não são propriamente os da carne, mas devem ser considerados como descendência os filhos da promessa.** Paulo coloca a negativa em primeiro lugar, para esclarecer que os filhos da carne não se tornam automaticamente filhos de Deus. Isaque nasceu por causa da promessa. Deus escolheu abençoar a humanidade através dele.

2) Deus escolheu Jacó em lugar de Esaú. 9:10-13 .

Os contemporâneos judeus de Paulo devem ter replicado: "Somos filhos de Isaque; daí podemos ter a certeza de que Deus não nos rejeitará".

10,11. Mas Paulo mostra que Deus fez uma escolha entre os dois filhos de Isaque, antes mesmo deles terem nascido ou feito algo de bom ou mau. Tal escolha foi feita **para que o propósito de Deus quanto a eleição prevalecesse, não por obras, mas por aquele que chama.** A

seleção divina não se baseia em obras legalistas, mas sobre Si mesmo e sobre o Seu plano para o mundo.

12,13. O que esta seleção envolve? O **mais velho será servo do mais moço.** Uma vez que esta seleção aconteceu antes que os gêmeos nascessem (Gn. 25:23), Paulo certamente pensava aqui em dois indivíduos. Na citação de Ml. 1:2,3, que volta-se para a conduta de Deus em relação a Jacó e Esaú, a ênfase cai sobre as nações. O que começou no período da vida dos fundadores dessas nações, continuou entre seus descendentes. A seleção relacionava-se com os papéis que os dois grupos iam desempenhar na história. O Senhor demonstrou o Seu amor por Jacó, fazendo dos descendentes do patriarca os canais por meio dos quais Ele falava Seus oráculos, e tornava conhecida a Sua verdade. Deus *aborreceu a Esaú* no sentido de que Ele não fez dos descendentes de Esaú canais de revelação, mas antes, como diz Malaquias: (Deus disse) "Fiz dos seus montes uma assolação, e dei a sua herança aos chacais do deserto" (Ml. 1:3). Voltando os olhos para a história de Esaú, Malaquias também usa sua palavra "aborreci", por causa da severidade da atitude de Deus com Esaú. A situação histórica de ambos os indivíduos e povos certamente afetam seu destino eterno. Mas eleição em Rm. 9:10-13 não é seleção para salvação eterna ou condenação. Antes, é uma seleção para desempenhar papéis para a qual Deus chamou indivíduos e nações no desenrolar da vida nesta terra.

3) A Misericórdia de Deus para com Israel e o Endurecimento de Faraó. 9:14-18.

14. Que diremos, pois? Há injustiça da parte de Deus? De modo nenhum. O fato de que a seleção divina não se baseia sobre obras humanas, não toma o Senhor injusto. Ele é livre, justo e soberano.

15. Essas qualidades se vêem em Sua atitude para com Moisés e Faraó. Sua declaração a Moisés – **Terei misericórdia de quem me aprover ter misericórdia, e compadecer-me-ei de quem me aprover ter compaixão.** (Êx. 33:19) – veio *depois* que Israel cometeu

o pecado com o bezerro de ouro. Sob esse aspecto Israel possivelmente não merecia a misericórdia de Deus. Tal idolatria como a deles só merecia a ira.

16. O "isto" (E.R.C.) refere-se à misericórdia ou compaixão. *Misericórdia e compaixão não depende de quem quer, ou de quem corre, mas de usar Deus a sua misericórdia.* Isto é, ninguém pode reclamar a misericórdia de Deus. Deus também derrama Sua ira quando acha que é necessário.

17. O verbo "levantar" foi traduzido melhor neste versículo: **Para isto mesmo te levantei.** Deus trouxe Faraó ao cenário da história no Egito com o propósito de mostrar o Seu poder e provar que o Seu nome seria proclamado em toda a terra. Faraó continuaria sendo teimoso se Deus o colocasse em alguma obscura povoação ao longo do Nilo. Mas Deus o colocou sobre o Egito a fim de executar Seus próprios propósitos e planos.

18. Recordando os dois casos de Moisés e Faraó, Paulo conclui: **Logo, tem ele misericórdia de quem quer, e também endurece a quem lhe apraz.** Deus foi livre e soberano no endurecimento do coração de Faraó, mas não foi arbitrário. Um estudo em Êxodo mostra que Faraó endureceu o seu coração antes que Deus o endurecesse. E mesmo depois de tê-lo endurecido, Faraó teve o poder de ainda endurecê-lo mais.

O Senhor predisse claramente que ia endurecer o coração de Faraó: "Eu endurecerei (*hazaq, piel*, tornar rígido, duro; endurecer") o seu coração" (Êx. 4:21; cons. 14:4); "endurecerei (*qashah, hiphil*, "tornar duro, rígido, rebelde") o coração de Faraó" (Êx. 7:3). Mas só em 9:12 o registro de Êxodo diz que Deus realmente endureceu o coração do rei: "O Senhor endureceu o coração de Faraó (*hazaq, piel*, "tomar rígido, duro; endurecer").

As Escrituras têm muito a dizer sobre' o falo do coração de Faraó ter-se "endurecido", e sobre Faraó "tomar o seu coração difícil, insensível, indiferente", antes mesmo delas declararem que Deus endureceu o coração de Faraó. A frase, "o coração de Faraó começou a

se endurecer", significa que o caráter moral de Faraó (veja BDB, pág. 525) se endureceu. O caráter moral é o aspecto mais importante de uma pessoa. Portanto, no sentido real, Faraó começou a se endurecer como resultado de sua própria atividade. "O coração de Faraó se **endureceu** [*hazaq*, qal, "tornar-se firme, rígido, duro"; via Êx. 7:13, 22; 8:19 - (Hb, texto 8: 15)]. "O coração de Faraó **está obstinado**" (*kâbed*, adj. "difícil", "insensível", "duro"; veja Êx. 7:14). O coração de Faraó se **endureceu** (*kâbed*, qal, "ser difícil, insensível, embotado, duro"; veja Êx. 9:7). **Faraó... agravou** (E.R.C.) o seu coração (ou *embotou*, tornou-o *indiferente*; todas possíveis traduções de *kâbed*, hiphil), [veja Êx. 8:15 (Hb. texto 8:11), 8:32 (texto hebreu 8:8)]. Depois de toda essa atividade da parte de Faraó, "o Senhor **endureceu** (*hazaq*, piel, "tornou rígido, duro; endureceu") o coração de Faraó" (veja Êx. 9:12). Mas Faraó tinha o poder de continuar fazendo o que fazia: Faraó . . . continuou a pecar, e **agravou** (E.R.C.) (ou *embotou*, tornou-o *indiferente*; todas possíveis traduções de *kâbed*, hiphil) o seu coração, ele e os seus servos. Assim o coração de Faraó se endureceu" (*hazaq*, qal, "tornou-se firme, rígido, duro"; veja Êx. 9:34b, 35a).

Então Jeová completou seu castigo judicial em Faraó. "O Senhor, porém, endureceu (*hazaq*, piel, "tornou rígido, duro"; "endureceu") o coração de Faraó" (veja Êx. 10:20, 27; 11:10; 14:8). "Depois disse o Senhor a Moisés: Vai ter com Faraó, **porque lhe endureci** (*embotado*, *insensível*; todas as possíveis traduções de *kâbed*, hiphil) o seu coração e o coração de seus oficiais" (veja Êx. 10:1).

Assim, a conclusão de que Deus endurece a quem quer baseia-se na Sua justiça como também na Sua liberdade de procedimento com Faraó.

4) Deus controla os Vasos de Ira e de Misericórdia. 9:19-24.

Paulo esteve se dirigindo aos judeus, que pensavam que, tendo a circuncisão e sendo membros do povo eleito de Deus, o Senhor tinha a obrigação de lhes garantir prosperidade terrena e bem-aventurança eterna. O apóstolo destacou a soberania e liberdade divinas como

corretivos desse errado ponto de vista judeu. O Senhor só tem obrigações para com o seu próprio ser justo – não para com reivindicações que lhe sejam impostas por aqueles, que entendem mal Seu ser e Sua ação.

19. A esta altura, Paulo imagina que um dos seus oponentes diga: "Veja só ao que leva sua argumentação. O Senhor endurece um homem como Faraó e depois o acusa. Isso não faz sentido".

A pergunta é: **De que se queixa ele ainda? Pois quem jamais resistiu à sua vontade?** A resposta de Paulo foi elaborada em termos apropriados ao homem, que faz a objeção e não em termos de análise intelectual do contra-argumento do homem. Paulo escreve:

20a: Quem és tu, ó homem, para discutires com Deus? Um verdadeiro conhecimento do Deus verdadeiro torna tal objeção despropositada.

20b, 21. Paulo apela para uma ilustração: **Porventura pode o objeto perguntar a quem o fez: Por que me fizeste assim?** Ou não tem o oleiro direito sobre a massa, para do mesmo barro fazer um vaso para honra e outro para desonra? Esta ilustração do oleiro foi usada com muita eficácia por Jeremias séculos antes (Jr. 18:4-6). Paulo destaca o completo controle do oleiro sobre o barro em termos da utilidade do vaso. Um vaso é honrado ou desonrado dependendo do seu uso. (cons. Arndt, *time*, 2, b, pág. 825). Um vaso pode servir para se carregar água e outro para carregar detritos. O mesmo material foi usado para ambos. Mas foram feitos para diferentes, funções, e por isso o oleiro lhes dá a forma de acordo com a pretendida função.

Paulo agora aplica o princípio. Ele o faz em uma sentença longa que se estende de Rm. 9:22 a 9:24. Se um oleiro pode fazer o que lhe apraz com seus vasos, certamente Deus pode fazer o que quer com os Seus. Embora Paulo ainda esteja destacando a soberania e liberdade de Deus, ele evita cuidadosamente de descrever o Senhor como tendo o mesmo tipo de relacionamento, com os vasos da ira e os vasos da misericórdia.

Se Deus, querendo mostrar a sua ira, e dar a conhecer o seu poder, suportou com muita longanimidade os vasos da ira, preparados para a perdição; (e se ele o fez) a fim de que também desse a conhecer (*revelar*) as riquezas da sua glória em vasos de misericórdia, que para glória preparou de antemão os quais somos nós, a quem também chamou, não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios? [como pode você (sing.; cons. v. 19) levantar alguma objeção contra a justiça de Deus?] Na frase que começa com a palavra "querendo", Paulo certamente tem em mente Faraó e outros iguais a ele. As palavras **mostrar a sua ira e dar a conhecer o seu poder** são simplesmente uma variação da linguagem usada no versículo 17: "para em ti mostrar o Meu poder". Paulo estava muito ansioso em enfatizar a paciência e longanimidade de Deus com os vasos da ira.

22. Foram descritos como **preparados** (veja *katartizo*, LSJ, II, pass., pág. 910) **para a perdição**. Alguns estudantes da Bíblia, presumindo que o particípio está na voz média, traduziram: aqueles que têm assumido uma posição de se prepararem para a destruição. Outros consideram o particípio passivo e traduziram: *aqueles que têm assumido uma posição de serem preparados por Deus para a destruição*. Mas o contexto certamente favorece a voz passiva sem confinar o agente em um ser ou coisa.

23. Deus está especificamente ligado à preparação antecipada (voz ativa) dos vasos da misericórdia.

Mas no que se refere aos vasos da ira, o estudante encontra essa passiva indefinida. O que opera no homem para colocá-lo nessa posição de ser **preparado** para a destruição eterna? A resposta é complexa. Inclui seus próprios atos de pecado e natureza rebelde. Envolve seu meio ambiente, que toma o pecado atraente, como também os julgamentos judiciais de Deus (cons. 1:24, 26, 28). Estes fatores influenciam certos vasos a se tornarem vasos da ira, isto é, objetos em posição de serem preparados para a destruição. Deus preparou específica e antecipadamente, os vasos da misericórdia para a glória, e também lhes

revelou as riquezas da Sua glória. Glória refere-se à radiância do ser de Deus. O derramamento das riquezas de Deus, quer dizer aquelas que não foram reveladas aos recipientes. Quem são esses vasos da misericórdia?

24. Paulo define o **nós** como aqueles a quem Deus chamou não só dentre os judeus, mas também dentre os gentios. A liberdade, poder e soberania do Senhor, de um lado, são colocados contra a Sua paciência, Sua revelação das riquezas da Sua glória, e a Sua preparação antecipada dos vasos da misericórdia (vs. 22-24). O destino daqueles assim preparados é a glória (cons. 8:30).

5) O Testemunho de Deus em Oséias e Isaías quanto à Extensão e Limitação de Sua Obra Salvadora. 9:25-29.

O **nós** do versículo 24 refere-se àqueles que Deus chamou, não somente dentre os judeus, mas também dentre os gentios. O escritor volta-se agora para o V.T. para mostrar que ele sustenta essa vocação.

25,26. Paulo cita em Os. 2:23; 1:10, passagens originalmente dirigidas às dez tribos. As palavras **não era meu povo** e **não era amada** foram pronunciadas às dez tribos por causa do seu afastamento do Senhor. Elas se tomaram como os gentios. Deus prometeu às dez tribos, que um dia elas seriam chamadas de filhos do Deus vivo, exatamente no mesmo lugar em que foram declaradas "que não era meu povo". O apóstolo extraiu a citação da LXX e aplica aos gentios.

27,28. O escritor volta-se para o testemunho de [saías sobre Israel e cita de Is. 10:22, 23. Ele usa a LXX, que em Is. 10:23 é bastante diferente do texto hebreu. Mas no ponto principal, para o qual Paulo citou a passagem, o texto hebreu e a LXX concordam. Só um remanescente será salvo (LXX), *voltará* (texto heb.), *retornará* (AV), isto é, para Deus. Paulo desenvolve este tema mais detalhadamente em Romanos 11. Encontraram-se dificuldades na interpretação de Rm. 9:28 por causa da linguagem e variação dos textos. As palavras "em justiça . . . abreviando-a" não se encontram nos melhores textos. Aqui temos dois meios possíveis de traduzir e interpretar este versículo (veja Arndt,

suntemno, pág. 800) 1) *O Senhor agirá cumprindo sua palavra pela abreviação ou exclusão*. A abreviação pode ser traduzida como cumprimento das promessas em um grau limitado ou pela abreviação da nação, ficando o remanescente. 2) *O Senhor agirá concluindo e abreviando* (o tempo). Isto significa que Deus não prolongará indefinidamente o período de Sua longanimidade, mas que o Seu juízo virá. No contexto de Paulo aqui, a segunda interpretação parece a melhor.

29. Finalmente, completando o quadro do V.T. da ação salvadora de Deus, Paulo cita Is. 1:9 da LXX. Onde a LXX tem "deixou-nos semente", o texto hebraico tem "um pequeníssimo remanescente". Se Deus não tivesse deixado alguns, a nação de Israel teria sido riscada.

C. O Fracasso de Israel e o Sucesso dos Gentios. 9:30 - 10:21.

Agora Paulo trata do relacionamento de Israel e dos gentios com a justiça, fé e salvação. Ele mostra que este é um assunto crucial porque os judeus criara que, estando assinalados pela circuncisão, na qualidade de povo eleito de Deus, o Senhor não poderia rejeitá-los.

1) Os Gentios Alcançaram o que Israel Perdeu. 9:30-33.

30,31. Uma vez que Deus *nos* chamou, a nós os cristãos (v. 24), dentre judeus e gentios, **que diremos pois** a respeito dos gentios e judeus que alcançaram a justiça? A resposta: Dizemos ou declaramos que **os gentios, que não buscavam a justificação, vieram a alcançá-la, todavia a que decorre da fé. E Israel que buscava lei de justiça não chegou a atingir essa lei.** Paulo aqui é muito conciso. Não obstante, observe que no versículo 30 a palavra **justiça** (E.R.C.) ocorre três vezes. Os gentios crentes descobriram a chave do relacionamento do homem com Deus – a justiça. Eles encontraram a justiça que Deus concede por causa da fé ou confiança (cons. 3:21-26). Israel buscara o princípio da lei (o código mosaico era a mais apreciada personificação desse princípio) para obter justiça, mas eles nunca alcançaram essa justiça.

32. Por que Israel não alcançou a justiça? Tragicamente vem a resposta: **Porque não decorreu da fé, e sim, como que das obras** (que eles buscaram a justiça). A fé ou confiança é importante por causa do objeto (Cristo) no qual se crê e confia. Israel rejeitara o objeto. Eles **tropeçaram** (ou rejeitaram) **na pedra de tropeço**. Na admoestação de Is. 8:14, Jeová é a pedra de tropeço para a maioria daqueles, que fazem parte de ambas as casas de Israel. No N.T. é Cristo que é a pedra de tropeço (aqui e em I Pe. 2:6-8). **33.** A maior parte da citação de Paulo neste versículo é da promessa de Is. 28:16. Mas o apóstolo usa a linguagem da advertência de Is. 8:14 – uma pedra de tropeço e rocha de ofensa e insere esta advertência no meio do ensino positivo sobre a pedra em Is. 28:16, e depois completa o versículo. A última cláusula de Rm. 9:33 – **E aquele que nela crê não será confundido** – introduz um raio de luz num quadro, que de outro modo seria muito negro. Tal reação positiva, entretanto, não foi a de Israel como um todo, pois Israel tropeçou na pedra que Deus colocou em Sião.

Romanos 10

2) A Ignorância de Israel sobre a Justiça de Deus. 10:1-3.

1. Novamente o apóstolo expressa sua preocupação com o seu povo. Em lugar de **por Israel** (E.R.C.) os melhores textos trazem a **favor de**. Paulo orava em favor deles *para sua salvação* – isto é, para que eles se apropriassem dessa salvação.

2. Seu zelo por Deus não se apoiava no conhecimento – não com (verdadeiro) **entendimento** (Arndt, *epignosis*, pág. 291).

3. Nas mentes dos leitores judeus naturalmente surgiria uma nova pergunta: Por que tantos de Israel rejeitaram, apesar de possuírem o pacto da circuncisão por sinal de que eram membros do povo eleito de Deus? Paulo responde: **Porquanto, desconhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à que vem de Deus**. Nesse versículo há dois contrastes. Primeiro, os israelitas procuraram estabelecer sua própria justiça. Observe a sua autoconfiança.

Segundo, eles não se sujeitaram ao que Deus tinha providenciado – suas vontades eram inflexíveis. Tendo tropeçado na pedra de tropeço (Cristo), nada sabiam do dom divino da justiça.

3) **Ligação Entre a Justiça da Fé e o Objeto da Fé. 10:4-15.**

4. Neste versículo duas coisas foram acentuadas: 1) o que Cristo é; 2) quem é beneficiado pelo que Cristo é. **Porque o fim da lei é Cristo para justiça de todo aquele que crê.** A palavra fim – *telos* parece combinar as idéias de ambos, alvo e término (veja Arndt, *telos*, 1, a.b.c., pág. 819). Não podemos dizer simplesmente que Cristo é o alvo e o término da Lei. Antes, Ele é o alvo e o término da Lei no que se refere à justiça. Antes de Cristo vir, os crentes em Deus estavam em tensão. Isto é, eles tinham a promessa de vida na condição de viver da maneira inatingível.

5. Embora Paulo, ao citar Moisés, modifica um pouco Lv. 18:5, tanto nos textos hebraico e grego, ele apresenta substancialmente o sentido do versículo.

O homem que praticar a justiça decorrente da lei (da justiça exigida pela lei) **viverá por ela** (pronome feminino, referindo-se à justiça). No texto grego em Lv. 18:5 o crente judeu recebe a ordem de guardar *todas* as ordenanças e juízos. Embora aquele que confiava em Deus se esforçasse ao máximo para cumprir a justiça exigida pela Lei, tinha também consciência de seus fracassos. Essa inconsistência causava tensão. Por isso os que eram fiéis faziam ofertas pelos seus pecados e transgressões. Por este motivo, o crente judeu não podia aceitar Lv. 18:5 como garantia legalista da vida eterna, mas apenas como uma promessa de Deus envolvendo a comunhão do homem com Ele. Ele não o aceitava como uma prescrição legalista. Fazê-lo tornaria a tensão intolerável. Cristo quebrou essa tensão. Com a Sua vida e morte revelou a perfeita justiça de Deus, oferecida pelo Pai com base na fé no Filho. Esse era o alvo para o qual a Lei apontava. Ele acabou com a tensão produzida pela promessa de vida ao homem, que fizesse o que o homem não podia

fazer. Uma vez que o homem não podia viver de acordo com as exigências divinas, a salvação sob a Velha Aliança, como também sob a Nova Aliança, tinha de ser pela fé.

Em Rm. 10:6-8 Paulo cita Dt. 30:12-14, entremeando com seus próprios comentários e frases. No V.T., na passagem citada, o pronome oblíquo "o" nas perguntas referentes ao subir e descer para trazê-lo aos homens, refere-se ao mandamento de "amar o Senhor Deus". Foi esse mandamento de Deus que estava no coração e boca dos israelitas.

6,7. Mas Paulo toma a linguagem de Deuteronômio e a aplica à justiça que vem da fé, Ele se refere ao subir e descer de Cristo.

8. A palavra que está na boca e no coração é *a declaração da fé*. Paulo não está dizendo que Moisés, em Deuteronômio, previsse que a justiça viria pela fé. Antes, ele diz: "A justiça que é pela fé diz assim" (10:6). A compatibilidade de ambas as alianças mostra-se pelo fato, de que esta justiça se encaixa na linguagem do N.T.

9. Confissão com a boca e crença no coração refere-se às reações interna e externa do crente. Sua convicção interior precisa de expressão exterior. Quando ele confessa que Jesus é o Senhor, ele está declarando a divindade de Cristo e a Sua exaltação, e o fato de que ele, o crente, lhe pertence. A crença de um homem na Ressurreição, prova que ele sabe que Deus agiu e triunfou na cruz. Um homem que confessa que Cristo é o Senhor e tem essa crença ou convicção alcançará a salvação.

10. Esta confiança ou crença é uma atividade constante e refere-se à justiça; a confissão é também uma atividade constante e refere-se à salvação. Estas verdades, confessadas e cridas, são convicções constantes e duradouras.

12. Uma vez que tal confissão e crença -são essenciais para a salvação, a próxima declaração de Paulo toma-se pertinente e quase auto-evidente. Na questão da consecução da salvação, **não há distinção (diferença) entre judeu e grego**. Cristo é o mesmo **Senhor de todos, rico (e generoso) para com todos os que o invocam**. Os escritores do N.T. fizeram do nome Senhor (*kyrios*) um dos seus títulos favoritos ao se

referirem a Jesus (veja Arndt, *kyrios*, 2. c., págs, 460, 61; Foerster, TWNT, III, 1087 94). Paulo toma a citação do V.T. que fala de Jeová como o Senhor e aplica o termo a Jesus (cons. vs. 13 e 12). Invocar o nome do Senhor significa invocar Jesus. Assim, orar a Jesus está explicitamente recomendado por esta linguagem.

14,15. A ligação que existe entre a justiça da fé e o objeto da fé é simples. A crença no objeto da fé (Cristo) produz a justiça da fé, no crente. Quando os homens confiara em Cristo, invocara o Seu nome. Isto leva Paulo a indagar sobre a invocação do nome do Senhor. Não pode haver *invocação* sem crença ou *confiança*. Não pode haver crença ou confiança, sem ouvir. Não pode ouvir sem que haja *pregação*. Não haverá *pregação* se os pregadores não forem *enviados*. Observe que a pregação de Deus aos homens começa pela delegação dos mensageiros. Então por meio da pregação, do ouvir e confiar, os homens são levados a invocar o nome do Senhor. A beleza dos pés dos mensageiros refere-se, à presteza deles em levarem as boas novas. A citação de Is. 52:7 refere-se à notícia levada pelos mensageiros, de que Jeová redimiu Jerusalém. Paulo aplica estas palavras às boas novas sobre Cristo – o Evangelho.

4) As Boas Novas Rejeitadas. 10:16-21.

16. Embora as boas novas fossem proclamadas; isto não significa que os ouvintes obedçam às boas novas. Paulo cita [saías perguntando: "Senhor, quem ouviu a nossa pregação?" (cons. Is. 53:1).

17. O apóstolo tira a conclusão de que a **fé** vem da **pregação** (das coisas ouvidas). E a **pregação** tem de ser pela **palavra** (*ordem, mandamento, direção*) **de Cristo**. Uma tradução diz *Deus*, mas os melhores manuscritos trazem **Cristo**.

18. Uma vez que Israel teve ambos, os mensageiros que proclamam as boas novas e as próprias boas novas, por que os judeus não obedeceram? O apóstolo trata das duas desculpas que possam ser apresentadas. **Porventura não ouviram?** Sim, ouviram muito bem. Ele cita Sl. 19:4, o qual originalmente tratava da proclamação universal da

glória e poder de Deus pelas obras da natureza. Ele aplica as palavras deste salmo ao Evangelho – **Por toda a terra se fez ouvir a sua voz, e as suas palavras até aos confins do mundo.** A segunda desculpa trata de uma falha de conhecimento.

19. Porventura não terá chegado isso ao conhecimento de Israel? Sim, soube muito bem. Moisés foi o primeiro a dizer, que Deus usaria uma nação ou gente falta de entendimento para tomar os judeus ciumentos e irados (cons. Dt. 32:21). Os judeus, além de ouvirem a mensagem sobre Cristo, sabiam também que Deus se ocuparia de outras gentes além deles mesmos.

20. Paulo cita o profeta Isaías afirmando isto (Is. 65:1, 2). Na verdade, os dois versículos citados de Isaías referem-se ao Israel desobediente. Mas em Rm. 10:20, o escritor aplica Is. 65:1 aos gentios. Em Rm. 10:21 ele aplica Is. 65:2 a Israel. Aplicando a linguagem de Is. 65:1 aos gentios é o mesmo que aplicar Os. 2:23 e 1:10 (cons. Rm. 9:25, 26) a eles. O apóstolo representa Deus dizendo aos gentios: **Fui achado pelos que não me procuravam, revelei-me aos que não perguntavam por mim.**

21. Em contraste, o Senhor implora a Israel – Ele estendeu suas mãos a um povo rebelde e contradizente.

Romanos 11

D. A Situação de Israel no Tempo de Paulo. 11:1-10.

1. Embora Paulo tivesse acabado de descrever a desobediência e obstinação do seu povo, ele declara agora: **Terá Deus, porventura, rejeitado o seu povo? De modo nenhum.** Sendo ele mesmo, Paulo, um israelita, a idéia de que Deus pudesse rejeitar Seu povo era-lhe repugnante. Por seu povo Paulo quer dizer a nação de Israel.

2a. Deus não rejeitou o seu povo, a quem de antemão conheceu. A expressão **seu povo** enfatiza a anterior escolha ou seleção divina. A expressão **de antemão conheceu** indica que o Senhor conheceu de antemão que Israel seria desobediente e obstinado (cons. 10:21). Deus

conhecia de antemão os pecados do Seu povo, mas Ele não lhos decretou diretamente (veja Tg. 1:13).

2b-5. Mostrando que havia um Israel remanescente que era fiel, Paulo prova que Deus não repudiou o Seu povo. O apóstolo lembra seus leitores, que havia um remanescente piedoso no tempo de Elias, e declara que há um remanescente semelhante no seu tempo (Rm. 11:5). **Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente** (veja Arndt, *ginomai*, II, 5, pág. 159), segundo a eleição da graça (veja Arndt, *ekloge*, 1, pág. 242). A graça produz ou provoca esta eleição.

6. Esta verdade torna a ser declarada. A seleção é pela graça ou favor de Deus – não pelas obras dos homens. Obras sugerem legalismo e nulificam a graça.

7. Que conclusão devemos, pois, tirar? Temos de concluir que, em Israel, há atualmente um remanescente fiel e que há uma maioria incrédula. **O que Israel busca isso não conseguiu; mas a eleição o alcançou; e os mais foram endurecidos.** Um intérprete deve perguntar: O que foi que Israel buscou e não alcançou? Paulo já respondeu essa pergunta em 9:32 e 10:3. Israel buscou a justiça. Mas em lugar de se submeter à justiça de Deus, procurou estabelecer a sua própria justiça. Os eleitos alcançaram a justiça que Deus concede.

8. Os demais **foram endurecidos.** Eles foram endurecidos porque deixaram de se submeter à justiça de Deus. Eis aí Deus novamente atuando em castigo judicial. Quando um homem se confronta com a justiça de Deus, mas toma a decisão de continuar no seu próprio carrinho, o embotamento, a dureza e a cegueira são o resultado. Paulo aplica as palavras do V.T. à sua geração. Sua primeira citação foi de Dt. 29:4, com um pouco de Is. 29:9, 10 incluído. Ele intensifica esta passagem do V.T. para enfatizar o endurecimento judicial. Deus dá um espírito de estupor (cons. Is. 10), olhos que não vêem, ouvidos que não ouvem.

9,10. Finalmente, o apóstolo cita Sl. 69:22, 13 – a tradução da LXX – na qual o salmista descreve a mesa dos seus inimigos deserta, seus olhos obscurecidos, e suas costas encurvadas por causa da luta. Assim, Paulo diz que, embora a maioria do povo de Deus está atualmente sob julgamento divino, a existência de uma minoria é a prova de que o Todo-Poderoso não repudiou o Seu povo.

E. A Perspectiva do Futuro de Israel. 11:11-36.

Aqui Paulo chega à conclusão do seu discurso sobre o lugar de Israel e dos gentios no plano de Deus. O propósito da ação de Deus na história é que Ele quis ter misericórdia de todos – judeus e gentios. O papel de Israel é mais impressionante, quer na rejeição, quer na aceitação. Harmonizando-se em um quadro sublime vemos toda a história, as atitudes e reações de Israel e dos gentios, e a sabedoria de Deus no inter,relacionamento desses dois grupos. Na metáfora da oliveira vemos a impressionante unidade do povo de Deus em ambos os convênios.

1) A Extensão da Bênção entre a Queda e a Plenitude de Israel. 11:11-15.

11. Paulo começa com sua costumeira pergunta. **Porventura tropeçaram para que caíssem? De modo nenhum.** Pelo contrário, foi por meio do pecado (transgressão) de Israel, que a salvação veio aos gentios com o propósito de provocar o ciúme de Israel.

12. Qual foi esse pecado ou transgressão? O da incredulidade. **Ora se a transgressão deles redundou em riqueza para o mundo, e o seu abatimento em riqueza para os gentios, quanto mais (será) a sua plenitude** (dos judeus). O cumprimento das exigências divinas por parte dos judeus enriquecerá o mundo. O pecado de Israel (a incredulidade) e sua derrota foram os meios que Deus usou para abençoar os gentios. O apóstolo argumenta partindo do menor para o maior; podemos ver, assim, que a ação positiva dos judeus - o cumprimento das exigências de

Deus (veja *pleroma*, Arndt, 4, pág. 687) – produzirá bênçãos ainda maiores.

13. O escritor lembra aos gentios a bênção que receberam – **Dirijome a vós outros, que sois gentios.** Paulo magnifica o fato de seu ministério ser aos gentios.

14,15. Ele espera, com isso, provocar o ciúme dos seus irmãos na carne e salvar alguns deles. **Porque, se o fato de terem sido eles rejeitados trouxe reconciliação ao mundo, que será o seu restabelecimento (com Deus), senão vida dentre os mortos?** Observe que Paulo continua a argumentação partindo do menor para o maior. A rejeição de Israel envolveu a reconciliação do mundo. Ambos, judeus e gentios, foram reconciliados entre si e com Deus em Cristo. É uma realização notável. Mas a aceitação de Israel por Deus produzirá uma realização ainda mais significativa – **vida dentre os mortos.** Isto sem dúvida se refere ao clímax da reconciliação na volta de Cristo, a ressurreição dos mortos, o libertamento da criação da escravidão da deterioração ou corrupção (8:21), e o glorioso reino de Cristo.

2) Os Gentios Individualmente Carecem de Base para se Gloriarem. 11:16-21.

Devemos nos lembrar que a carta aos Romanos foi escrita a um grupo particular em Roma. No versículo 13 o escritor esclarece: **Dirijome a vós outros, que sois gentios.** Mas em 11:17-24 ele tem em mente o leitor gentio individual. Nestes versículos encontramos oito pronomes e treze verbos na segunda pessoa do singular. Embora a maioria dos israelitas tenha sido derrotado e, rejeitado, nenhum gentio deveria se atrever ao orgulho ou auto-suficiência. Por isso, Paulo toma os gentios, individualmente, cômicos de sua posição em relação a Israel. Então no versículo 25 ele volta ao vós e encara os crentes gentios e Israel como dois grupos.

16. Encontramos aqui duas metáforas: **as primícias** e a **massa**, e a **raiz** com os **ramos**. As primícias da massa e a raiz referem-se a Abraão

e aos outros patriarcas, Isaque e Jacó (veja o destaque que Paulo dá aos "pais" em 9:5 e 11:28). Toda a massa e os ramos referem-se a Israel, o povo de Deus, que descende dos patriarcas. A santidade atribuída à parte e ao todo, a raiz e os ramos, é a da dedicação, consagração, separação para Deus. Esta é uma santidade legal, para o grupo à vista de se constituir o povo escolhido de Deus.

17-24. Paulo desenvolve a segunda metáfora nos versículos 17-24. Alguns dos ramos foram quebrados (v. 17). O gentio individualmente, sendo oliveira brava, foi enxertado entre os ramos da oliveira natural. Assim; este ramo, o gentio individualmente, foi feito **participante da raiz e da seiva da oliveira** (v. 17). Mas depois Paulo adverte o gentio individualmente a deixar de se vangloriar contra os ramos. Ele não tem base para a sua vanglória: **não és tu que sustentas a raiz, mas a raiz a ti** (v. 18). O destaque aqui foi dado à unidade, que caracteriza o povo de Deus de ambos os pactos. O apóstolo passa a tratar então o argumento dos ramos que foram quebrados a fim de que o gentio pudesse ser enxertado.

20,21. Bem! pela sua incredulidade foram quebrados; tu porém, mediante a fé estás firme. Não te ensoberbeças, mas teme. Porque se Deus não poupou os ramos naturais, também não te poupará. A diferença entre os ramos quebrados e o ramo enxertado consiste na presença da fé. Incredulidade significa rejeição. A fé significa aceitação. Em vez de permanecer orgulhoso sobre um falso senso de segurança, o gentio individualmente deve temer. Temor genuíno de Deus e respeito por Ele constituem a base da verdadeira segurança. Deus quebrou os galhos naturais por causa da incredulidade deles (v. 20). Se Ele não tolerou a incredulidade neles, não tolerará tão pouco em você.

3) A Bondade e a Severidade de Deus. Revelada por Sua Reação, Diante da Crença e da Incredulidade. 11:22-24.

22. Pois. O escritor está concluindo sua extensa metáfora sobre a raiz e os ramos. **Considerai, pois, a bondade e a severidade de Deus:**

para com os que caíram, severidade; mas para contigo, a bondade de Deus, se nela permaneceres (de Deus); **doutra sorte** (se tu não permaneceres na esfera da bondade divina) **também tu serás cortado**. Paulo insiste com o gentio individualmente a permanecer na bondade de Deus. Isto, é claro, envolve sua continuação na fé (v. 20), mas Paulo destaca que Deus cuida daqueles que confiam ou crêem nEle. Portanto, *permanecer na bondade de Deus* expressa bem o pensamento. Essa bondade será a porção do gentio se ele *permanecer, persistir, perseverar* (veja Arndt, *epimeno*, 2, pág. 296) nessa bondade. Depois vem uma cláusula causal que envolve um contraste, **doutra sorte** [*epei*, veja Arndt, 2, pág. 283. Com um **pois** elíptico (se fosse diferente), **pois . . . doutra sorte**; Rm. 3:6; 11:6, 22 etc.]. Como nos outros contextos de Romanos onde aparece esta palavra **doutra sorte** (gr. *epei*), o leitor, para entender o significado, tem de inverter o pensamento precedente e então tirar a conclusão. Assim, deveria ser: "De outra maneira, se você não continuar na esfera da bondade de Deus, você também será cortado". Estas palavras solenes do apóstolo fazem nos lembrar as palavras de Jesus: "Todo ramo que, estando em mim, não der fruto, ele o corta" (Jo. 15:2a); "Se alguém não permanecer em mim, será lançado fora a semelhança do ramo" (Jo. 15:6a). Para se ter certeza de que esta advertência é válida, a construção grega mostra que Paulo não declara se o indivíduo vai ou não continuar: **Se permaneceres na sua bondade**, a benignidade de Deus será sua.

Isto mesmo Paulo escreveu em Rm. 8:28-30, que o propósito de Deus para aqueles que o amam começa com o Seu conhecimento e decreto anterior, e termina com a Sua glorificação. Deus não revelou todos os aspectos do Seu propósito e tudo que está envolvido na Sua eleição. O que Ele tomou conhecido centraliza-se no fato de que os crentes são eleitos em Cristo (Ef. 1:4). Está muito claro que o Senhor agiu "por" e "em" aqueles que estão "em Cristo". Mas, está igualmente claro que aqueles "em Cristo" devem também agir: devem continuar; devem produzir fruto. Sua ação, o escritor expõe, é exatamente tão

essencial quanto a ação de Deus em atraí-los e em colocá-los em Cristo. Se um mestre despreza qualquer um destes dois aspectos - a ação de Deus e a reação do crente – afastou-se do N.T. Se alguém pensa que compreende inteiramente o relacionamento entre estes dois fatores, esqueceu-se que Deus deixou algumas coisas a serem reveladas nos séculos vindouros (cons. Ef. 2: 7).

23,24. Se aqueles que pertencem a Israel não continuarem nem persistirem na incredulidade, **serão enxertados**. Agora Paulo destaca a capacidade de Deus. Ele é poderoso, forte, grande – capaz de enxertá-los novamente. Uma vez que, na linguagem da metáfora, o Senhor fez o que era contrário à natureza, pode certamente enxertar ramos da oliveira natural de volta na oliveira natural.

24. Quanto mais mostra a confiança de Paulo no plano de Deus.

4) Salvação para o Povo de Israel. 11:25-27.

25. O mistério, que Paulo não quer que os seus leitores sejam ignorantes, é que **veio endurecimento em parte a Israel, até que haja entrado a plenitude dos gentios** (comecem a desfrutar das bênçãos prometidas). Se os seus leitores não o perceberam, poderão se tornar presumidos. **Em parte.** Tipo de cláusula característica de Paulo. A "parte" é uma parte muito grande, mas está equilibrada pela **plenitude** dos gentios – aqueles que foram conhecidos e chamados de antemão por Deus (cons. 8:28-30).

26. E assim todo o Israel será salvo. Todo o Israel. A nação de Israel. Compare com o paralelo de Jacó na citação seguinte. Todo. Não necessariamente cada indivíduo, mas indivíduos em número suficiente para tomar os crentes em Cristo representantes da nação. A expressão e **assim** está relacionada com a citação de Is. 59:20, 21 e Is. 27:9. A salvação de Israel está diretamente relacionada com a ação pessoal do libertador, Jesus, o Messias. O **e** (*kai*), com o qual começa o versículo 26 é uma conjunção coordenativa. Ela sugere que a obra do Libertador (Cristo), de desviar a impiedade de Jacó e salvar todo o Israel, está de

mãos dadas com a entrada da plenitude dos gentios nas bênçãos e favor de Deus. Depois desse lançar de olhos para o futuro, Paulo retorna aos seus dias.

5) A Misericórdia de Deus para com Todos, Engrandecida por Sua Ação na História. 11:28-32.

28. A grande maioria dos israelitas contemporâneos, no que se referia às boas novas de Cristo, era hostil para com os cristãos romanos. Mas, sendo os judeus ainda o povo eleito de Deus, os cristãos romanos deviam considerá-los e amá-los por causa de seus pais. Observe aqui um grupo que, embora eleito, está afastado de Deus. Os leitores gentios de Paulo tinham um relacionamento de contraste com os judeus. Quanto ao Evangelho, são eles inimigos por nossa causa. Tendo rejeitado o Evangelho, a maior parte do povo judeu tomou-se hostil para com os cristãos. Tendo sido rejeitados por Deus que demonstrou misericórdia para com os gentios, eles tratavam os gentios como a inimigos. **Quanto, porém, à eleição** (dos judeus por Deus), (eles são) **amados por causa dos patriarcas.** Isto se refere à eleição de toda a nação judia e ao fato de que o povo era amado porque Deus escolhera seus pais. A eleição pode envolver toda uma nação, como aqui; ela pode envolver um remanescente, como em 11:5; ela pode envolver um grupo menor, tal como os Doze (Jo. 6:71). Em cada um desses casos, a eleição se referia a uma tarefa específica para a qual o grupo foi comissionado por Deus.

29. Paulo ensina a fidelidade de Deus quando diz: **os dons e a vocação de Deus são irrevogáveis. Dons.** Os privilégios desfrutados por Israel (cons. 9:4, 5). **Vocação.** A declaração divina a Israel ou Jacó que eles eram o Seu povo (cons. Is. 48:12). Os gentios, que foram desobedientes a Deus, obtiveram a misericórdia por causa da, ou por meio da, desobediência de Israel. Agora, por causa da misericórdia experimentada pelos gentios, o povo de Israel deve experimentar a misericórdia.

32. A conclusão de Paulo é que **Deus a todos encerrou na desobediência, a fim de usar de misericórdia para com todos.** Cada **todos** deste versículo refere-se a ambos, judeus e gentios. Deus aprisiona os homens com o propósito de libertá-los. **Com todos . . . misericórdia.** Não a salvação de todos. O ensinamento de Paulo sobre aqueles que desprezam a bondade de Deus, também se aplica àqueles que desprezam a Sua misericórdia (veja 2:4).

6) Excelência e Glória de Deus – a Fonte, o Sustentador, e o Alvo de Todas as Coisas. 11:33-36.

O plano de Deus na história capacita-o a demonstrar misericórdia para com ambos, Israel e os gentios, para que Ele possa ter misericórdia de todos. E Ele é capaz de fazer a rebeldia dos homens servir a um propósito em Seu plano. Isto faz Paulo irromper em louvores.

33. Profundidade. As riquezas, sabedoria e ciência de Deus são inexauríveis. Seus **juízos** ou *decretos* estão além da capacidade humana de sondá-los. Seus **caminhos** – o todo de Sua conduta – não podem ser acompanhados ou traçados. Nenhum homem é suficientemente grande para observar todas as ações de Deus e segui-las uma a uma. As citações do V.T. (Is. 40:13; Jó 41:11) mostram que Deus é independente do homem.

36. Finalmente, em uma enorme onda repentina de devoção, Paulo atribui glória a Deus para sempre, ao Deus que é a Fonte, o Sustentador, e o Alvo de todas as coisas.

IV. A Atitude e a Conduta que se Espera dos Cristãos em Roma. 12:1 - 15:13.

Evidentemente Paulo estava bem informado das necessidades dos crentes em Roma. Embora a maior parte de suas exortações se enquadram em qualquer grupo de crentes, muitos deles achavam que o apóstolo pensava em um grupo particular quando escrevia. O alcance

dessas exortações é surpreendente. A vida cristã é simplesmente ser um cristão e agir como um cristão em cada setor da vida.

Romanos 12

A. Consagração de Corpo e Mente. 12:1, 2.

1. A linguagem aqui é do V.T, e faz-nos lembrar que os crentes judeus ofereciam sacrifícios ao Senhor. Mas os crentes cristãos, em vez de oferecer algo fora de si mesmos, devem oferecer seus próprios corpos a Deus, como sacrifícios vivos, santos e aceitáveis. Este tipo de sacrifício é um culto espiritual que envolve todos os seus poderes racionais.

2. Por causa da declaração envolvida, os crentes não devem se conformar com este mundo, mas devem se transformar pela **renovação** de suas mentes (12:2). Tal transformação e renovação se alcança experimentando (aprovando ou descobrindo) que a vontade de Deus é boa, agradável e perfeita.

B. A humildade no Uso dos Dons de Deus. 12:3-8.

3. Na introdução da questão dos dons, Paulo fala da **graça** que lhe foi dada para capacitá-lo a ser um apóstolo. Depois ele exorta cada um dos seus leitores a que não sejam arrogantes, isto é, que não pensem bem demais sobre si mesmos. Ele apela para um jogo de palavras, usando diversos termos gregos que têm a palavra "mente" ou "pensar" como elemento básico – **que não pense de si mesmo, além do que convém** (*saber*), **antes, pense com moderação** (*com equilíbrio na avaliação*). Devemos fazer uma auto-avaliação quanto ao que Deus repartiu a cada um. Paulo aqui não fala da "fé salvadora" mas antes de "uma fé que impulsiona uma pessoa na obra de Deus". A "fé salvadora" não seria o padrão para um auto-exame correto. Só o orgulho poderia dizer: "Veja quanta fé salvadora eu tenho". Mas é com humildade que se diz: "Eis aqui a fé que eu tive na execução desta ou daquela tarefa particular para Deus". Isto apenas leva à oração, "Senhor, aumenta a nossa fé" (veja Lc.

17:5). Na lista dos heróis da fé em Hb. 11, vemos que a medida da fé dada, corresponde à tarefa a ser realizada.

4,5. O **um só corpo** do qual os muitos são membros, enquanto ao mesmo tempo são, individualmente, membros uns dos outros, é a Igreja universal, constituída de todos os crentes em Cristo. (Veja I Co. 10:17; 12:12, 13, 28; Ef. 1:22, 23; 2:15b, 16; 4:3-6, 11-13, 15, 16; 5:22-30; Cl. 1:17, 18, 24, 25). O símbolo do corpo descreve a Igreja como um organismo, com cada membro recebendo vida de Cristo (veja Cl. 3:3). Uma vez que todos os membros recebem sua vida de Cristo, eles todos se pertencem mutuamente. Grupos locais de crentes são a manifestação local do corpo de Cristo, a Igreja. Tal grupo local é **corpo** de Cristo, mas não *todo o corpo de Cristo* (veja I Co. 12:27). *O corpo de Cristo* consiste da totalidade dos crentes que estão unidos a Cristo, a cabeça da Igreja.

6. A **graça** de Deus concedida a crentes individualmente, está comprovada nos diferentes dons. Paulo faz uma lista dos dons e depois diz de que modo cada um deve ser usado. Em cada caso o leitor, para entender, deve suprir o verbo, *vamos usá-lo*, seguido do dom particular. **Se profecia, seja** (vamos usá-la) **segundo a proporção da fé**, ou *no correto relacionamento com a fé*. **Fé** aqui significa o corpo da fé, da crença ou doutrina (veja Arndt, *pistis*, 3, págs. 669-670). A profecia, que tem a intenção de exortar, encorajar e confortar (veja I Co. 14:3), deve ser usada no devido relacionamento. com a verdade revelada de Deus.

7. A palavra *diakonia*, que foi traduzida para **ministério**, pode ser traduzida para serviço se for tomada no sentido geral. Se o tomarmos no sentido particular, refere-se ao *ofício de um diácono*. A ênfase aqui é na necessidade de se usar esses dons. Aqueles que têm os dons de *ensinar* e *exortar* devem exercitá-los.

8. O que **contribui** deve fazer com liberdade. A palavra *proistemi*, traduzida para **preside**, pode significar isso mesmo ou *dar ajuda*. Isto tem de ser feito com alegria. Aquele que tem o dom de exercer misericórdia deve usar o dom **com alegria**. Os dons aqui mencionados são – 1) profecia, 2) ministério (serviço ou ofício de diácono), 3) ensino,

4) exortação (possivelmente conforto, encorajamento), 5) repartir, 6) presidir ou dar ajuda, 7) exercitar misericórdia. Cada um é um talento particular para um tipo particular de atividade.

C. Qualidades do Caráter Exemplificadas. 12:9-21.

Devemos meditar nesta lista se quisermos que o seu impacto nos atinja.

9. O amor tem de ser genuíno (ou sincero, sem hipocrisia). Os crentes têm o mandamento de aborrecer o mal constantemente e a se apegarem constantemente ao bem. **10.** Devem se dedicar uns aos outros com amor fraternal e devem se exceder uns aos outros na demonstração do respeito recíproco.

11. Não devem ser indolentes. Devem ser **fervorosos** (*incandescentes*), literalmente, *fervendo, no espírito*. Devem servir continuamente ao Senhor.

12. Os crentes devem se regozijar na **esperança**, isto é, em tudo o que Deus tem prometido fazer por eles em Cristo. Devem suportar as aflições e estar sempre em oração.

13. Devem suprir as necessidades dos santos (companheiros crentes) e seguir ou buscar a hospitalidade.

14. Os crentes devem abençoar seus perseguidores e deixar de amaldiçoar os patifes.

15. Devem se regozijar com os que se regozijam e chorar com os que estão tristes. Sentir alegria genuína com o sucesso de outrem é sinal de verdadeira maturidade espiritual.

16. Os crentes devem viver em harmonia entre si. Em vez de lutar na consecução de coisas que estão altas demais para eles, devem se acomodar às maneiras simples, deixando de ser convencidos.

17. Não devem retribuir o mal com o mal. Antes, devem se preocupar com o que é moralmente bom diante de todos os homens.

18. Até onde for possível, os cristãos devem viver em paz com todos os homens.

19. Os crentes não devem procurar a vingança, mas devem dar oportunidade à ira de Deus para operar os seus propósitos (veja Arndt, topos, 2, c, págs. 830-831). O V.T. faz notar que a vingança e a recompensa pertencem a Deus.

20. Os crentes devem tratar os inimigos que se encontram em dificuldades, como tratariam os outros em circunstâncias semelhantes. Alimentando-os e dessedentando-os, os crentes amontoam brasas vivas sobre as cabeças deles. Está figura parece querer dizer que o inimigo corará de vergonha ou remorso diante de tão inesperada delicadeza.

21. A última qualidade de caráter mencionada em Romanos 12, mostra que Paulo sente que a vida cristã é como uma competição – **Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem.**

Romanos 13

D. Submissão às Autoridades do Governo Deve Ser Acompanhada por uma Maneira de Vida Amorosa e Reta. 13:1-14.

Como o cristão enfrenta suas responsabilidades diante do governo, como ele age para com o seu vizinho, e como ele se comporta na sua vida pessoal, todas são questões de grande importância.

1,2. A obediência ao Estado é mandamento divino. As palavras iniciais: **Todo homem esteja sujeito às autoridades superiores** definem a obrigação do cristão. O restante dos dois primeiros versículos mostra por que ele tem esta obrigação. **Não há autoridade que não proceda de Deus; e as autoridades que existem foram por ele instituídas.** A fraseologia enfatiza a autoridade e o cargo que ocupa. Nada se diz aqui sobre forma de governo. A passagem enfatiza o governo propriamente dito e os seus administradores quando funcionam devidamente. Resistir à autoridade do governo e resistir ao que Deus determinou. Aqueles que resistem receberão condenação.

3,4. Paulo descreve os governantes no devido exercício de suas prerrogativas. Uma vez que os governantes em suas devidas funções amedrontam os que fazem o mal – não o bem, o homem que não quer

temer os governantes, deve constantemente praticar o bem. Paulo descreve o homem que age assim, recebendo louvor das autoridades. Sua descrição da autoridade governante como sendo um *ajudante* ou *agente* de Deus parece-nos muito forte. Aquele que faz o mal deve temer. A autoridade não carrega a espada sem um propósito. Aqui está claro que Deus autorizou a força (a espada) para ser usada pelas autoridades humanas, a fim de evitar a anarquia e a tirania do mal na sociedade humana. Pela segunda vez no versículo (13:4), o governante é chamado de agente de Deus. Então Paulo acrescenta - um vingador que traz a ira (de Deus) sobre aquele que faz o mal.

5,7. Duas razões se apresentam para a obediência às autoridades constituídas, e certos resultados se seguem. As razões para a obediência são: 1) A ira de Deus administrada pelo governante cai sobre aquele que desobedece; 2) a consciência cristã declara que o cristão deve obedecer aos mandamentos divinos. Submissão aos governantes é um desses mandamentos. Ele envolve o pagamento dos impostos, pagamento de tarifas alfandegárias, demonstração de respeito para com aqueles que devem ser respeitados, e honra aos que devem ser honrados. Essas são as obrigações dos crentes pára com os governantes.

O amor, diz-se, é o cumprimento da Lei (13: 8-10).

8. A ninguém fiquéis devendo coisa alguma, exceto o amor com que vos ameis uns aos outros. O amor é a única dívida que um crente não pode saldar devidamente.

8b. Pois quem ama ao próximo, tem cumprido a lei.

9. Paulo mostra que os mandamentos sobre o adultério, homicídio, roubo, cobiça e todos os outros mandamentos, que se poderiam mencionar estão contidos na admoestação de se amar o próximo como a si mesmo.

10. De sorte que o cumprimento da lei é o amor. O mandamento de se amar o próximo como a si mesmo foi tirado de Lev. 19: 18. Nesta passagem do V.T, encontra-se, quase no fim de uma série de injunções, uma descrição de como o indivíduo deve agir em relação àqueles com os

quais convive. Enquanto o V.T, sugere que o amor é o cumprimento da Lei, Paulo o torna *explícito*. O amor demonstra claramente a positiva submissão do crente e sua ativa obediência a Deus. Conduta honesta é essencial por causa da aproximação da salvação completa (Rm. 13:11-14). O amor é uma qualidade positiva e criativa da personalidade. Alguns pecados tornam esse amor impossível e devem ser evitados a todo o custo.

11. A natureza do século presente é tal que os crentes devem *despertar do sono*. Indiferença diante do pecado deve ser substituída pela vigilância. A salvação "que agora está mais perto do que quando os leitores creram" refere-se a tudo quanto Cristo fará pelos crentes no Seu segundo advento. Certamente Paulo esperava que Cristo voltasse durante a sua vida.

12. O contraste entre a **noite** e o **dia**, **luz** e **trevas** não é apenas um tema bíblico familiar, mas também se encontra nos manuscritos do Mar Morto. O povo de Deus sabe que há uma linha que separa o mal da justiça. Mas os lembretes são sempre necessários. **Deixemos, pois, as obras das trevas, revistamo-nos das armas da luz.**

13. Depois Paulo exorta os leitores a se comportarem decentemente, como de dia, e faz uma lista de atividades específicas que devem ser evitadas. São elas bebedeiras ou orgias, atividades sexuais condenadas pela lei, indulgência sensual, contendas e ciúmes.

14. Finalmente, a vitória exige que o crente aja. Ele deve se revestir do Senhor Jesus Cristo. Deve deixar de fazer provisões (providenciar) para a carne, estimulando os desejos, proibidos por Deus.

E. A Tolerância Necessária para com Aqueles que têm Consciências Fortes e Fracas. 14:1 - 15:13.

Nesta seção Paulo discute as atitudes que dois tipos de cristãos têm um para com o outro. Quanto às questões cerimoniais – alimentos, guarda de dias os cristãos mais amadurecidos, no tempo de Paulo, compreendiam que tais coisas não eram importantes. Os cristãos mais

fracos, que ainda não tinham um padrão de consciência firme e "precisavam de um apoio", sentiam-se grandemente perturbados com o modo de agir do irmão mais forte. Dá-se que a consciência é forte quando tem um padrão de julgamento sadio, e fraca, se tem um padrão inferior.

Romanos 14

1) Diferenças de Opinião sobre Alimentos e Dias Especiais. 14:1-6.

1. Em primeiro lugar, Paulo discute se o grupo de cristãos deveria receber em seu meio, para confraternizar, aquele que é fraco no conhecimento quanto, ao que significa ser cristão e viver uma vida cristã. O apóstolo declara que esse tal deve ser recebido, mas não com o propósito de alimentar *contendas sobre dúvidas* (veja Arndt, *diakrisis*, 1, pág. 184).

2. O cristão mais fraco é aquele que acha que só deve comer vegetais. O cristão mais forte é aquele que crê que pode comer tudo.

3. Aquele que come não deve *constantemente desprezar* aquele que não come. Aquele que não come não deve *constantemente condenar* aquele que come. O comer ou não comer certos alimentos, para o Cristão, não constitui em si mesmo uma questão moral. É simplesmente uma questão de preferência. Presentemente, entretanto, Paulo mostra que *pode* se transformar em uma questão moral.

4. O cristão mais fraco não deve condenar o servo de outro homem; essa é prerrogativa do Senhor. Aqui Paulo acrescenta que o Senhor tem a capacidade de fazê-lo firmar-se.

5. Depois Paulo começa a discutir a questão dos dias especiais. O cristão mais fraco **faz diferença entre dia e dia**. O cristão mais forte **julga iguais todos os dias**. O apóstolo aqui não toma partido, mas simplesmente insiste que **cada um tenha opinião bem definida em sua própria mente**. Isto tacitamente dá a entender que cada um deve estabelecer a base de suas opiniões.

6. Ambos os grupos, quer observem um dia ou não, quer comam ou não, devem dar graças a Deus. Para que não haja dúvidas quanto a sua devoção ao Senhor.

2) O Julgamento é Feito pelo Senhor, Não pelos Irmãos. 14:7-12.

7. Dando graças ao Senhor, somos lembrados que os crentes não podem viver ou morrer para si mesmos. Para eles, tanto a vida como a morte, estão focalizadas no Senhor. Em cada experiência eles são propriedade do Senhor.

9. Cristo morreu e ressuscitou para que Ele tivesse o senhorio sobre os mortos e vivos.

10. Se Cristo é o Senhor, por que então o cristão mais fraco deve condenar seu irmão? Se Cristo é o Senhor, porque o cristão mais forte deve desprezar seu irmão? Ambos, o cristão mais forte e o mais **fraco** – todos (nós) – **compareceremos perante o tribunal de Deus**. A E.R.C. diz, **ante o tribunal de Cristo**, mas todos os melhores manuscritos dizem aqui **de Deus**. Em II Co. 5:10, Paulo fala do "tribunal de Cristo". A modificação é de pouca importância, uma vez que o próprio Jesus nos disse que o Pai não julga ninguém, mas entregou "ao Filho todo o juízo" (veja Jo. 5:22, 23, 27, 29). Deus julga os homens no sentido de que os julga através do Seu Filho.

11,12. Paulo cita Is. 45:23, da LXX, para mostrar que todos os homens devem comparecer diante de Deus em juízo; depois conclui: Todos nós daremos conta de nós mesmos (a Deus). **A Deus** não consta do texto original.

3) Remoção de Pedras de Tropeço. 14:13-23.

13. Paulo insiste com seus leitores que deixem de se condenarem mutuamente, e em vez disso, **tomai o propósito de não pordes tropeço ou escândalo ao vosso irmão**.

14. O apóstolo mostra que ele se põe ao lado dos cristãos mais fortes. Ele sabe que nada é impuro em si mesmo. Mas para o homem que acha que algo é impuro, toma-se impuro.

15. Não obstante, o alimento não deve constituir a causa de se ferir os sentimentos de um irmão (*entristecer*). Tais sentimentos de amargura podem afastar um homem cada vez mais de Cristo. **Por causa da tua comida não faças perecer. aquele a favor de quem Cristo morreu.** Ao discutir a palavra "destruir" (*apollumi*), Arndt coloca Rm. 14:15 sob o título, "Com referência à destruição eterna" (*apollumi*, Arndt, 1, a., alpha, pág. 94). Conclui-se que questões amorais podem se tornar morais, caso destruam a comunhão de alguém com Cristo.

16. A liberdade cristã está nas boas coisas da fé cristã. Mas um cristão não deve agir de modo que esse bem seja blasfemado.

17-19. Observe que o reino de Deus é uma realidade presente. Está definido como vida cristã: honestidade na conduta, paz ou harmonia, e alegria. Esta é a esfera do Espírito Santo (cons. 8:9) que dá energia ao crente para ser **agradável a Deus e aprovado pelos homens.** Em lugar de entrarem em conflito, Paulo insiste com os crentes a buscarem aquilo que proporciona a paz e a edificação dos outros crentes.

20,21. **Não destruas a obra de Deus por causa da comida.** Embora todas as coisas sejam puras, **mas é mau para o homem o comer com escândalo.** Com escândalo para o quê ou para quem? Se for com escândalo para os escrúpulos de outra pessoa, então a referência do comer foi feita ao cristão mais forte. Se for com referência ao prejuízo próprio, então é o cristão mais fraco que está sendo mencionado. O contexto no versículo 21 favorece o primeiro caso. Ou se enfraquecer não consta de muitos e bons manuscritos mais antigos.

22,23. **Fé.** Antes, *convicção*. **A fé que tens, tem-na para ti mesmo perante Deus. Bem aventurado é aquele que não se condena naquilo que aprova. Mas aquele que tem dúvidas, é condenado se comer, porque o que faz não provém de fé; e tudo o que não provém de fé é pecado.** Aqui está muito claro que cada um deve ter um padrão de

conduta. Tendo uma conduta correta, não haverá escrúpulos de consciência quanto ao comer; mas na conduta errada, com um padrão que resultou de uma maneira de viver do passado, resulta a condenação. *Convicção* é a certeza de que um padrão está certo. Sem uma base adequada para julgamento o crente pode estar convicto do pecado por causa de sua consciência, onde o pecado realmente não está envolvido. É altamente importante que o crente tenha um padrão correto para a sua consciência, e que ajude os seus companheiros crentes a alcançarem também esse padrão. Ele deve fugir de tudo que possa impedir o seu companheiro crente de alcançar um padrão correto, e tudo que separe seu companheiro crente da comunhão com Cristo.

Romanos 15

4) Os Fortes Devem Ajudar os Fracos em Vez de Se Agradarem a Si Mesmos. 15:1-3.

1. Ter paciência com os escrúpulos excessivos – **debilidades** – **dos fracos** (sem maturidade cristã) é a obrigação dos que são **fortes** (na fé).

2. Um crente deve agradar seu próximo para o bem do próximo e para sua edificação.

3. O crente tem o seu exemplo em Cristo, que não se agradou a Si mesmo. Paulo aplica as palavras de Davi em Sl. 69:10 a Cristo. Os opróbrios que recaíram sobre Cristo são evidência de que Ele não se agradou a Si mesmo.

5) Glória Dada a Deus pela Perseverança, Consolação e Harmonia. 15:4-6.

4. Qual o valor que o V.T, tem para o cristão? Ele tem instruções para os crentes cristãos. Ao ler e aceitar as Escrituras do V.T., o cristão recebe as duas coisas, **paciência** e **consolação**. Instrução, paciência e consolação são todos elementos essenciais para o cristão que tem **esperança** (v. 4). O V.T, pode fazê-lo porque é um livro sobre Deus e Seu povo, mais do que sobre idéias.

5. Paulo ora, que o Deus, que dá paciência e consolação, possa mudar seus leitores a viverem em harmonia entre si, com Cristo Jesus por padrão.

6. O propósito dessa harmonia é **que concordemente e a uma voz glorifiquéis ao Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo**. Observe que a união dos crentes é essencial se quiserem glorificar a Deus.

6) O Ministério de Cristo Teve Dois Objetivos, o Judeu e o Gentio. 15:7-13.

7. Ao concluir a questão do relacionamento entre os cristãos forte e fraco, Paulo insiste que eles se recebam mutuamente dentro da sociedade **como também Cristo nos acolheu** na Sua comunhão. O resultado de tal recepção é a glória de Deus.

8,9. Por dois motivos Cristo se tornou **o ministro da circuncisão** (isto é, dos judeus): 1) para provar que às promessas feitas aos pais são dignas de confiança; 2) capacitar os gentios a glorificar a Deus pela Sua misericórdia. Ao desfrutar das promessas feitas a e por meio dos judeus, os gentios glorificaram a Deus (cf. Rm. 11:11-36; Ef. 3:6). Ao se tomar ministro do povo judeu, Cristo se tornou ministro de todos os homens.

9b-12. Então Paulo faz quatro citações da versão grega do V.T. (LXX). Estas citações descrevem os gentios ouvindo um testemunho pessoal (Sl. 18:49), regozijando-se com o povo de Deus (Dt. 32:4, LXX), sendo exortados a louvar o Senhor (Sl. 117: 1), a serem governados pelo Rei messiânico e a terem esperança nEle (Is. 11:10).

13. Depois de mostrar o que está envolvido na conduta cristã, Paulo conclui com uma oração pelos seus leitores. **E o Deus da esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos na esperança no poder do Espírito Santo.** "Abundando em esperança cristã" deveria ser uma descrição exata de cada cristão. O cristão olha para o futuro com um entusiasmo contagiante. Deus o encheu com esperança.

**V. Itens de Interesse Pessoal e Cuidado com os Leitores.
15:14 – 16:27.**

A conclusão de Paulo é longa porque ele queria contar a seus leitores, quais os alvos que tinha na qualidade de apóstolo. Ele queria que os seus leitores sentissem, que tinham parte no seu ministério. Com suas saudações ele dá instruções, admoestações, e ensinamentos específicos. Esta seção certamente esclarece que Romanos é uma carta.

A. A Razão de Paulo em Escrever Ousadamente a Leitores Amadurecidos. 15:14-16.

14,15. Embora o apóstolo se sentisse confiante de que os cristãos romanos estavam cheios de bondade e num *estado de plenitude* quanto ao conhecimento cristão, ele escreveu esta carta para lembrá-los de certas verdades que eles já sabiam. Observe a modéstia de Paulo. Sua justificativa para escrever-lhes **mais ousadamente** sobre alguns pontos, surgiu do fato, que ele recebeu uma graça especial para o seu ofício.

16. Ele encarava o seu apostolado aos gentios como se fosse um ministério sacerdotal, no qual ele ministrava ou servia **o evangelho de Deus**, como sacerdote. O propósito de seu ministério era que *a oferta dos gentios* fosse aceitável, porque ele a consagrara pelo Espírito Santo.

B. Confirmação Sobrenatural da Obra Missionária Pioneira de Paulo. 15:17-21.

17. Uma vez que Paulo recebeu a graça de um apóstolo, e uma vez que ministrava o evangelho de Deus como sacerdote, ele podia declarar: **Tenho, pois, motivo de gloriar-me em Cristo Jesus nas cousas concernentes a Deus.**

18,19. Mas ele não se gloriava no que tinha feito, mas no que Cristo tinha realizado através de sua palavra e atos, pelo poder de sinais e maravilhas, pelo poder do Espírito. Seu alvo era obediência dos gentios - a qual os gentios já estavam prestando. Paulo encarava o seu território,

até então alcançado, como compreendido entre Jerusalém e o Ilírico (também chamado Dalmácia, uma província romana além da Macedônia, estendendo-se desde a costa oriental do Adriático – hoje Iugoslávia).

20,21. Sua ambição era pregar o Evangelho onde Cristo não era mencionado - isto é, não era conhecido. Ele pôs em prática as palavras de Is. 52:15, as quais se referem a reis. Mas Paulo as aplica aos gentios, que creram quando ouviram pela primeira vez as boas novas sobre Cristo.

C. Planos de Viagem: Jerusalém, Roma e Espanha. 15:22-29.

22. Muitas vezes me senti impedido de visitar-vos. Uma vez que Roma era o passo seguinte – exatamente do outro lado do Adriático – Paulo esperara muitas vezes fazer essa viagem.

23. Nestas regiões. Antes, *nesta oportunidade*. No território em que Paulo estivera, já não tinha mais oportunidade de pregar a Cristo, onde Ele antes era conhecido.

24. Por isso o apóstolo tinha esperanças de visitar os romanos a caminho da Espanha. Ele anuncia seu plano de *ir ter* com eles e de ser **encaminhado** por eles **depois de haver primeiro desfrutado um pouco a vossa companhia.**

25,26. Mas antes de Paulo poder ir, tinha de completar seu projeto imediato. Recebera contribuições dos crentes da Macedônia e Acaia para os santos pobres de Jerusalém. Ele encarava essa coleta como parte da obrigação espiritual dos gentios.

27. Assim como participaram das bênçãos espirituais de Israel, certamente deviam agora ministrar aos cristãos israelitas com seus bens materiais.

28. O apóstolo tinha esse fundo em conta de sagrado. **Havendo-lhes consignado este fruto, passando por vós, irei à Espanha** (veja Arndt, *spharigizo*, 2,d., pág. 804). Paulo menciona essa coleta em I Co. 16:1 e II Co. 8 e 9. **29.** Observe a confiança que o escritor tem de que ele iria **na plenitude da bênção de Cristo.** A palavra **evangelho** (E.R.C.)

não se encontra nos melhores manuscritos. Paulo iria com as bênçãos de Cristo, mas na qualidade de prisioneiro. Deus cumpriu o seu desejo, mas de um modo, que ele não previu. Ele sabia, entretanto, que o caminho à frente seria difícil. Por isso queda que seus leitores orassem por ele.

D. Específicos Pedidos de Oração. 15:30-33.

30. Paulo apelou para os seus leitores **por nosso Senhor Jesus Cristo e também pelo amor do Espírito** que orassem por ele. Ele desejava as mais fervorosas orações – **luteis juntamente comigo nas orações a Deus a meu favor.**

31. Ele lhes pediu que orassem, em primeiro lugar, que ele fosse libertado dos desobedientes judeus da Judéia. Ele sabia o quanto os judeus incrédulos da Palestina o desprezavam. Pediu também que os cristãos romanos orassem, para que a contribuição destinada a Jerusalém, fosse **bem aceita pelos santos.** Paulo desejava que os cristãos judeus aceitassem este gesto de amor cristão da parte dos cristãos gentios – a coleta de todas as igrejas gentias.

32. Finalmente, eles deviam orar para que ele, com alegria encontrasse descanso entre eles, quando fosse visitá-los pela vontade de Deus. Quando Paulo chegou a Roma, fê-lo na qualidade de prisioneiro, sem motivos externos para se alegrar. Ele não encontrou refrigério entre os romanos, uma vez que não tinha liberdade de visitá-los, embora eles fossem livres para vir a ele. A vontade de Deus indeferiu alguns dos detalhes do seu pedido, mas o pedido em si foi atendido.

33. Uma vez que Deus é o único que realmente pode produzir paz, é natural que Paulo termine esse pedido de oração com uma sentença, que é uma oração sua pelos leitores: E o Deus de paz seja com todos vós. Amém.

Romanos 16

E. Recomendações de Febe. 16:1-2.

1. Ao recomendar Febe, Paulo diz quem ela é e de onde ela vem. Era uma diaconisa da igreja da Cencrêia. Suas obrigações, como a dos diáconos, eram muito generalizadas. Necessidades materiais e também espirituais de outros eram atendidas por crentes como Febe (cons. Atos 6:1-6 com Atos 6:8-15 e 7:1-60).

2. Paulo pede aos romanos que a recebam no Senhor, **como convém aos santos**, e que a ajudem **em tudo o que vier a precisar**. Ela merecia tal acolhida, Paulo declara, **porque tem sido protetora de muitos** e ao próprio Paulo também. Este capítulo refuta a idéia de que Paulo não gostava de ver mulheres trabalhando nas igrejas ou entre os crentes. Seu tributo prestado a Febe é seguido de saudações a várias pessoas e grupos. Entre as pessoas saudadas estão oito mulheres. Paulo comenta especificamente o trabalho de cinco dessas mulheres (Maria, v. 6; Priscila, uma cooperadora, v. 3; Trifena e Trifosa, v. 12; Pérside, v. 12). A mãe de Rufo é tão querida de Paulo que ele a chama também de mãe (v. 13). Só duas mulheres são mencionadas sem comentários – Júlia e a irmã de Nereu (v. 15).

F. Saudações Particulares a Indivíduos e Grupos. 16:3-16.

A freqüência desses nomes nas catacumbas e inscrições dos antigos cemitérios de Roma e o significado destas informações, são bem comentadas por C.H. Dodd, *The Epistle to the Romans*, no *The Moffat New Commentary*; e por William Sanday e Arthur C. Headlam, em *The Epistle to the Romans*, no *The International Critical Commentary*. Nesses comentários sobre o livro aos romanos, veja as Introduções como também os comentários do texto.

3. Paulo começa com dois dos seus mais queridos amigos – Priscila e Áqüila. Desde que Paulo os conheceu em Corinto na sua segunda viagem missionária, eles continuaram trabalhando esforçadamente no

serviço de Deus (veja Atos 18:2, 18, 26; Rm. 16:3, 4; I Co. 16:19; II Tm. 4:19).

4. Como exatamente arriscaram suas vidas pela vida de Paulo, ele não diz. Mas o fato de que, além de Paulo, todas as igrejas gentias agradeciam por eles, mostra a extensão dos seus esforços por amor de Cristo.

5a. Paulo saúda a igreja em casa deles. Isto prova que o zelo de ambos por Cristo, em Roma, não diferia do que fora em outros lugares. Igrejas se reunindo em casas de família provavelmente também se encontram em 16:10, 11, 14, 15. Se for assim, então a menção de cinco igrejas domésticas, faz-nos entender que os cristãos em Roma, eram membros de pequenos grupos e não de uma só e grande assembleia.

5b. Epêneto foi saudado como o primeiro converso da Ásia Menor.

7. Andrônico e Júnias eram conterrâneos de Paulo, que estiveram com ele na cadeia em alguma ocasião. Paulo descreve-os como pessoas notáveis entre os apóstolos e cristãos antes dele próprio. Isto pode significar que eles já eram crentes há cerca de vinte e cinco anos.

13. Uma vez que, o que é escolhido também pode ser considerado destacado ou excelente, **Rufo, eleito no Senhor**, também poderia ser traduzido para: "Rufo, cristão notável" (Arndt, *eklektos*, 2, pág. 242).

16. A ordem **saudai-vos uns aos outros com ósculo santo** (cons. I Co. 16:20; II Co. 13:12; I Ts. 5:26) ou com ósculo de amor (I Pe. 5:14) mostra que uma fervorosa comunhão cristã era característica da igreja primitiva. Seja o que for que, na cultura moderna, seja característica de profunda afeição cristã – um beijo no rosto, um sincero aperto de mão, um segurar de ambas as mãos, etc. - é o equivalente da ordem apostólica.

G. Caráter Perigoso Daqueles que Ensinam Falsas Doutrinas. 16:17-20.

Paulo não está dizendo que falsos mestres já estavam presentes entre os crentes romanos. Mas ele sabia o que acontecia em outros lugares.

17. E rogo-vos, irmãos, que noteis bem aqueles que provocam divisões e escândalos, em desacordo com a doutrina que aprendestes.

A doutrina torna-se padrão. Eis aí a autoridade da mensagem apostólica. Os leitores de Paulo deviam desviar-se desses que produziam dissensões e tentações para o pecado.

18. Tais pessoas, em lugar de serem escravas de Cristo, eram escravas dos seus próprios estômagos. Mas suas maneiras cativavam os ouvintes. **Com suaves palavras e lisonjas enganam os corações dos incautos.**

19. Paulo queria que seus leitores fossem sábios quanto ao bem, mas inocentes no que se referia à participação no mal. Eis porque fez esta advertência.

20. Depois da advertência, a promessa: **O Deus da paz em breve esmagará debaixo dos vossos pés a Satanás.** Com a vitória final no horizonte, a oração é muito pertinente: **A graça de nosso Senhor Jesus Cristo seja convosco.**

H. Saudações dos Companheiros de Paulo em Corinto. 16:21-23.

21. Parentes. Antes, *conterrâneos*. Timóteo, cooperador de Paulo, é bem conhecido. Dos outros três não temos identificação positiva. Lúcio pode ser o Lúcio de Cirene (Atos 13:1). Jasom parece que é o Jasom mencionado em Atos 17:5-9. Sosípatro parece o Sosípatro de Atos 20:4, 22,23. Tércio, o escriba, a quem Paulo ditou a carta, envia suas próprias saudações. Gaio, que pode ser o Gaio mencionado em I Co. 1:14, diz-se que era hospedeiro não só de Paulo, mas de toda a igreja. Isto parece indicar que a igreja se reunia em sua casa. O fato de que Erasto era o tesoureiro da cidade, mostra que a fé cristã alcançara algumas pessoas da classe mais elevada. Quarto, o irmão, é o último a enviar saudações.

I. Confirmação Ofício dos Crentes pelo Deus Soberano da História. 16:25-27.

Veja a Introdução do comentário às orações finais e à doxologia no que se refere a sua localização na epístola.

25. A doxologia centraliza-se na capacidade ou poder de Deus de fortalecer os leitores. O fortalecimento divino é *segundo o evangelho de Paulo e a pregação de Jesus Cristo*.

Essa pregação tem sido levada avante **conforme a revelação do mistério** ou *segredo*. Três coisas são declaradas sobre o mistério ou segredo: 1) **guardado em silêncio nos tempos eternos**, ou há muito tempo atrás (v. 25). 2) **agora se tornou manifesto, e foi dado a conhecer por meio das Escrituras proféticas** (isto é, o V.T.), **segundo O mandamento do Deus eterno** (v. 26). 3) **para a obediência por fé, entre todas as nações** (v. 26). Este mistério se relaciona com a ação divina de procurar alcançar ambos, judeu e gentio, através da redenção que é em Cristo Jesus (veja Rm. 9; 11; Ef. 3:1-7; Cl. 1:26, 27; 2:2, 3; 4:3). Na linguagem de Ef. 3:6, o mistério consiste dos gentios serem co-herdeiros com os crentes judeus, pertencendo ao mesmo corpo, e de Serem participantes da promessa com eles (cons. Rm. 11:11-32).

27. Um resumo da capacidade e planos divinos precede a atribuição da glória a Deus. Bem no final do versículo (v. 27) há um pronome relativo, *a quem*, embora omitido por um bom manuscrito e alguns outros, parece que faz parte da maneira original de Paulo escrever. Mas é muito difícil de colocá-lo no texto, simplesmente porque toda esta doxologia centraliza-se em Deus. Glória seja dada ao único Deus sábio por Jesus Cristo. Esta glória é para todo sempre.

Talvez o sentido do texto possa ser entendido melhor se o lêssemos assim: *Que a glória para todo o sempre* (seja dada) *ao único Deus sábio, por Jesus Cristo, a quem* (também) *a glória para todo o sempre* (pertence). **Amém.** No texto original a frase *a glória para todo o sempre* só aparece uma única vez. O pronome relativo *a quem* segue-se a Jesus Cristo. A frase *glória para todo o sempre* segue-se a *quem*. Uma vez que

a doxologia centraliza-se em Deus e esta última cláusula centraliza-se em Cristo, parece melhor concluir que Paulo atribui a glória eterna a ambos, Deus e Cristo.

Quão bom, é que o livro de Romanos termina com o tema "Glória a Deus para todo o sempre!"